

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

Quem é Jesus para a comunidade do evangelho de Marcos e para nós hoje? Aparentemente, uma pergunta com resposta evidente. Mas não é tão óbvio assim. Na comunidade do Evangelho, uns diziam que ele era João Batista, outros, que era Elias, um dos profetas ou o Messias. E dentro da categoria messias cabiam muitas concepções diferentes da proposta de Jesus: poder dominador, glória, triunfalismo, violência. Hoje também, dentro da referência a Jesus e dentro do cristianismo, há muitas concepções diferentes e mesmo díspares: rei triunfante, sacerdote, psicólogo, economista, revolucionário, monge; espiritualidades voltadas apenas para a glória e para o transcendente, sem atenção à realidade social ou vice-versa.

O evangelho de Marcos procura esclarecer quem de fato é Jesus para evitar distorções em seu seguimento. No mês da Bíblia deste ano, dedicado ao evangelho de Marcos, temos a oportunidade de dar mais alguns passos no conhecimento e vivência desse Evangelho.

O contexto da comunidade de Marcos era marcado pela dominação estrangeira: número crescente de pessoas escravizadas, impostos abusivos, pedágios para circulação de pessoas e mercadorias, monopólio do comércio pelos romanos, muitas doenças e pessoas empobrecidas vagando pelas praças e mercados, repressão violenta das revoltas, incêndio e destruição de cidades. Frente a tudo isso, uma minoria de cerca de 5% esbanjava luxo e se beneficiava dessa situação. O sistema religioso, além da convivência e do recebimento de impostos destinados ao Templo, pregava a teologia da retribuição; a lei da pureza que segregava e excluía doentes e pobres legitimava a riqueza injusta como bênção de Deus.

Em meio a essa realidade sofrida surgem muitos movimentos messiânicos voltados à libertação do povo, movimentos violentos, e renasce o nacionalismo judaico, a espera de um messias rei que implante o reinado de Deus pela violência e dominação. Na comunidade de Marcos, também havia atração por

esse nacionalismo e pelos movimentos messiânicos. O Evangelho recolhe as memórias sobre Jesus, mostrando que o messianismo dele é diferente.

Como poderemos aprofundar pela leitura dos artigos, o messianismo de Jesus não é o do poder e da glória; ele é o Messias-servo, que não veio mandar e dominar, mas conviver, solidarizar-se e libertar as pessoas exploradas e excluídas pelo Império e pelo sistema religioso de então; um messianismo que passa pelo sofrimento da cruz por assumir as causas da justiça até o fim e se solidariza com os crucificados da história.

* * *

Coincidentemente, antes de escrever esse editorial, li uma notícia informando que um grupo de deputados iria se dirigir à CNBB para solicitar apoio a um projeto de lei para taxar grandes fortunas. A estimativa de arrecadação anual dessa taxa é próxima a R\$ 14 bilhões, que, pela proposta, serão depositados no Fundo Nacional de Saúde (FNS) e destinados, exclusivamente, ao financiamento das ações e serviços públicos de saúde. Segundo a deputada Jandira Feghali, “o apoio de uma entidade séria e comprometida com a área social é fundamental para romper as barreiras e aprovar o projeto”.

Essa é uma boa possibilidade de, como Igreja, exercitarmos nossa solidariedade com os crucificados de hoje no Brasil e defendermos a vida numa perspectiva muito eficaz e concreta. Pois a morte prematura e injustificável de tanta gente por falta de tratamentos básicos de saúde é uma gigantesca aviltação da vida diante de nossos olhos que brada por justiça. Sobretudo diante da opulência de uma pequena parcela da população brasileira. Certamente, o apoio da CNBB e de toda a Igreja pode dar uma força fundamental para essa iniciativa, lembrando que foi iniciativa da CNBB, com o recolhimento de 1,5 milhão de assinaturas, que propiciou a criação da lei da Ficha Limpa.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Twitter: @VidaPastoral

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO	Editoração PAULUS
Diretor Pe. Zolferino Tonon	ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br (11) 3789.4000 • FAX: 3789.4011 Rua Francisco Cruz, 229 Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP	Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184 vidapastoral@paulus.com.br www.paulus.com.br www.paulinos.org.br
Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Valdéz Dall'Agnesse, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta	
Ilustração da capa Luís Henrique Alves Pinto	

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguara, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65015-370 - SÃO LUÍS/MA
Rua do Passeio, 229 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

01001-001 - SÃO PAULO - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracase@paulus.com.br

05576-200 - SÃO PAULO - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

04117-040 - SÃO PAULO - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

NO CAMINHO DE JESUS

Uma leitura do evangelho de Marcos

Maria Antônia Marques*

“Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1). O relato do evangelho de Marcos inicia com uma proposta de felicidade. É um novo começo marcado por um anúncio alegre e esperançoso. A Boa-nova é de Jesus Cristo, Filho de Deus. Ele proclama a proximidade do Reino: “Cumpriu-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Jesus, com sua vida e sua prática, realizou o Reino de Deus abrindo espaços de vida para os pobres e marginalizados, porém, não compreendido pelos poderosos do seu tempo, foi perseguido e morto. A morte de Jesus foi um choque para os que esperavam que ele fosse um Messias poderoso, e isso provocou a fuga de seus seguidores e seguidoras.

Mas, aos poucos, as pessoas que tinham experimentado uma vida nova com Jesus começaram a se reunir em pequenos núcleos que recordavam sua prática e seus ensinamentos à luz do Antigo Testamento. Assim, as primeiras comunidades cristãs compreenderam que Jesus era o servo sofredor: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar” (Mc 8,31; cf. Is 42,1-9; 52,13-53,12). No meio da febre messiânica por um rei poderoso, que viria para destruir os dominadores e implantar o Reino de Deus, a comunidade cristã teve dificuldades de manter e pregar Jesus como o Messias-servo.

No século I, a dominação romana com seus impostos abusivos e o sistema religioso de Jerusalém tornaram-se insustentáveis. A realidade ia de mal a pior. Na Palestina, a repressão das autoridades contra as revoltas populares era violenta, um verdadeiro massacre, muitos grupos de judeus foram dizimados. A população foi deixada à sua sorte. Nesse contexto, renasceu o nacionalismo judaico: a espera de um messias rei. Para orientar a comunidade cristã, que também estava assumindo essa mentalidade, a liderança que escreveu o evangelho de Marcos sentiu a necessidade de apresentar Jesus como o Messias-servo, que foi crucificado por ter assumido a causa da justiça até o fim, mas Deus o ressuscitou (cf. Mc 9,30-32; 10,32-34).

O evangelho de Marcos foi escrito entre os anos 65 e 70 d.C. A mão de ferro do Império foi ainda mais pesada para os judeus e os cristãos. Em Roma, a comunidade cristã sofreu a perseguição de Nero (66 d.C.). Em vários pontos do Império surgiram levantes dos judeus, sendo o principal na Palestina, conhecido como a Guerra Judaica, entre os anos 66-73 d.C. O medo era constante. Guerras, massacres, fome e aflições faziam parte do dia a dia das pessoas.

* Mestre e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, graduada em Filosofia e Teologia e especialista em Comunicação Social. Atualmente, é professora em diversas faculdades de Teologia e assessora do Centro Bíblico Verbo. Email: ma-antonia@uol.com.br.

1. Situando o evangelho de Marcos

O evangelho de Marcos é uma obra anônima, não existe apresentação do sujeito que fala nem sequer dos objetivos desse escrito, que somente serão descobertos na própria leitura. O que importa é a mensagem a ser comunicada: o Evangelho. Marcos é um nome de origem romana; porém, essa assinatura é secundária, conhecida desde Irineu, no fim do século II.

Em relação à origem do evangelho de Marcos, alguns afirmam que foi em Roma, logo após o martírio de Pedro, em 64 ou 67, outros o situam na Síria. Atualmente, os estudiosos acreditam que esse escrito tenha surgido na Galileia. Afirmção que se apoia no fato de essa região ser o principal local da atividade missionária de Jesus. Há algumas informações que fortalecem essa teoria, por exemplo:

1. A atividade de Jesus: no evangelho de Marcos, na maior parte de sua missão, Jesus atua na Galileia e nos seus arredores;
2. O autor conhece as tensões existentes na Palestina e entre os diversos grupos e regiões. Para ele, os adversários de Jesus na Galileia vêm de Jerusalém (Mc 3,22; 7,1). Ele sabe que a Palestina e as regiões limítrofes não estão habitadas somente por judeus (Mc 7,24-25);
3. Destinatário: embora haja judeus na comunidade de Marcos, os principais destinatários são gentios, pois o autor explica certos costumes e práticas judaicas, por exemplo, a lei do puro e do impuro (Mc 7,1-23); como também o uso de termos aramaicos e sua tradução em momentos-chaves da narrativa, como: *Talitha kum*, “menina, levanta-te” (Mc 5,41); *Effatha*, “abre-te” (Mc 7,34); *Abba*, “pai” (Mc 14,36); e *Eloi, Eloi, lemá sabachtáni*, “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes” (Mc 15,34).

A partir dessas informações, acreditamos que o evangelho de Marcos foi escrito na região da Galileia, destinado às comunidades localizadas na região da Síria, de Tiro e da Decápolis.

2. Pisando o chão da comunidade de Marcos

Desde 63 a.C., os romanos dominaram a Palestina. As províncias da Galileia, da Pereia, da Idumeia e da Judeia passaram a pagar tributos para o Império. O povo passou a ser violentamente explorado por meio da cobrança abusiva de impostos e do monopólio do comércio. Essa situação gerou muitas revoltas, principalmente na Galileia. Qualquer revolta dentro do Império era terminantemente sufocada por meio de um forte aparato repressor. A região de Israel representava apenas 1% do território romano e havia 8% das tropas do exército romano acampadas na região. Várias cidades da Galileia foram incendiadas e destruídas, e suas populações foram vendidas como escravas ou mortas.

Em torno do ano 40 a.C., por sua fidelidade às políticas de paz de Augusto, Herodes Magno foi reconhecido como rei dos judeus, exercendo o governo de forma tirânica e opressora. Seguindo o exemplo do Imperador Augusto, Herodes reconstruiu várias cidades; por exemplo, fundou, no lugar de Samaria, a antiga capital do Norte, Sebaste – tradução grega de Augusto –, onde havia um grande teatro e um templo dedicado ao Imperador. No seu reinado, várias cidades helenísticas foram reconstruídas ou revitalizadas, entre elas, Cesareia, em homenagem a César Augusto. A fronteira oriental do seu reino, inclusive a fortaleza de Massada, foi reforçada.

Herodes gastou enormes quantias de dinheiro com as construções da cidade de Jerusalém, principalmente com o Templo, que foi totalmente reconstruído, reforma que terminou pouco tempo antes da Guerra Judaica (66-73 a.C.). Devia ser uma construção suntuosa, pois a beleza e o esplendor desse Templo permaneciam no imaginário das primeiras comunidades cristãs (cf. Mc 13,1-2; Mt 24,1; Lc 21,5-7).

O sistema de fiscalização de impostos, implantado por Herodes e seus partidários, era muito rígido. O povo tinha que pagar para

os romanos o imposto sobre 25% das colheitas, o pedágio para a circulação de pessoas e mercadorias e dedicar um tempo de trabalho forçado para as tropas. Além do sistema de cobrança dos romanos, existiam os impostos do Templo: o imposto pessoal, estipulado em um denário – o equivalente à diária de um trabalhador; os vários dízimos, como, por exemplo, das colheitas, a parte destinada aos pobres; e, a cada sete anos, o produto referente a um ano de trabalho.

Nesse caldeirão de opressão surgiram muitos focos de revolta. Porém, o controle de Herodes Magno era muito rígido, e os protestos eram sufocados. Após a morte de Herodes Magno, a Palestina foi dividida em três regiões ou províncias. Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.) ficou como tetrarca da Galileia e da Peireia ou Transjordânia do Sul, Filipe assumiu a Transjordânia do Norte, e Arquelau ficou com a Judeia e a Samaria.

Na tentativa de agradar o povo judeu e o Império Romano, Herodes Antipas empreendeu grandes construções, conforme os padrões helenísticos, como a reconstrução de Séforis e a fundação da cidade de Tiberíades, em 19 d.C., transformando-a em capital de sua província. A maioria da população de Tiberíades era constituída de gentios de diversas regiões, aí se falava o grego, o aramaico e o latim. Na cidade havia teatros, banhos públicos e estádios. A cidade estava situada entre o mar da Galileia e Cesareia, no Mediterrâneo.

Herodes Antipas chegava a receber em torno de 200 talentos por ano, o equivalente a 1.200.000 denários referentes ao imposto da pesca. A moeda era necessária para o pagamento dos impostos e a compra de produtos e serviços (Mc 12,15-17). Cresceu o número de pessoas endividadas e escravizadas. Uma pequena minoria, cerca de 5%, esbanjava luxo, mas a maioria experimentava pobreza e miséria. O cenário era de doença e escravidão. Muitas pessoas empobrecidas perambulavam pelas praças e mercados, sem terra e sem emprego (cf. Mt 20,1-9). A situação dos pobres

Impulsos e intervenções

Atualidade da missão

Paulo Suess



O livro *Impulsos e intervenções* aponta para a atualidade da missão e para a necessidade da formação permanente dos missionários e missionárias. Originalmente, seus textos foram apresentados nas reuniões da equipe executiva do Conselho Missionário Nacional (Comina) e em demais encontros e organismos. O leitor que tiver esta publicação em mãos, estruturada em 14 capítulos, vai encontrar assuntos administrativos e organizativos da atividade missionária.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 168
Cód.: 9788534933261

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



se complicou ainda mais por causa da cultura e religião da época.

De acordo com a mentalidade grega, os pobres eram considerados vagabundos ou pessoas que não foram agraciadas pelas divindades. Os romanos, seguindo a mesma mentalidade grega, acreditavam que o trabalho era próprio dos escravos. Para impedir que houvesse qualquer tipo de revolta, havia o sistema do clientelismo, também conhecido como patronato.

O clientelismo era baseado nas relações de troca. Alguém do estrato superior beneficiava a uma pessoa do estrato inferior, que se tornava cliente de seu benfeitor. O prestígio e a honra de um cidadão eram medidos a partir do número de clientes que ele possuía. Por sua vez, o cliente tinha várias obrigações com o seu patrono, como, por exemplo, estar presente nos banquetes patronais, acompanhar seu patrono nas aparições públicas e aplaudir os discursos do patrão. No Império Romano, a ingratidão de um cliente ao seu patrono era considerada pior do que roubo e homicídio. Hoje, em uma linguagem popular, diríamos que é o bajulador ou o puxa-saco, com a diferença de que essa relação estava presente em todos os setores da sociedade. Esse sistema não favorecia os pobres, mas reforçava a situação de injustiça e perpetuava a submissão.

Na cultura judaica, a partir da consolidação da teologia da retribuição no exílio e no pós-exílio, a pobreza constantemente era associada com castigo de Deus. De acordo com essa teologia, Deus recompensava uma pessoa justa com vida longa, riqueza e descendência. O caminho da sabedoria era seguir a Lei, assim afirma o livro dos Provérbios: “Em sua direita: longos anos; em sua esquerda: riqueza e honra! Seus caminhos são caminhos deliciosos, e os seus trilhos são prosperidade” (Pr 3,16-17).

No século I havia muitas pessoas pobres e doentes. Uma pessoa com lepra era considerada morta. Qualquer doença de pele, contagiosa ou não, era classificada como lepra.

Havia muitas pessoas aleijadas, epiléticas ou hidrópicas. Doenças mentais e psíquicas eram associadas com o demônio, como, por exemplo, os casos de mudez, surdez, epilepsia, esquizofrenias e até mesmo a depressão ou falta de motivação.

No tempo de Jesus e das primeiras comunidades, as leis referentes à pureza marginalizavam os doentes leprosos (Lv 13 e 14). Todos os líquidos que saíam do corpo humano relacionados com a reprodução provocavam impureza. A pessoa impura estava excluída da participação social. Havia muitas pessoas à margem da sociedade e, para piorar a situação de sofrimento, sentiam-se abandonadas por Deus: “Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados” (Mc 1,32)

Ser pobre significava não ter existência social. A situação de opressão e escravidão deu origem a vários movimentos proféticos e messiânicos, especialmente na Galileia, região que fornecia trigo, vinho, óleo, carne e peixe, e que, por isso mesmo, foi o território mais explorado e devastado. Entre os vários movimentos, podemos situar o de Jesus. A sua proposta de Reino de Deus atraiu homens e mulheres que perderam suas terras e se encontravam sem reino. Por isso, Jesus proclama: “Felizes vós, os pobres” (Lc 6,20; Mt 5,3).

3. Conhecendo a proposta do evangelho de Marcos

No norte da Galileia, por volta do ano 70 d.C., a comunidade de Marcos estava tentando seguir o projeto de Jesus de Nazaré. Além dos conflitos externos como violência, fome e tentação de entrar nos movimentos nacionalistas com o messianismo do rei, internamente a comunidade enfrentava conflitos étnicos e culturais. O modo de vida romano e a busca desenfreada de bens, poder e privilégios foram assimilados por muitas pessoas: “Conceden-nos, na tua glória, sentarmo-nos, um à tua direita, outro à tua esquerda” (Mc 10,37).

Mas, não obstante as dificuldades, a comunidade de Marcos procurava resgatar e seguir o projeto de Jesus de Nazaré, apresentando Jesus como o Messias-servo e as condições para segui-lo. Entrar nesse discipulado exige “deixar as redes” e ter disposição para aprender de Jesus estratégias para a concretização do Reino de Deus. É preciso sair e ultrapassar fronteiras. Só é possível construir o Reino a partir de relações tecidas na fraternidade e no serviço: “Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” (Mc 10,43-44).

O evangelho de Marcos nasce da necessidade da comunidade de colocar por escrito suas memórias sobre quem é Jesus, reforçando que ele não é o messias do poder e da glória, mas seu messianismo passa pelo sofrimento e pela cruz. Eis alguns pontos principais deste texto:

3.1. Quem é Jesus de Nazaré: O evangelho apresenta Jesus como o Filho do Homem na figura do servo sofredor, que veio conviver e libertar as pessoas empobrecidas, exploradas e excluídas pelo Império e seus colaboradores/as. Proclamou o Reino de Deus para todas as pessoas, independentemente da etnia, da classe social, do gênero e da religião. A sua fidelidade ao projeto do reino da justiça e da fraternidade o levou a um confronto com os poderosos do seu tempo e, conseqüentemente, à cruz, mas Deus o ressuscitou: “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

3.2. O seguimento de Jesus: Esse evangelho apresenta mulheres e homens que seguem Jesus desde a Galileia até Jerusalém, convivendo e aprendendo com ele. Dentro de suas limitações, esse grupo assumiu a causa do Reino de Deus, que se fundamenta na justiça e na solidariedade, no meio das pessoas que estão à

margem da sociedade, como mulheres, pobres, estrangeiros, crianças e doentes (Mc 1,31; 6,33; 7,28; 8,1; 10,13.46). Seguir Jesus implica assumir o mesmo caminho de Jesus como servo sofredor: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar sua vida a perderá; mas o que perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará. Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar sua própria vida?” (Mc 8,34-36).

4. Uma estrutura possível para o evangelho de Marcos

Há diversas propostas de estruturas para o evangelho de Marcos. Para uma visão de conjunto, optamos pela divisão em três partes, seguindo o ministério de Jesus na Galileia e nos seus arredores, em seguida a caminhada para Jerusalém e os últimos acontecimentos em Jerusalém.

Eis um breve esquema:

- 1) Primeira parte (1,1—8,26): a atividade de Jesus na Galileia e nas regiões vizinhas.** Nesta etapa, temos a formação da comunidade que se encontra com Jesus sempre em uma casa. A comunidade enfrenta vários problemas externos e internos, a saber: fome, doenças, individualismo, preconceito e, especialmente, a tentação de seguir o messias como rei poderoso (Mc 1,34.44; 3,12; 5,43; 6,30-44; 7,36). Essa parte termina com a cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26), indicando que a comunidade precisa abrir os olhos para compreender que Jesus é o Messias-servo.
- 2) Segunda parte (8,27—10,52): a viagem para Jerusalém a partir da Galileia.** É um caminho para compreender e aprofundar Jesus como o servo sofredor com os três anúncios da Paixão (Mc 8,31-33; 9,33-37; 10,32-34). É uma catequese sobre o seguimento de Jesus na vida cotidiana da comunidade. Ao anunciar o “caminho

da cruz”, Jesus combate e corrige os discípulos que aspiram a poder e privilégio, que transparecem na figura do messias poderoso como Davi. Os versículos finais apresentam a cura do cego Bartimeu, que joga o manto, gesto que significa abandonar a visão messiânica de rei e seguir Jesus no caminho da cruz (Mc 10,46-52).

3) **Terceira parte (11,1-16,8): o ministério de Jesus em Jerusalém com a sua paixão, morte e ressurreição.** A prática libertadora de Jesus está em conflito com os poderes do mundo, por isso ele é condenado e morto como subversivo. Mas Deus não abandona o justo (Sb 2,18) e o ressuscita (Sl 22). Essa parte termina com a ordem de voltar para a Galileia, o local onde Jesus começou e exerceu a maior parte de sua prática libertadora.

4) **Acréscimo posterior (16,9-20):** Como terminar um evangelho com o medo e o silêncio? Os versículos finais foram acrescentados depois e constituem uma síntese dos relatos das aparições de Jesus ressuscitado. Na origem, o evangelho era uma obra sem conclusão. Ela está em aberto e depende da pessoa que lê dar a sua resposta... É preciso ter coragem para voltar à Galileia.

O evangelho de Marcos termina com uma ordem e o medo como resposta: “Não vos espanteis! Procurais Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito”. Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um temor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo...” (Mc 16, 6-7).

As mulheres recebem a ordem de comunicar aos seus que ele voltaria para a Galileia. Elas ficaram com medo, fugiram e nada disseram. É preciso afastar-se de Jerusalém, lugar de centro do poder, e voltar à Galileia, o lugar onde tudo começou. Segundo o evangelho de Marcos, foi na Galileia que Jesus realizou grande parte de sua atividade missionária. Voltar à Galileia é assumir o projeto de Jesus, e isso causa medo. Acreditar que Deus ressuscitou Jesus é reafirmar a fé em Deus como o Senhor da vida. Apesar do medo, há uma grande esperança para os que seguem Jesus.

A nossa missão é anunciar que Cristo Ressuscitou e nos precede na nossa Galileia: lugar onde a vida está ameaçada. Assumir o projeto de Jesus dá medo e, muitas vezes, é melhor fugir. É preciso viver a experiência de que há uma esperança: a força da vida é maior do que a morte. É preciso acreditar que “a pedra já fora removida!”.

Assine a Revista ECOando



Tel.: 11 3789-4000 (São Paulo e gde. S. Paulo)
Para outras localidades, ligue 0800 164011
ou envie um e-mail para assinaturas@paulus.com.br



ECOando

Formação interativa com catequistas

ECOando
288 páginas
Cód.: 9780000003935

Subsídio especialmente voltado para a formação das lideranças e dos catequistas em geral. A cada número, o leitor tem nas mãos um tema que é desenvolvido de forma atual, dinâmica e interativa. Este periódico é apresentado com ricas ilustrações e é totalmente colorido.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.
Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



A MISERICÓRDIA DE DEUS É SEM FRONTEIRAS

O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30)

Centro Bíblico Verbo*

No tempo de Jesus, havia muitas leis que separavam as pessoas. As leis da pureza determinavam quem estava mais próximo de Deus e quem estava mais distante. Uma pessoa impura era eliminada do convívio social e novamente admitida mediante os rituais de purificação. Havia impurezas transitórias e permanentes, como, por exemplo, o estrangeiro, que era impuro por sua própria condição.

Embora não faça parte da nossa cultura o sistema do puro e do impuro, ainda há muitas barreiras e preconceitos que separam e dividem as pessoas nos diversos ambientes sociais. Relembramos aqui um fato corriqueiro, que acontece com frequência: Certa vez, José Antônio, um homem negro e muito simples, foi visitar a sua irmã, que trabalhava num edifício de luxo. Enquanto ele esperava pela chegada do elevador, uma moradora se aproximou dele e lhe disse: “Este elevador é o social, o do senhor fica do outro lado”. Nesse momento, José Antônio sentiu-se humilhado, com um nó na garganta, e nada conseguiu responder. Depois que a raiva passou, ele ficou indignado e sentiu, na própria pele, a dor do preconceito. E ele conclui: “Esse fato reforçou em mim a constante atenção para não discriminar nem tratar mal a ninguém”.

Um dos desafios existentes na comunidade de Marcos era a necessidade de superar as divisões existentes entre judeus e estrangeiros. Em diversos relatos, vemos Jesus superando esses

obstáculos: ele convive com pessoas excluídas e marginalizadas (Mc 1,29-31; 5,21-43), é criticado por comer com publicanos e pecadores (Mc 1,15-17).

Este artigo nos ajudará a caminhar com Jesus. Com ele, queremos ultrapassar as fronteiras da Galileia para a região de Tiro e de Sidônia. Para isso precisamos ter uma atitude de diálogo e escuta. É importante se deixar questionar pela palavra de sabedoria que nasce da experiência. Que esta reflexão nos leve a identificar os demônios que precisamos exorcizar hoje em nossa vida e na vida das pessoas com as quais convivemos.

1. Da Galileia para Tiro

“Saindo dali, foi para o território de Tiro” (Mc 7,24). Jesus sai da alta Galileia, região acidentada e montanhosa, uma paisagem muito diferente da baixa Galileia e da região do Vale, marcada por suaves colinas e planícies. Por causa das altas montanhas, o acesso às diferentes localidades é mais difícil, dificultando a comunicação entre as aldeias e os povoados da alta Galileia. Nessa região, o processo de urbanização durante o período romano foi menor. Era uma população tradicional e fechada às diferentes culturas e etnias.

Acompanhando os passos de Jesus, vemos que ele se desloca da alta Galileia para a

* cbiblicoverbo@uol.com.br

região de Tiro. Causa espanto o fato de um judeu galileu sair para a terra dos gentios. Segundo o relato de Marcos, essa viagem de Jesus acontece depois de uma longa discussão com os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém, ou seja, com os representantes do poder oficial. Entre os judeus galileus e os habitantes de Tiro, chamados simplesmente de “siro-fenícios”, havia divisões religiosas, políticas, sociais e econômicas. Entre esses dois grupos, havia uma hostilidade recíproca.

Na memória do povo judeu há algumas lembranças ruins de Tiro. Dessa região, temos a rainha Jezabel (fenícia). Essa mulher oficializou o culto a Baal em Israel, no século IX a.C. (cf. 1Rs 16,31-32). Os profetas denunciaram o luxo e a opressão provocados por Tiro (Ez 26,15-21; Zc 9,3). Durante a revolta dos Macabeus, Tiro, Ptolemaida e Sidônia lutaram contra os judeus defendendo os imperadores selêucidas (cf. 1Mc 5,15). No tempo da dominação romana, Sidônia, a cidade da Fenícia, era o principal porto da região na viagem a Roma, trazendo o produto comercial, o exército e a cultura helenizada de Roma, opressora dos judeus, para a Palestina.

Os fenícios sempre exploraram os galileus no mundo do comércio. A Galileia era uma terra fértil e a produção de grãos, vinho, óleo e carne era abundante. Além da riqueza agrícola e da pescaria, também existia na região um centro de produção de cerâmica em Kfar Hananiah e Shikin, situadas entre a alta e a baixa Galileia. A região de Jericó oferecia extraordinárias tamareiras, plantas de precioso bálsamo, e também era conhecida como a cidade das palmeiras (cf. Dt 34,3; Jz 1,16). Uma parte dessas riquezas era levada para Tiro e Sidônia, cidades portuárias da Fenícia, passando pela alta Galileia. Na transação comercial, os fenícios sempre levaram vantagem, aumentando o conflito com os judeus galileus.

No campo religioso, as cidades helenizadas da Fenícia, a província da Síria, representavam, para os judeus, a expressão máxima do culto a outras divindades no tempo de

Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Na comunidade de Marcos, situada na alta Galileia ou no sul da Síria, havia a presença mista de judeus e de gentios, que constituía um dos conflitos da comunidade. O conflito se agravou com a chegada dos judeus refugiados de Jerusalém à alta Galileia por causa da Guerra Judaica. Eles, incluindo os escribas, consideravam os gentios como impuros e condenados por Deus.

Diante desse conflito, a comunidade de Marcos descreve o encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia e sua filha possuída por demônio, simbolizando o encontro dos judeus galileus com os endemoninhados. Essa história é uma catequese da comunidade para superar as dificuldades na convivência entre as pessoas de diferentes culturas, etnias e gênero.

2. Todos têm direito de participar da mesa do Reino! (Mc 7,24-30)

A visita de Jesus à região de Tiro e o seu encontro com uma mulher siro-fenícia causaram espanto e entraram em contradição com a concepção messiânica da época, segundo a qual a salvação seria somente do povo de Israel. Mas esse encontro ampliou o conceito de Messias em vários sentidos: geográfico, étnico, religioso e de gênero. De acordo com a narrativa de Marcos, é possível entender que Jesus se retirou da Galileia para escapar do tormento dos fariseus ou para fugir de Herodes, que governava a Galileia e a Pereia e que há pouco havia tirado a vida de João Batista (cf. Mc 6,16).

Em território estrangeiro, Jesus entrou numa casa e quis permanecer oculto. Que casa seria essa? Podia ser uma casa de judeus que habitavam na região de Tiro. A intenção de Jesus era refazer suas energias, mas isso não foi possível, pois uma mulher ficou sabendo e invadiu a casa, atirando-se a seus pés. Esse gesto era típico de quem prestava uma homenagem ou pedia um favor. Em sua necessidade, a mulher buscou uma solução para o seu problema e não teve medo de romper barreiras.

Como mãe, a mulher suplicou a Jesus a cura de sua filha, que tinha “um espírito impuro”. Ela estava disposta a tudo para atingir sua meta. O relato apresenta a doença da filha de duas maneiras diferentes: Mc 7,25 afirma que ela tem um espírito impuro, e Mc 7,26.29.30, um demônio. A primeira expressão é comum no mundo judaico, e a segunda é usada em outras culturas. Isso pode indicar que as pessoas a quem o evangelho de Marcos se dirige são judeus e estrangeiros. De um lado, temos a insistência da mulher, de outro, a indiferença de Jesus, cuja resposta à mulher nos deixa intrigados: “Deixa que primeiro os filhos se saciem, porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7,27).

Diante do pedido da mulher, a resposta de Jesus reflete a mentalidade judaica do seu tempo. Ele acredita que os filhos de Israel têm prioridade sobre os gentios. O termo “filhos” era aplicado ao povo de Israel, e o termo “cachorro”, mesmo usado no diminutivo, era um insulto contra os gentios, pois os cães eram associados com a impureza (cf. Ex 22,30; 1Rs 21,23; 22,38; 2Rs 9,36). Esse termo também era usado para designar um povo sem valor e desprezível (cf. 1Sm 24,15; 2Sm 16,9; Is 56,10).

Jesus se refere a Israel com o termo *teknon*, crianças ou descendentes no sentido biológico, ao passo que a mulher emprega *paidion*, cujo sentido pode ser filho ou servo em uma casa. É um termo mais abrangente. A mudança de termo pode significar que, para a mulher, a misericórdia de Deus vai além de Israel. É sem fronteiras.

De maneira sábia e audaciosa, a mulher se utiliza da mesma comparação de Jesus, apresentando o seu argumento: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos!” (Mc 7,28). A mulher devia conhecer a fama de Jesus, pois ela se dirige a ele usando o título salvífico “Senhor”. Ela representa um grupo da população que reconhece Jesus como o Senhor.

Pastoral da visitação

Paróquia em estado permanente de missão

José Carlos Pereira



O grande apelo da Igreja, hoje, é o de reestruturação das paróquias. Para que isso aconteça, o primeiro passo é não esperar que as pessoas caminhem até ela, mas, sim, incentivar a evangelização a ir ao encontro delas. O meio mais eficaz de se proceder é realizar a evangelização permanente por meio de visitas missionárias constantes. Por isso, o livro apresenta estratégias concretas para as comunidades eclesiais colocarem sua missão em prática.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 104
Cód.: 9788534933308

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



A mulher compreende e aceita a primazia de Israel melhor do que os judeus. A sua determinação e a sua coragem dão testemunho de sua esperança. Ela reivindica os direitos dos gentios. Jesus percebe que a mulher está certa, o argumento dela o faz ampliar seus horizontes: “Pelo que disseste, vai!” (Mc 7,29a). É a palavra dela que cura!

Diante dos argumentos da mulher, Jesus revê a sua maneira de pensar, e a filha é restaurada: “O demônio saiu da tua filha” (Mc 7,29b). Ele é capaz de ultrapassar as barreiras étnica, geográfica e política, e ver a realidade das pessoas que sofrem. Em Jesus, a salvação não é apenas para os que observam a Lei e a tradição, mas está aberta a todas as pessoas que nele acreditam. Ao colocar Jesus aceitando a palavra da mulher, o evangelho nos ensina que é preciso superar qualquer barreira ou conflito quando se trata da defesa da vida ameaçada.

O encontro entre Jesus e a mulher siro-fenícia retrata o encontro entre judeus e estrangeiros, entre puros e impuros, também chamados de endemoninhados. Não foi fácil eliminar os preconceitos existentes de ambas as partes. Esse encontro ainda hoje questiona nossos preconceitos e nos convoca a uma abertura maior para o relacionamento com o outro.

3. Uma palavra a mais sobre os endemoninhados

“Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34). Havia muitos endemoninhados no tempo de Jesus? Ele expulsou muitos demônios? Como entender os vários nomes utilizados para nomear o mal na Bíblia? Se o demônio existe, onde ele atua hoje?

A lista de perguntas levantadas em encontros e cursos bíblicos é longa. Há muitas

dúvidas e curiosidades. É surpreendente o fato de que a realidade do tempo de Jesus, de dois mil anos atrás, não seja levada em consideração para compreender esse mundo habitado por espíritos. Naquele tempo, os recursos da ciência e da medicina eram muito precários. De modo geral, a causa dos males como a doença era atribuída a espíritos. A presença de curandeiros e exorcistas era comum e difundida na época. Hoje a psicologia e a psiquiatria, por exemplo, conseguem ajudar a resolver problemas de muitas “pessoas possuídas por espírito mal”. Isso mesmo: o mundo de Jesus, curandeiro e milagreiro, era um mundo diferente.

3.1. Um mundo habitado por espíritos

No evangelho de Marcos, há vários textos referentes à presença de espíritos impuros e a exorcismos:

- “Os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés” (Mc 3,11).
- “E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,14).
- “Ele está possuído por um espírito impuro” (Mc 3,30).
- “Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros” (Mc 6,7).
- “Uma mulher cuja filha tinha um espírito impuro” (Mc 7,25).
- “Mestre, eu te trouxe meu filho, que tem um espírito mudo” (Mc 9,17).
- “Mestre, vimos alguém que não nos segue expulsando demônios em teu nome” (Mc 9,38).

Nos evangelhos, a menção sobre os espíritos responsáveis pelos males é vasta e frequente. Era difusa, no tempo de Jesus, a certeza de que os seres humanos viviam cercados por espíritos: anjos e demônios. E a causa de doenças, desgraças e provações na vida humana era atribuída aos demônios.

Por isso, havia muitos doentes e endemoninhados na época.

A exigência de pagamento dos impostos aos romanos e dos impostos religiosos provocou um acelerado empobrecimento dos camponeses na Galileia. Pobreza e miséria vinham acompanhadas com doença. A cegueira era comum, podendo ter causa hereditária ou ser consequência da falta de higiene ou má alimentação. A lepra era o fantasma que assustava a população. Qualquer doença de pele, contagiosa ou não, era classificada como lepra. Havia muitas pessoas aleijadas, epiléticas ou hidrópicas. Todos esses males mentais e físicos estavam associados ao demônio. A necessidade de expulsar os demônios era grande e comum na vida cotidiana das aldeias: “Eles expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo” (Mc 6,12). Por ser possuído por demônios, o doente era também condenado e excluído pela religião oficial da época.

3.2. *Os endemoninhados eram afastados do convívio social*

A religião judaica oficial considerava a pobreza, a doença e a deficiência física e mental como consequências da presença de maus espíritos que tinham tomado posse da pessoa (Mc 9,14-29). Uma pessoa doente era vista como pecadora. A doença era considerada castigo de Deus. O doente era alguém que estava pagando por algum mal cometido, como, por exemplo, a desobediência às leis do puro e do impuro. Leis estabelecidas por sacerdotes e escribas desde o século V a.C. A interpretação da comunidade de Marcos sobre o conflito de Jesus com os doutores da Lei evidencia essa teologia oficial:

“Jesus, vendo sua fé, disse ao paralisado: ‘Filho, teus pecados estão perdoados’. Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: ‘Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?’. Jesus imediatamente percebeu em seu espírito o que pensavam em seu

íntimo, e disse: ‘Por que pensais assim em vossos corações? Que é mais fácil dizer ao paralisado: Os teus pecados estão perdoados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?’” (Mc 2,5-9).

O doente, como endemoninhado e pecador, era afastado do convívio com outras pessoas para evitar a contaminação de toda a comunidade (cf. Mc 5,25-34). A única forma de poder ser puro e voltar a participar da vida social e do Templo eram os ritos de purificação, que consistiam em sacrifícios de expiação pelo pecado. O código de pureza apresentava vários rituais de purificação, que exigiam a entrega de ofertas e a realização do sacrifício no Templo (cf. Lv 15,1-33). O objetivo das autoridades religiosas era arrecadar mais produtos para favorecer seus interesses.

O código da pureza era sustentado pela teologia oficial da retribuição. Nessa visão, a pessoa justa era quem observava a lei do puro e do impuro. Essa teologia afirmava que Deus abençoava a pessoa justa com riqueza, saúde, vida longa e descendência, mas castigava a pessoa injusta com pobreza, doença e sofrimento. Na teologia da retribuição, aqueles que tinham condições de observar as leis, pagando os dízimos exigidos e oferecendo sacrifícios, eram abençoados por Deus, enquanto os pobres eram amaldiçoados. Os pobres doentes sofriam duplamente.

3.3. *Jesus e as comunidades cristãs combatem os espíritos destruidores*

Por um lado, os escribas acusam Jesus de estar possuído por um “espírito impuro”: “Está possuído por Beelzebu”; ou: “É pelo príncipe dos demônios que expulsa os demônios” (Mc 3,22), acusando Jesus de ser destruidor da religião oficial baseada na lei do puro e do impuro. Por outro lado, Jesus e seus seguidores e seguidoras também acusam os escribas, suas sinagogas, o Templo e o Império Romano de estarem possuídos por espíritos destruidores.

a) A religião oficial da sinagoga

“Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído por um espírito impuro, que gritava, dizendo: ‘Que queres de nós, Jesus Nazareno? Viestes para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus’. Jesus, porém, o conjurou severamente: ‘Cale-te e sai dele’. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o” (Mc 1,23-26).

A sinagoga, que existia quase em cada cidade na Palestina, era o local de encontro para o culto e o estudo da lei. Era o local essencial para a instrução em vista da unidade judaica na fé, no culto, na tradição e na ordem sociorreligiosa. Havia o chefe da sinagoga, o *archisynagôgos*, encarregado do funcionamento do culto, com a função de coordenar a leitura das Escrituras, instruções e orações. Segundo Mc 1,23, a expressão “a sinagoga deles” indica o local organizado pelos escribas. Eles instruíam o povo no código de pureza e na teologia da retribuição: as leis do puro e do impuro com a imagem de Deus poderoso e castigador. Pobres e doentes estavam excluídos do convívio social.

A comunidade de Marcos descreve, em seu relato sobre o ensinamento de Jesus, as pessoas amarradas pelas leis ensinadas na sinagoga como “um homem possuído por um espírito impuro” (Mc 1,23). Esse espírito entra em conflito com Jesus, e é expulso por seu ensinamento: “Todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: ‘Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!’” (Mc 1,27).

O ensinamento de Jesus nasce de sua prática libertadora: ele continuamente acolhe e convive com o povo sofrido e machucado. Jesus está em contato com os endemoniados e excluídos da sociedade: pobres, doentes, cegos, coxos, crianças, mulheres. Experimenta, na sua pele, a dureza da vida cotidiana do seu povo: “uma grande multi-

ção e ficou tomado de compaixão por eles” (Mc 6,34).

Então, Jesus, com sua prática acolhedora, transgride e rejeita a lei da pureza para devolver a vida às pessoas impuras: “Aproximando-se, Jesus tomou pela mão a sogra de Pedro que estava de cama com febre e a fez levantar-se” (Mc 1,30-31; cf. 2,15; 7,2.33; 8,23). Jesus se coloca claramente em oposição aos escribas e sua lei da pureza, por esta excluir e oprimir as “pessoas impuras”. Para ele, os escribas e seus ensinamentos são o verdadeiro “espírito impuro”, entendido como demônio, por ameaçar e destruir a vida do povo.

b) O Império Romano

“Chegaram do outro lado do mar à região dos gerasenos. Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um espírito impuro (...) E, sem descanso, noite e dia, perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedras. Ao ver Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: ‘Que queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo? Conjurto-te por Deus que não me atormentes!’. Com efeito, Jesus lhe disse: ‘Sai deste homem, espírito impuro!’. E perguntou-lhe: ‘Qual é o teu nome?’. Respondeu: ‘Legião é meu nome, porque somos muitos’” (Mc 5,1-9).

O exército romano era uma verdadeira máquina de dominação que servia para aumentar os territórios nas guerras, adquirir escravos, expandir tributos e o comércio, sugando a riqueza das terras conquistadas. No livro do Apocalipse lemos o efeito devastador do exército romano: “Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chamava-se ‘morte’, e o Hades o acompanhava. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para que exterminasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” (Ap 6,8).

No tempo de Jesus, o Império, que contava 350 mil soldados, deslocou 8% do seu exército para a Palestina, que representava apenas 1% do seu território. Especialmente na Galileia, terra de exploração e de muitas revoltas, havia uma legião, a maior divisão do exército romano, que abrangia de 6 a 10 mil homens. A legião era a força esmagadora do Império Romano que dominava a Palestina.

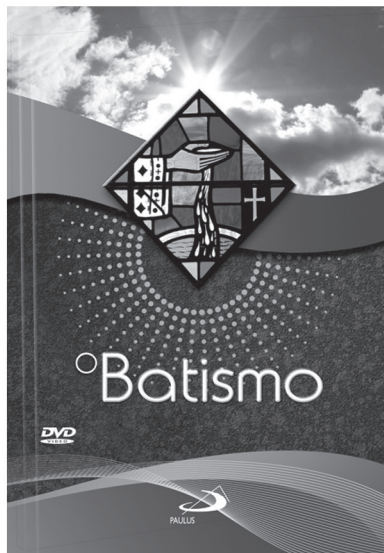
O evangelho de Marcos descreveu essa força do exército romano como espírito impuro: “o homem possuído pelo espírito impuro habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebatava os grilhões e esmaltava as correntes, e ninguém conseguia subjugá-lo” (Mc 5,3-4). O espírito impuro, descrito como monstro violento, possuía e investia contra a vida humana.

Pela prática de Jesus, a legião foi expulsa para os porcos que se lançaram e se afogaram no mar, como foram afundados os carros e os cavaleiros do Faraó, na saída do Egito (Ex 14,28). O homem foi libertado, “sentado, vestido e em são juízo” (Mc 5,15). Jesus liberta, restaura e desaliena as pessoas possuídas pelo “espírito impuro”.

Para continuar a reflexão

É preciso rever quais as barreiras que precisamos superar para reproduzir em nossa vida a prática cristã. Não podemos nos calar diante de atitudes e comportamentos que excluem outras pessoas do convívio social, nem podemos permitir gestos ou expressões que humilhem o outro simplesmente por sua condição socioeconômica, etnia, gênero ou outras características pessoais. Como discípulas e discípulos de Jesus, nossa missão é aprender a reler a nossa teologia a partir da vida concreta das pessoas com a certeza de que a misericórdia de Deus não tem fronteiras.

DVD O Batismo PAULUS



O que significa o Batismo? Qual é a melhor maneira de vivê-lo e celebrá-lo como pessoas incondicionalmente amadas por Deus? Como orientar nossa vida a partir da realidade desse sacramento? A PAULUS, com esta obra, apresenta a realidade do Batismo. O intuito é que todos voltem a vivê-lo com a importância e o compromisso devidos, e não somente como um acontecimento social ou mera tradição.

Duração: 38 min.
Cód.: 7891210011787

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

QUEM DIZEM OS HOMENS QUE EU SOU?

Uma leitura de Marcos 8,27-38

Pe. Shigeyuki Nakanose, svd*

Jesus partiu com seus discípulos para os povoados de Cesareia de Filipe e, no caminho, perguntou a seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?”. Eles responderam: “João Batista; outros, Elias; outros, ainda, um dos profetas”. “E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?”. Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. Então proibiu-os severamente de falar a alguém a seu respeito” (Mc 8,27-30).

Quem é Jesus? Questão central e decisiva na comunidade de Marcos diante do surgimento de várias lideranças populares por volta do ano 70. Para a comunidade, que professava Jesus morto e ressuscitado como “Cristo”, a compreensão da identidade e da missão de Jesus era, ao mesmo tempo, a compreensão da missão dos cristãos: quem eram os verdadeiros discípulos e as discípulas de Jesus de Nazaré?

A pergunta “Quem dizem os homens que eu sou?” atravessa milênios e continua em discussão, oferecendo várias imagens de Jesus: milagreiro, rei triunfante, sacerdote, psicólogo, monge, economista, revolucionário etc. Cada imagem revela uma faceta da vivência de um indivíduo cristão. Pois a essência da pessoa humana de Jesus com sua proposta de vida é fundamental para viver a fé cristã. Ainda hoje a pergunta de Jesus continua nos interpelando: “Quem dizem os homens que eu sou?”. Para responder melhor essa pergunta é preciso, primeiramente, situá-la no contexto

histórico em que Jesus e a comunidade de Marcos viveram.

1. Situando na história

O pano de fundo histórico da febre messiânica, que contagiava e movimentava o povo de Israel, no primeiro século d.C., é consequência do fracasso do movimento dos macabeus (166-63 a.C.) e da ascensão e dominação do poder romano (63 a.C. -135 d.C.). Depois de grande sofrimento e opressão sob as três dominações estrangeiras (babilônica, persa e grega), o povo depositou uma grande esperança nas mãos dos macabeus. Esperava que eles fossem os líderes verdadeiros que iriam libertar o povo do jugo dos opressores. Mas fracassaram! O movimento dos macabeus desembocou na formação de uma monarquia tão opressora quanto a dos gregos. Eles se preocupavam apenas com o interesse e a segurança de sua dinastia, “a dos asmoneus”. A velha história se repete!

A frustração aumentou com a chegada dos romanos e do seu tremendo poderio militar. O povo se submeteu impotente às ordens humilhantes de mais uma potência estrangeira que chegou para devastar sua pátria. A

* Pertence à Congregação do Verbo Divino, é doutor em Teologia Bíblica. Há vários anos atua no Centro Bíblico Verbo como diretor e assessor. É professor no ITESP – Instituto de Teologia São Paulo – e membro da equipe bíblica da CRB Nacional, colaborando também na assessoria de cursos populares em várias regiões do Brasil e da América Latina. E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br.

devastação acontecia não somente no campo de tributos e comércio (moedas), mas também no campo cultural e religioso. Os imperadores, por exemplo, se apresentavam como filho de Deus, filho do cometa e sumo sacerdote. A história relata dois exemplos de imposição cultural e religiosa dos imperadores que provocaram a indignação e a revolta dos judeus, e poderiam quase ter provocado um banho de sangue: os estandartes militares de Pilatos com a imagem do imperador César marchando para Jerusalém (26-27 d.C.), e a tentativa de erguer a estátua do imperador Caio Calígula no Templo de Jerusalém (40-41 d.C.).

E, para piorar a situação do povo, os romanos nomearam os idumeus, inimigos dos judeus, para reger a Palestina: Herodes Magno e seus filhos (Arquelau, Antipas e Filipe), cujos reinados foram marcados pela brutalidade e tirania, espalhando ódio e desespero no meio do povo. Arquelau, por exemplo, sufocou a revolta dos judeus de Jerusalém, massacrando 3 mil pessoas na praça do Templo na Páscoa. Os reis herodianos promoveram a ostentação do luxo segundo o estilo romano, construindo palácios em cidades como Cesareia, Jerusalém, Séforis, Tiberíades, Jodéfá etc. Aumentaram os tributos, assim como intensificaram a exploração, a opressão e a violência contra os camponeses, que constituíam 90% ou mais da população da Palestina. Era comum presenciar famílias inteiras sendo vendidas como escravos por causa de dívidas.

Infelizmente, os líderes religiosos de Jerusalém praticamente não fizeram nada diante da situação do povo, ao contrário, o desempenho deles visava seus próprios interesses e privilégios, obtendo lucro inclusive por meio da colaboração com o Império. Um dos relatos da época registra o abuso cometido pelo sumo sacerdote Ismael (59-61 d.C.):

Naquela época, o rei Agripa conferiu o sumo sacerdócio a Ismael, filho de Fiabi. Surgiu então mútua inimizade e luta de classe entre os sumos sacerdotes, de um

lado, e os sacerdotes e líderes do populacho de Jerusalém, do outro [...]. Era tamanha a falta de vergonha e a afronta da parte dos sumos sacerdotes, que descaradamente enviavam escravos à entrada de suas casas para receber os dízimos devidos aos sacerdotes, resultando daí que, sem nada ter, os pobres religiosos morriam de fome (Flávio Josefo *apud* Crossan e Reed, 2007, p. 235).¹

Os governantes religiosos estavam envolvidos com extorsão e ladroerias, transformando o Templo num “covil de ladrões” (Mc 11,17). O povo vivia em completo abandono. Nesse caldeirão de tensões sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas, renascem e crescem os movimentos de resistência com visões escatológicas e apocalípticas do Reino de Deus: Deus intervém e transforma o mundo do mal, da injustiça e da violência num mundo de justiça e de paz. Os movimentos resultaram em duas grandes revoltas nos primeiros cem anos do domínio romano: no ano 4 a.C., com cerca de dois mil rebeldes que foram crucificados em Jerusalém, e em 66-73 d.C., na Guerra Judaica, com a destruição do Templo e da cidade de Jerusalém.

No primeiro século havia vários movimentos de resistência ao domínio romano. Vejamos os que são conhecidos:

- 1) Banditismo judaico: os camponeses envidados e expulsos de suas terras se refugiavam nas montanhas e se juntavam aos salteadores. Atacavam as caravanas romanas e faziam incursões nas áreas fronteiriças. Pela informação de Flávio Josefo, historiador e colaborador de Roma, sobre o banditismo judaico da década de 30 d.C., “Salteadores que viviam em cavernas estavam devastando grande parte da zona rural e infligindo aos habitantes calamidades não menores que as de uma guerra” (G.J.1.304 – HORSLEY; HANSON, 1995, p. 76). Porém, os bandidos, na verdade, mantinham contato com os camponeses das aldeias, compartilhavam

os mesmos valores culturais e religiosos e muitas vezes faziam justiça em favor dos habitantes locais. Geralmente, os habitantes, por sua vez, os apoiavam e arriscavam até sua vida para protegê-los. Na Galileia, esse movimento do banditismo era suficientemente forte para ameaçar e levantar-se em rebelião contra seus dominadores, judeus e romanos, e, com um líder bem-sucedido, o movimento tornava-se uma esperança escatológica para o povo explorado e empobrecido.

- 2) Movimentos messiânicos com reis populares: os camponeses em dificuldade juntavam-se a algum movimento messiânico com a liderança de um rei carismático. Eles sonhavam com um líder como o rei Davi e o “filho do homem” (Dn 7), que poderia estabelecer o reinado definitivo de Israel, derrotando os romanos e expulsando os governantes corruptos. Na época de Jesus, o povo seguia a vários “reis messiânicos”, como Judá, filho de Ezequias; Sião, ex-escravo de Herodes; Atronges, um pastor etc.
- 3) Movimentos proféticos: no primeiro século, constata-se o renascimento de profetas com as características transmitidas na tradição bíblica (Elias, Amós, Oseias, Miqueias, Jeremias etc.). Eles, como João Batista, denunciavam as injustiças e anunciavam o julgamento iminente de Deus. Alguns deles inspiravam e lideravam até um movimento de revolta contra as autoridades, como no caso dos profetas samaritanos, por volta de 30 d.C.

Nesse contexto histórico de constante onda de revoltas populares, Jesus de Nazaré aparece diante do povo com a fama de ser um profeta.

2. Jesus de Nazaré

Nem sempre é fácil descrever o Jesus histórico e sua vida. Nos evangelhos, misturam-se as atividades de Jesus e as interpretações

feitas, posteriormente, pelas comunidades cristãs. Mas é inegável que Jesus é originário da aldeia de Nazaré e passou a maior parte da sua vida pregando, atuando e andando de uma aldeia para outra na Galileia. Seus atos, ensino, ditos e parábolas eram enraizados nas experiências da vida camponesa da sua terra. Eis algumas práticas de Jesus que se diferenciavam da imagem oficial do messias daquele tempo (NAKANOSE, 2004, p. 115):

- 1) Jesus anuncia a Boa-nova, primeiramente, aos pobres da Galileia. Essa região não é, para a elite judaica, o lugar apropriado para a aparição do messias: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46).
- 2) Jesus critica a lei da pureza: Jesus vive no meio dos marginalizados, toca o leproso (Mc 1,41), come com os pecadores (Mc 2,15) e acolhe a mulher impura (Mc 5,25-34). O que ele está propondo é reincorporar os marginalizados na vida social, em vez de excluí-los pela Lei discriminatória. Devolve-lhes a alegria de viver como gente! Essa atitude de Jesus desafia a imagem do Messias como mestre e guardião da Lei oficial, por quem os fariseus e os essênios esperavam (Mc 7,1-7).
- 3) Jesus não manda nas pessoas nem as domina, mas veio para servi-las (Mc 10,45). Essa prática não segue a regra do messias rei vitorioso que implanta o reinado de Deus mediante a violência e a dominação. A prática da libertação não se baseia no poder, mas no serviço. Quem usa o poder para libertar o povo corre o risco de subjugar-lo com o mesmo poder (Mc 9,33-37; 10,42-45).
- 4) Jesus é descrito como o profeta Jeremias, desafiando as autoridades judaicas estabelecidas no Templo: “Não está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!*” (Mc 11,17; Jr 7,11). Essa é a causa principal da ira das

autoridades do Templo, considerado por muitos como o local onde o Messias se apresenta e começa a sua conquista e seu domínio triunfante (Lc 4,9).

A imagem do Messias que nasce da prática de Jesus se contrapõe à figura messiânica davídica poderosa esperada pelo povo judeu. Ele é o “servo sofredor” (Is 42,1-9), que prega e pratica um relacionamento social e religioso baseado no amor, na compaixão e na justiça, o que o leva a um confronto com as autoridades e, conseqüentemente, à cruz. O sofrimento e a morte de Jesus não são castigos nem projeto de Deus, mas consequência de sua prática da justiça e da solidariedade.

Os primeiros seguidores e seguidoras, que conseguiram compreender esse messianismo do servo após a morte de seu mestre e a experiência pascal, colocaram-se ao lado dos crucificados da sociedade para construir o Reino de Deus, do amor e da solidariedade. Porém, foi difícil seguir o projeto do Jesus servo sofredor na sociedade greco-romana, controlada pelo Império que prega e busca poder, riqueza, posição social, honra, fama etc. É também muito grande a tentação de idealizar e pregar Jesus como rei triunfante e profeta poderoso nas dificuldades, como no momento da perseguição. A comunidade de Marcos não foi exceção. Ela enfrentou a crise de identidade: quem é Jesus e qual a sua missão nos movimentos de resistência existentes na Galileia contra o Império?

3. A figura messiânica e a comunidade de Marcos

Após a morte de Herodes Agripa I (44 d.C.), a Judeia volta a ser província romana. Com a perda da autonomia política da Judeia e a terrível fome no fim dessa década, a Palestina presenciou o aumento sucessivo dos movimentos violentos de resistência, atingindo seu ápice na Guerra Judaica de 66-73:

1) O banditismo aumentou em “proporções epidêmicas”. Os principais líderes

VIDA PASTORAL – ASSINATURAS

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus editora às paróquias e instituições cadastradas no Anuário Católico do Brasil. A revista também é distribuída gratuitamente (1 exemplar por pessoa) na rede de livrarias Paulus.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para as despesas postais. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789 – 4000
Fax: (11) 3789 – 4004

Para a efetuação de assinaturas enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista Vida Pastoral – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 - Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

carismáticos foram: Eleazar ben Dinai; Tolomau; Jesus, filho de Safias etc.

- 2) Os reis e os profetas messiânicos prometiam a libertação do jugo dos romanos e reuniam um enorme movimento popular: o rei messiânico Manaém, filho de Judas, o Galileu; o profeta “Egípcio” etc.
- 3) Os sicários, que apareceram na década de cinquenta d.C., sequestraram, assassinaram os aristocratas colaboradores dos romanos, provocaram agitações pela libertação judaica e, finalmente, aderiram aos grupos rebeldes na luta contra o Império de 66-70.

No fim da década de sessenta, toda a Palestina estava infestada de movimentos de revolta, agitando a comunidade de Marcos. A comunidade se juntaria à revolta armada com a bandeira do rei Jesus messiânico? A dúvida e indecisão da comunidade estão manifestadas em seu texto:

“Pois naqueles dias haverá uma tribulação tal, como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, e não haverá jamais. E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, ele abreviou os dias. Então, se alguém vos disser: ‘Eis o Messias aqui’ ou ‘ei-lo ali’, não creiais. Não de surgir falsos messias e falsos profetas, os quais apresentarão sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos. Quanto a vós, porém, ficai atentos. Eu vos preveni a respeito de tudo” (Mc 13,19-23).

Quem é Jesus? A comunidade de Marcos trata do assunto do messianismo de Jesus de modo particular. Olhando, sobretudo, a primeira parte do evangelho de Marcos (Mc 1,1—8,26), o leitor logo percebe as constantes ordens de silêncio, após a prática poderosa e libertadora de Jesus e à menção de seus títulos. Eis a lista dessas ordens:

- 1) “Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído por um espírito

impuro, que gritava, dizendo: ‘Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus’. Jesus, porém, o conjurou severamente: ‘Cale-te e sai dele’. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o” (Mc 1,23-25).

- 2) “Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios. Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois eles sabiam quem era ele” (Mc 1, 32-34).
- 3) “Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: ‘Se queres, tens o poder de purificar-me’. Irado, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: ‘Eu quero, sê purificado’. E logo a lepra o deixou. E ficou purificado. Advertindo-o severamente, despediu-o logo, dizendo-lhe: ‘Não digas nada a ninguém; mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o que Moisés prescreveu, para que lhes sirva de prova’” (1,40-44).
- 4) “Pois havia curado muita gente. E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre ele para tocá-lo. E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus!’. E ele os conjurava severamente para que não o tornassem manifesto” (3,10-12).
- 5) “Tomando a mão da criança, disse-lhe: ‘*Talítha Kum*’ – o que significa: ‘Menina, eu te digo, levanta-te’. No mesmo instante, a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados. Recomendou-lhes então expressamente que ninguém soubesse o que tinham visto. E mandou que dessem de comer à menina” (5,41-43).

Lançando um olhar sobre essa lista e outros textos, podemos ter uma resposta parcial à pergunta que fizemos à comunidade de Marcos a respeito do messianismo: por que Jesus impõe o silêncio e não permite que as pessoas mencionem seus títulos? Antes de tudo, Jesus desfaz um equívoco: a pretensão do povo em transformá-lo num Messias poderoso e triunfante. Foi exatamente essa pretensão que penetrou e dominou a comunidade de Marcos. Eles olhavam o céu, esperando e pedindo que Jesus interviesse logo no mundo para estabelecer seu reino glorioso e definitivo. Entretanto, ele adverte e se contrapõe à figura messiânica davídica triunfalista. Dessa maneira, a comunidade começa a orientar seus membros para o verdadeiro messianismo de Jesus e seu destino na segunda parte do seu evangelho, que se inicia em Mc 8,27-38.

4. "Tu és Cristo"

Jesus com os seus discípulos estão em viagem para Jerusalém, próximo a Cesareia de Filipe, cidade situada no extremo norte da Palestina, junto às fontes do rio Jordão. O nome anterior dessa cidade era Panion, pois nela havia um local sagrado dedicado ao deus Pã (FREYNE, 2008, p. 53-54). Aí também havia um templo em honra de Augusto, construído por Herodes Magno. Herodes Filipe atribuiu à cidade o nome de Cesareia de Filipe, distinguindo-a de outras Cesareias.

No caminho, o evangelho de Marcos coloca a pergunta sobre a identidade de Jesus: "Quem dizem os homens que eu sou?" (Mc 8,27b). O caminho é o local do discipulado. A questão proposta não tem uma única resposta, até hoje as pessoas continuam tentando responder quem é Jesus. As diferentes respostas representam as várias tendências que havia na comunidade de Marcos acerca de Jesus.

Alguns acreditavam que Jesus era João Batista que tinha voltado. De acordo com a narrativa de Marcos, o próprio Herodes pensava dessa forma (Mc 6,16). Para outros, era Elias, uma figura do Antigo Testamento

muito popular entre os judeus. Ele era considerado o iniciador do movimento profético. A tradição afirmava que esse profeta tinha sido arrebatado aos céus e, segundo a crença, voltaria (2Rs 2,11). Ainda havia uma parcela da comunidade que acreditava que Jesus era um dos profetas.

A questão sobre a identidade de Jesus se desdobra em outra pergunta: "E vós, quem dizeis que eu sou?". Pedro, representando um grupo que segue Jesus, responde: "Tu és o Cristo!" (Mc 8,29). Desde o início, o evangelho de Marcos apresenta a verdadeira identidade de Jesus. Na voz do narrador ouvimos a proclamação de "Jesus Cristo, Filho de Deus" (Mc 1,1), em seguida pelo próprio Deus (Mc 1,11) e pelos demônios (Mc 1,25; 3,11; 5,7), somente agora pelos discípulos.

Embora a resposta de Pedro esteja certa, segue-se a ordem de silêncio. De fato, Jesus é o Messias, mas parece que a comunidade ainda não entendeu o seu messianismo, pois espera um messias glorioso e poderoso. O evangelho de Marcos apresenta que tipo de Messias é Jesus: "O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar" (Mc 8,31). Esse ensinamento será repetido em outras duas passagens: 9,31 e 10,32-34. O texto evidencia que o seguimento de Jesus implica sofrimento e rejeição.

O título "Filho do homem" ocorre muitas vezes no Antigo Testamento. Enquanto o título em Dn 7,13 é usado para designar "alguém como o rei Davi" que vem nas nuvens com poder e glória, o título como no livro de Ezequiel é, de modo geral, aplicado ao ser humano com suas fraquezas e limitações humanas. Nos sinóticos (Mc, Mt e Lc), o título "Filho do homem" é usado somente por Jesus. Quando o título é usado nos textos que mencionam a paixão e morte de Jesus, ele é aplicado para expressar a condição humana de fragilidade, contrapondo-se à figura apocalíptico-escatológica do messias davídico poderoso.

Anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas foram os representantes das autoridades de Jerusalém que tramaram a morte de Jesus: “Enquanto ainda falava, chegou Judas, um dos doze, com uma multidão trazendo espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos” (Mc 14,43; cf. Mc 10,33; 11,18.28; 14,1; 15,1.31). A visão de um messias poderoso e triunfalista é substituída pela compreensão de um messianismo que passa pelo sofrimento e pela cruz. Um messias solidário com os crucificados da história.

O messianismo de Jesus está relacionado com rejeição, sofrimento e morte, conteúdo essencial de sua identidade messiânica. Havia em Israel a imagem do Servo de Javé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13—53,12), porém, ainda não estava relacionada com o messias. O essencial desses cânticos é que o servo é chamado para o serviço da justiça, toma consciência do seu chamado e assume a missão. Por causa de sua fidelidade à justiça, é perseguido, resiste até o fim e por isso é morto, mas Deus aceita a sua oferta. As primeiras comunidades cristãs releeram os cânticos de Isaías e viram em Jesus o Servo de Javé. Elas entenderam que o sofrimento do Filho do Homem não vinha das mãos de Deus, mas “dos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas”.

Pedro representa o grupo que não aceita essa visão e censura Jesus. Para muitos, a morte de Jesus na cruz era inaceitável. Nesse momento, a reação é violenta: “Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens” (8,33). Havia uma forte contestação contra Jesus na comunidade de Marcos. Em 3,22, ele é acusado de estar possuído por Beelzebu. A provocação de Pedro a Jesus lembra também a tentação de Jesus no deserto (Mc 1,12-13). Pedro não age como discípulo de Jesus, ao contrário, ele se torna porta-voz de Satanás. A palavra satã vem do hebraico e significa “adversário”.

A narrativa de Marcos 8,27-33 tinha os discípulos como destinatários. No v. 34, há uma mudança: o discurso agora é dirigido para

a multidão juntamente com os discípulos. O convite para seguir Jesus apresenta três exigências: “negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34). Negar-se a si mesmo supõe superar o egoísmo e arriscar a vida por causa de Jesus e do Evangelho (Mc 8,35-37). A morte na cruz era extrema humilhação. A cruz era um instrumento de crueldade e desumanização e representava a opressão romana. No tempo dos romanos, era um castigo aplicado aos escravos e aos rebeldes. Um condenado à cruz tinha de carregar a própria até o lugar da crucificação.

No caminho do discipulado, Pedro e os demais discípulos seguem Jesus e prometem fidelidade: “‘Mesmo que tivesse de morrer contigo, não te negarei’. E todos diziam o mesmo” (Mc 14,31). Porém, diante do perigo, Pedro nega conhecer Jesus para salvar a sua própria vida (Mc 14,67-72). O mesmo aconteceu com o homem possuidor de muitos bens e incapaz de atender o chamado de Jesus (Mc 10,21-22).

Negar Jesus e seu Evangelho pode ser um caminho de preservação da própria vida, mas a vida perde o seu sentido. De que adiantam riquezas e seguranças se a pessoa se fecha à solidariedade humana distanciando-se da fonte da vida? “Envergonhar-se de mim e de minhas palavras” significa distanciar-se de Jesus e do seu Evangelho e assumir a ideologia do Império. O questionamento de Jesus a seus discípulos e à multidão continua exigindo uma resposta: até que ponto nós assumimos o seguimento de Jesus hoje?

5. Catecismo sobre o seguimento de Jesus

“Tome a sua cruz e siga-me”. O seguimento de Jesus é o caminho da cruz, que está na contramão da sociedade dominada pelo Império Romano e seus colaboradores. É uma sociedade organizada pelas relações humanas baseadas no levar vantagens, no poder e em privilégios. A comunidade cristã de Marcos, que professa Jesus de Nazaré como “Cristo”, não deve reproduzir as relações de poder na

vida cotidiana, mas estabelecer relações de serviço e de comunhão.

Após o primeiro anúncio da paixão, a comunidade de Marcos descreve, em seu evangelho, as instruções sobre as relações internas da comunidade, introduzidas pelo segundo (Mc 9,30-32) e terceiro anúncios (Mc 10,32-34):

- 1) “E chegaram a Cafarnaum. Em casa, eles perguntou: ‘Sobre que discutíeis no caminho?’. Ficaram em silêncio, porque pelo caminho vinham discutindo sobre qual era o maior. Então ele sentou, chamou os Doze e disse: ‘Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos’” (Mc 9,33-35). Quem é o maior? Os discípulos ainda idealizam uma sociedade de poder, de riqueza e de privilégio que produz a segregação social. O caminho da cruz deve ser reproduzido nas relações humanas da comunidade, baseada na vida de serviço sem interesse.
- 2) “Disse-lhe João: ‘Mestre, vimos alguém que não nos segue expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia’. Jesus, porém, disse: ‘Não o impeçais, pois não há ninguém que faça milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós’” (Mc 9,38-40). Mais uma vez, deparamo-nos com a concepção dos discípulos de uma sociedade segregacionista de poder. Eles não estão dispostos a partilhar o poder e o privilégio. Querem o monopólio e exclusividade no mistério da salvação. Hoje se compreende que a prática missionária não é condenatória nem marcada por sectarismo. O cerne da missão é a promoção da justiça, liberdade e vida em todos os povos.
- 3) “Traziam-lhe crianças para que as tocassem, mas os discípulos as repreendiam. Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: ‘Deixai as crianças virem a mim.

Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele’. Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas” (Mc 10,13-16). No mundo greco-romano de produção e de ganho, a criança e o ancião são considerados inúteis (cf. Sb 2,5-11) e representam o grupo marginalizado. Mas o Reino, do ponto de vista de Jesus de Nazaré, é gratuidade de Deus, e nele as pessoas marginalizadas, que não são consideradas, são acolhidas.

- 4) “Então Jesus, olhando em torno, disse a seus discípulos: ‘Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus!’. Os discípulos ficaram admirados com essas palavras. Jesus, porém, continuou a dizer: ‘Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!’” (Mc 10,23-25). A riqueza no Império Romano é fruto da acumulação de bens por meio da injustiça: fraude, espoliação e violência (Ap 13; 18). Ao entrar no Reino de Deus, a comunhão com o Deus da vida, é preciso sair e combater essa sociedade de ambição e injustiça, que explora o próximo e a natureza. É necessário entrar no caminho da cruz de servir e de partilhar a vida.
- 5) “Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram até ele e disseram-lhe: ‘Mestre, queremos que nos faças o que te pedimos’. Ele perguntou: ‘Que quereis que vos faça?’. Disseram: ‘Concede-nos, na tua glória, sentarmo-nos, um à tua direita, outro à tua esquerda’ [...]. Ouvindo isso, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João. Chamando-os, Jesus lhes disse: ‘Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre

vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” (Mc 10,35-44). O projeto de Jesus não é ser servido, mas servir ao próximo. Assim, é rejeitada, definitivamente, a aspiração dos discípulos ao reino messiânico davídico no qual Jesus seria ungido como rei e assumiria o poder em Jerusalém. Essa rejeição é também da comunidade de Marcos por volta do ano 70 d.C. Ela rejeita juntar-se às revoltas armadas dos vários líderes messiânicos e suas lutas por poder e privilégios.

O evangelho de Marcos registra três anúncios da paixão com o catecismo sobre o seguimento de Jesus na vida cotidiana da comunidade. Ao anunciar o catecismo do “caminho da cruz”, Jesus combate e corrige os discípulos que aspiram a poder e privilégio. É corrigida a aspiração messiânico-davídica ao poder de alguns membros da comunidade de Marcos. No caminho do seguimento de Jesus, ela deve empenhar-se em examinar sempre a natureza de sua missão no mundo.

A comunidade, como o cego Bartimeu (Mc 10,46-52), deve abrir os olhos, deixar o manto do “Filho de Davi”, messias como rei poderoso, e seguir o caminho da cruz do Jesus servo sofredor. Deve despojar-se de tudo o que o mundo de ambição ao poder, riqueza e fama, prega e busca: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

6. Uma palavra final

Ontem e hoje persiste a pergunta: “Quem dizem os homens que eu sou?”. As respostas são várias e na comunidade de Marcos havia a imagem de uma figura messiânica davídica gloriosa já esperada pelo povo judeu. Quem é Jesus? Onde ele está? Como podemos segui-lo? Uma das respostas para os nossos dias está na nossa realidade, em fatos como este do relato abaixo, feito por uma jornalista:

Minha filha caçula, orientadora pedagógica e psicóloga de crianças e adolescentes, chorou emocionada ao ouvir pelo rádio a entrevista que o estudante Vítor Soares Cunha deu ao sair do hospital, depois de ser agredido covardemente por jovens como ele. Vítor, 21, aluno de Desenho Industrial, passeava com um colega na Ilha do Governador, no Rio, quando viu cinco rapazes bem alimentados espancando um mendigo. Filho de um assistente social, não pensou duas vezes ao tentar impedi-los. A violência irracional voltou-se contra ele. Foram socos e pontapés violentos e ininterruptos, atingindo, sobretudo, a cabeça e o rosto de Vítor, mesmo quando ele já estava caído no chão, totalmente indefeso. Depois de horas de cirurgias, placas de titânio na testa e no céu da boca, 63 pinos para recompor os ossos da face e ainda com o risco de perder os movimentos do olho esquerdo, Vítor saiu com sua mãe do hospital e disse, com uma simplicidade atordoante, que não se sentia heroico e que faria tudo novamente.²

Quem confessa Jesus de Nazaré como um dos caminhos para construir o Reino de Deus é chamado a segui-lo nas atividades cotidianas: ser solidário com os mais desprezados e rejeitados pelos poderes do mundo, seduzidos pela ambição das riquezas e honras que promovem a morte. Pois o Reino de Deus se constrói nos movimentos de solidariedade entre as pessoas no dia a dia da vida: conscientizar e promover a dignidade humana; defender a vida e a natureza. A jornalista termina seu relato com esta reflexão: “A comparação entre Vítor e seus agressores nos faz refletir. O Brasil e o mundo serão muito melhores quando pais e escolas educarem as crianças não para se arvorarem fortes e machos ao trucidar um ser humano – ou um animal – jogado na rua, no abandono e na dor”.

NOTAS:

1. As referências bibliográficas completas encontram-se ao final do último artigo, “Jesus de Nazaré, crucificado e resuscitado”.
2. Eliane CANTANHEDE, “Pequenas grandes coisas”, *Folha de São Paulo*, 12/02/12, Opinião, A2.

JESUS DE NAZARÉ, CRUCIFICADO E RESSUSCITADO

Uma leitura de Marcos (Mc 16,1-8)

Maria Antônia Marques*
Shigeyuki Nakanose, svd**
Luiz José Dietrich**

Estavam no caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia à frente deles. Estavam assustados e acompanhavam-no com medo. Tomando os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer: “Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, zombarão dele e cuspirão nele, o acoitarão e o matarão, e três dias depois ele ressuscitará” (Mc 10,32-34).

A morte de Jesus na cruz foi a maior crise da caminhada de seus primeiros seguidores e seguidoras. Perderam tudo o que, até aquele momento, tinha alimentado a sua esperança e sua vida. Eles acreditavam que Jesus era um profeta poderoso, o Messias vitorioso, o filho de Deus e o libertador de Israel. Os discípulos de Emaús diziam: “Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel” (Lc 24,21). A própria identidade do grupo se perdeu como um navio sem piloto. Jesus crucificado foi, de fato, escândalo e loucura para seus primeiros seguidores e seguidoras (1Cor 1,17-25).

Mas isso mudou, pouco a pouco, com o mistério pascal de Jesus vivido pela comunidade cristã. Os primeiros cristãos, movidos pelo amor e a memória de Jesus, conviviam à luz das palavras e da prática do seu Mestre: “Uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles.

Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles. E disseram um ao outro: ‘Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escritura?’” (Lc 24,30-32). Foi uma experiência pascal: uma passagem de Jesus morto para Jesus que está vivo na vida comunitária.

Em vez de scandalizar-se e lamentar a morte de Jesus na cruz, a comunidade reflete e assimila esse acontecimento trágico e inesperado aplicando para Jesus a imagem e a missão do servo sofredor, descrito no Antigo Testamento. Jesus é o Servo de Deus, que veio servir e regatar o povo: “Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires os olhos dos cegos, a fim de soltares do cárcere os presos, e da prisão os que habitam nas trevas” (Is 42,6-7).

1. Jesus, o servo sofredor, ressuscitado e vivo no meio de nós!

Jesus pregou a prática da justiça e da solidariedade com as pessoas empobrecidas e enfraquecidas pelo Império Romano e seus colaboradores. Consequentemente, ele foi

*ma-antonia@uol.com.br
**cbiblicoverbo@uol.com.br
***luzdietrich@ig.com.br

perseguido e morto pelos seus opositores. Olhando de perto o tecido do texto da paixão e morte de Jesus, redigido pela comunidade de Marcos, por volta do ano 70 d.C., descobre-se que ele foi morto como contestador e subversivo pelas autoridades de seu tempo:

- 1) Os membros do Sinédrio prenderam Jesus, interrogaram-no e entregaram seu caso a Pilatos (Mc 14,43—15,1): não há dúvida de que eles estão na lista dos culpados pela morte de Jesus. Por trás das acusações levantadas contra Jesus aparecem suas palavras sobre a estrutura religiosa vigente: a lei do puro e do impuro, o Templo e o messianismo davídico triunfalista que regulavam a vida do povo judeu. Jesus projetou uma nova sociedade, na qual o legalismo seria substituído pela justiça e misericórdia, e o Templo, pela casa de oração e partilha. Por isso, foi visto como uma ameaça ao poder religioso.
- 2) Os discípulos abandonaram Jesus, e Pedro negou seu Mestre (Mc 14,50; 14,66-72): se esses atos não fossem de fato históricos, dificilmente as primeiras comunidades os atribuiriam a Pedro e aos discípulos. O fato de os discípulos fugirem transparece que eles não compreenderam Jesus como o Messias Servo no tempo pré-pascal. Os discípulos esperavam Jesus como um messias poderoso, um novo Davi, conforme era ensinado e esperado por muitas das autoridades religiosas da época.
- 3) Pilatos condenou Jesus à morte de cruz como “rei dos judeus” (Mc 15,1-15): é importante acentuar, antes de tudo, que Jesus foi condenado a uma pena que só um tribunal romano podia dar. Isso é fundamental, porque nos leva a confirmar a responsabilidade de Pilatos e dos romanos pela morte de Jesus. O título “rei dos judeus”, que foi fixado no alto da cruz como a causa da sentença,

é mencionado em todos os evangelhos, reforça a responsabilidade dos romanos. Pilatos condenou Jesus à morte como pretendente ao trono judeu e, portanto, como rebelde contra a ordem e a tranquilidade da *pax romana*.

- 4) Jesus é açoitado depois de condenado à morte (Mc 15,15): os historiadores atestam a frequência da flagelação como pena acessória ao condenado à morte. Essa pena, que parece ter sido reservada aos não cidadãos entre os romanos, servia de exemplo para demonstrar seu domínio e poder sobre os súditos nas províncias. É certo que a flagelação e o sofrimento no caminho para o Calvário enfraqueceram Jesus e apressaram a sua morte.
- 5) Jesus morreu na cruz (Mc 15,37): na literatura romana, a crucifixão tem sua origem na Pérsia e era aplicada aos oficiais, no período greco-romano é que passou a ser usada para os escravos. Ela é descrita como “crudelíssimo e horribilíssimo suplício, e é uma penalidade infligida aos escravos e aos habitantes das províncias por faltas maiores, como furto grave e rebelião”. Por sua crueldade, o suplício da cruz foi visto, pelos judeus, como “escândalo” e “maldição de Deus”: “Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso em uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21,22-23).

Os textos bíblicos da Paixão e morte de Jesus nos informam que ele morreu como criminoso e subversivo. Sua morte foi consequência de uma vida a serviço da justiça levada ao seu extremo: “Jesus dizia: ‘*Abba [Pai]*! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). A cruz de Jesus é o resultado da sua fidelidade à missão do Pai

e compromisso com seus irmãos até o fim. É o resultado do que ele pregou e do que ele fez.

E é exatamente por Jesus ter sido fiel ao amor de Deus, e por ter testemunhado esse amor até o fim, até a cruz, que a comunidade de seus seguidores e seguidoras verá na cruz a exaltação de Jesus como servo de Javé:

*Ele, estando na forma de Deus,
não usou de seu direito de ser tratado
como um deus,
mas se despojou,
tomando a forma de escravo.
Tornando-se semelhante aos homens
e reconhecido em seu aspecto
como um homem,
abaixou-se,
tornando-se obediente até a morte,
a morte sobre uma cruz.
Por isso Deus soberanamente o elevou
e lhe conferiu o nome que está acima
de todo nome (Fl 2,6-9).*

Um hino cristão antigo, citado por Paulo, repete o mesmo esquema “humilhação/exaltação” conhecido na tradição judaica, por exemplo: “Deus ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo” (Sl 113,7-8; Sl 22). O indigente, condenado como impuro, é salvo pelo amor e pela gratuidade de Deus. A salvação não está no cumprimento da lei do puro e do impuro, mas na prática da solidariedade, por meio da qual o Deus da vida se manifesta. Por isso, para os cristãos, Deus Pai nunca abandona Jesus de Nazaré, que serve ao povo com amor. Ele exalta Jesus crucificado, um impuro, cujo nome é Jesus Cristo, Filho de Deus (Mc 1,1).

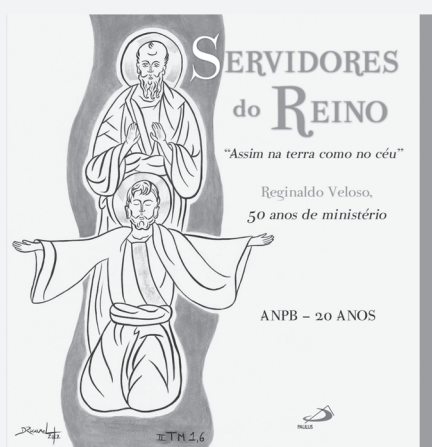
Com essa convicção pós-pascal, a comunidade de Marcos descreve a manifestação gloriosa do Filho do Homem:

Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará sua claridade, as estrelas estarão caindo do céu, e os poderes que estão nos céus serão abalados. E verá o Filho do Homem vindo

CD Servidores do Reino

“Assim na terra como no céu”

Reginaldo Veloso



No 20º aniversário da Associação Nacional de Presbíteros do Brasil, Reginaldo Veloso, um dos sócios fundadores da associação, foi chamado para compor e gravar a música *Servidores do Reino*, que dá nome a este CD. Além dela, ele selecionou outras doze do seu repertório relacionadas ao ministério presbiteral e à sua espiritualidade, entre elas os três cânticos evangélicos tradicionais da Liturgia das Horas e a inédita "Vito, Vito, Vitória!".

Faixas: 13
Cód.: 7891210011817

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



entre nuvens com grande poder e glória. Então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu” (Mc 13,24-27).

Com a tradição apocalíptica judaica (Dn 7,9-27), a comunidade de Marcos manifesta a sua fé na ressurreição de Jesus Cristo e na chegada de um mundo novo por Ele prometido. Porém, a mesma comunidade adverte que essa espera pela manifestação plena do Reino de Deus não deve ser passiva, mas ativa (Mc 13,28-36). Os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo não podem se descuidar de suas responsabilidades no seguimento de Jesus no dia a dia: “O que vos digo, digo a todos: vigiai!” (Mc 13,37).

“Cumpriu-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”, escreve a comunidade de Marcos (Mc 1,15). O Reino de Deus pregado e semeado por Jesus deve continuar sendo construído pela prática da solidariedade e da comunhão com os mais sofridos e explorados por uma realidade excludente, que vive a busca desenfreada do lucro, poder e privilégio. Os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo devem continuar a missão do seu mestre, que exerceu seu ministério a partir da periferia, da Galileia. Somente assim, Jesus ressuscitado estará presente no meio deles. Um jovem vestido com uma túnica branca anuncia para as mulheres diante do túmulo vazio: “Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito” (Mc 16,7).

2. Jesus de Nazaré ressuscitado vos precede na Galileia

Os evangelhos são unânimes em afirmar o testemunho de mulheres que vão ao túmulo de Jesus. Marcos cita Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago, e Salomé (16,1). Mateus menciona apenas duas mulheres: Maria Madalena e a outra Maria (Mt 28,1). Na lista de Lucas vemos Maria Madalena, Joana

e Maria, mãe de Tiago, e outras mulheres (Lc 24,10). Em João, apenas Maria Madalena (Jo 20,1). Madalena é citada em todos, o que indica que ela era uma referência importante para as primeiras comunidades cristãs, principalmente para a teologia da ressurreição e para a continuidade do movimento de Jesus. E mais: a morte de Jesus foi assunto de muita conversa e reflexão na Igreja dos primórdios.

No evangelho de Marcos, a lista com nomes de mulheres é citada pela terceira vez. Em 15,40, no momento da crucifixão, “estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé”. Em seguida, a narrativa afirma: “Maria de Magdala e Maria, mãe de Joset, observavam onde ele fora posto” (Mc 15,47). O que pode indicar essa lista, uma vez que o testemunho de mulheres nem sempre era bem-visto? Os discípulos fugiram, mas algumas mulheres permaneceram até o momento da cruz e morte (cf. 15,40). É possível que esse evangelho quisesse reforçar que os excluídos é que seguem Jesus até o fim.

Após a prisão e a execução de Jesus na cruz, as mulheres não o abandonaram, mas continuaram a segui-lo. Segundo o evangelho de Marcos, desde o início da narrativa, elas também serviam (*diakonein*) a Jesus (Mc 1,31), e até após a sua morte. Ainda que o seguimento dos homens (como Pedro, Tiago e João) a Jesus desaparecesse, as mulheres continuam sendo “diaconisas”, prestando solidariedade e estando em comunhão com os mais necessitados. Elas, como o cego Bartimeu (Mc 10,46-52), são o símbolo do ser fraco e desprezado, sem poder. São as pessoas marginalizadas, que estão dependentes e vazias de si mesmas, prontas para seguir o caminho de Jesus, o servo sofredor, que se esvaziou para servir aos outros até a cruz.

A descrição do evangelho de Marcos permite concluir que o sepultamento de Jesus foi apressado, pois já era tarde e véspera do sábado, sem o tempo suficiente para os rituais fúnebres. Por isso, algumas mulheres, após o

sábado, ou seja, após o pôr do sol, vão ao lugar onde sepultaram Jesus para ungir o corpo dele (Mc 16,1). Era costume dos judeus ungir o corpo com uma mistura de mirra e aloés (cf. Jo 19,39). A unção deveria ser feita antes do sepultamento. Na realidade, não seria possível abrir o túmulo depois de um dia e meio de sepultamento.

Mal amanheceu o primeiro dia e as mulheres foram ao túmulo. No coração, angústia e preocupação: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” (Mc 16,3a). No entanto, “viram que a pedra já fora removida” (Mc 16,3b). De acordo com a mentalidade bíblica, túmulo é símbolo da morte. Mas a entrada está aberta. Há uma esperança.

As mulheres “viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto” (Mc 16,5). A palavra grega *ekthambeo* só é utilizada nesse evangelho e pode ser traduzida por pavor ou espanto. Ela também é utilizada no contexto da oração de Jesus no Getsêmani para descrever o seu estado de ânimo: ele “começou a apavorar-se” (Mc 14,33).

No túmulo, o jovem encontra-se à direita: a tradição acreditava que essa era a posição do próprio Cristo: “vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu” (Mc 14,62; cf. Mc 12,36). A descrição do encontro entre o jovem e as mulheres tem características de relato de anúncio: o jovem é identificado com um anjo (cf. 2Mc 3,26), as vestes brancas indicam o mundo divino, sua posição simboliza dignidade, palavras de encorajamento às mulheres diante do medo e a promessa.

As palavras do anjo contêm a afirmação de fé das primeiras comunidades cristãs: “Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ele ressuscitou, não está aqui” (16,6; cf. At 2,23-24; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,28-30). No grego, está na voz passiva: “ele foi levantado (*egerthê*, traduzido por ressuscitado). O mesmo verbo é utilizado nos relatos de milagre nos quais Jesus

levanta os marginalizados, libertando-os para participarem da vida social (Mc 1,31; 2,9 etc). A ressurreição é a vida.

O túmulo vazio é um sinal da ação de Deus. Um mistério que permanece até hoje. Não é o túmulo vazio que prova a ressurreição de Jesus, mas, sim, um encontro pessoal com o ressuscitado. As palavras finais do Anjo são de encorajamento: “Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia” (Mc 16,7). A ordem é ir para a Galileia. Voltar ao começo, refazer o caminho.

A palavra do anjo inclui os discípulos e Pedro. Na hora do aperto, os discípulos fugiram e Pedro negou Jesus. Apesar das falhas, a comunidade está aberta para todas as pessoas que estão dispostas a seguir Jesus. É preciso sempre voltar à Galileia, que, no evangelho de Marcos, tem um destaque especial. É em Cafarnaum que Jesus escolheu seus primeiros discípulos e aí estabeleceu o local de sua residência. Ele atuou no norte da Galileia e na Decápolis. A Galileia é o espaço familiar de Jesus, ao passo que Jerusalém é o lugar do sagrado vinculado à Lei, à hierarquia, ao puro e impuro, é o lugar da exclusão, de tudo o que significa a rejeição ao projeto de Jesus. É preciso distanciar-se de Jerusalém e reencontrar Jesus na Galileia, no meio dos gentios.

Provavelmente, é a mesma razão que levou o evangelho de Marcos a ser o único que utiliza o título “Jesus de Nazaré” no relato da ressurreição (Mc 16,6). A comunidade, que se situava na Galileia e estava enfrentando conflitos, por volta do ano 70 d.C., deu ênfase ao local do ministério de Jesus. Ele era um nazareno, viveu, testemunhou e implantou seu projeto de amor e de solidariedade na sua terra. Chamar “Jesus de Nazaré” e voltar à “Galileia” são apelos fortes para retomar a missão de Jesus, o servo sofredor.

Qual foi a resposta das mulheres? “Saíram e fugiram do túmulo (...) E nada contaram a ninguém, pois tinham medo” (Mc 16,8). Assim terminava o evangelho de Marcos. Uma

história cujo fim fica para a imaginação de quem está lendo o evangelho. Diante das curas e milagres, a ordem é silenciar, e as pessoas falam (Mc 1,44); agora, acontece o contrário: a ordem é falar, e as mulheres silenciam.

A história se repete... Como os discípulos, as mulheres também fugiram (14,50). Porém, o silêncio delas, o medo e a fuga são diferentes. São sentimentos e reações diante do seguimento de Jesus: “Voltar para a Galileia – à prática de Jesus”. Seguir Jesus de Nazaré implica assumir o seu projeto, que provoca conflitos, perseguições e até a morte. Isso significa deixar as seguranças! Mas a esperança está aí na ressurreição. Jesus ressuscitado continua presente entre aqueles e aquelas que prosseguem o seu caminho: ‘Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito’” (Mc 16,7).

3. Ressuscitar – Levantar no dia a dia

Não vos espanteis! Procurais Jesus de Nazaré. O Crucificado. Ressuscitou [levantou-se], não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito (Mc 16,6-7).

O verbo traduzido para o português como “ressuscitou”, no grego é *egerthê*, que significa “foi levantado”. A comunidade das seguidoras e seguidores de Jesus usa o mesmo verbo tanto para falar da ressurreição de Jesus, de como ele foi levantado de entre os mortos, quanto para falar da ação de Jesus entre as pessoas que com ele conviviam. Principalmente entre aquelas que estavam recaídas nas camas, paralíticas, atrofiadas, sem vontade de viver, atormentadas por espíritos impuros e cegas, daqueles e daquelas que estavam como que “mortos” para a vida. A ação de Jesus junto a essas pessoas foi de levantá-las, ou de fazer com que se levantassem para a vida de novo, que novamente participassem da vida, que recomeçassem a viver. Eis aqui alguns exemplos:

- 1) “E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o mencionaram a Jesus. Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los” (Mc 1,29-31).
- 2) “Jesus, vendo sua fé, disse ao paralítico: ‘Filho, teus pecados estão perdoados’. Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: ‘Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?’. Jesus imediatamente percebeu em seu espírito o que pensavam em seu íntimo, e disse: ‘Por que pensais assim em vossos corações? Que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda?’ Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ele ao paralítico –: levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa’” (Mc 2,5-11).
- 3) “E entrou de novo na sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. E o observavam para ver se o curaria no sábado, para o acusarem. Ele disse ao homem da mão atrofiada: ‘Levanta-te e vem aqui para o meio’” (Mc 3,1-3).
- 4) “Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu um alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. Entrando disse: ‘Por que esse alvoroço e esse pranto? A criança não morreu; está dormindo’. E caçoavam dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança. Tomando a mão da criança, disse-lhe: *Thalita kum*, o que significa: ‘Menina, eu te digo, levanta-te’. No

mesmo instante, a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados” (Mc 5,38-42).

5) “Vendo Jesus que a multidão afluía, conjurou severamente o espírito imundo, dizendo-lhe: ‘Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: deixa-o e nunca mais entres nele!’. E gritando e agitando-o violentamente, saiu. E o menino ficou como se estivesse morto, de modo que muitos disseram que ele morrera. Jesus, porém, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele se levantou” (Mc 9,25-28).

6) “E muitos o repreendiam, para que se calasse. Ele, porém, gritava mais ainda: ‘Filho de Davi, tem compaixão de mim!’. Detendo-se, Jesus disse: ‘Chamai-o!’. Chamaram o cego, dizendo-lhe: ‘Coragem! Ele te chama. Levanta-te’. Deixando o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então, Jesus lhe disse: ‘Que queres que eu te faça?’. O cego respondeu: ‘*Rabbuni!* Que eu possa ver novamente!’. Jesus lhe disse: ‘Vai, tua fé te salvou!’. No mesmo instante, ele recuperou a vista e o seguia no caminho” (Mc 10,48-52).

Segundo os evangelhos, havia muitas pessoas a serem levantadas para a vida. Por que isso acontecia? Aqui devemos ter presente o contexto em que Jesus e as primeiras comunidades viveram e atuaram. O elemento principal desse contexto é a dominação pelo Império Romano. Isso implicava uma pesada carga de tributos e impostos sobre todas as pessoas. Grande parte da produção e dos frutos dos trabalhos do povo dominado ia parar nas mãos das autoridades romanas e de seus aliados judeus. À carga representada pelo domínio imperial romano somava-se a carga dos impostos, tributos, sacrifícios e oferendas que os judeus deviam fazer ao Templo de Jerusalém e às autoridades da religião oficial da Judeia. Juntos, esses tributos retiravam mais de 60% dos produtos do trabalho do povo da Judeia

e da Galileia. Assim, a maioria da população vivia em estado de pobreza e muitos, sem acesso à terra, endividados e sem trabalho fixo, viviam na miséria.

A situação social de exploração e de pobreza generalizada era agravada pela teologia oficial dominante, que acrescentava aos sofrimentos dos pobres a culpa por sua pobreza. A teologia da retribuição dizia que a pobreza e a riqueza eram dadas por Deus. Segundo essa teologia, a riqueza era vista como uma bênção que Deus dava para os justos, como recompensa por sua justiça; e a pobreza, a doença, os sofrimentos eram vistos como uma maldição de Deus, destinada aos pecadores e impuros. Isso sobrecarregava as pessoas pobres, doentes e excluídas, pois, além das dores advindas de sua situação social, ainda sofriam com o peso da vergonha e da culpa por serem vistas como pecadoras.

Uma das consequências fortes dessa compreensão de Deus é que causa e estimula a insensibilidade diante das pessoas pobres, injustiçadas e sofredoras: elas são vistas como causadoras dos seus próprios sofrimentos, como quem está pagando por seus próprios pecados e erros. O Deus da lei do puro e impuro, do Templo e da teologia da retribuição, em vez de incentivar a solidariedade, estimula a culpabilização e a exclusão. É um Deus insensível aos gritos das pessoas pobres, das pessoas que sofrem injustiças e violências: “O órfão é arrancado do seio materno, e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos, e suspirando os feridos pedem socorro, e Deus não ouve a sua súplica” (Jó 24,9-12). O Deus da teologia da retribuição não ouve, não vê, não conhece, e nada faz para diminuir as dores dos oprimidos.

É nesse contexto que devemos compreender a prática de Jesus e também das comunidades de Marcos, de Paulo e dos outros evangelhos. Inclusive em muitos casos, quando os evangelhos descrevem Jesus realizando determinados atos e atitudes, na verdade se estão legitimando

do práticas realizadas pelas comunidades em nome de Jesus.

Mas as práticas das comunidades certamente enraízam-se na prática e nas atitudes de Jesus. No contexto dominado pela teologia da retribuição, Jesus certamente mostra outro rosto de Deus: “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Jesus vê com os olhos do Deus do Êxodo, que vê, ouve, conhece e desce para libertar (Ex 3,7).

Jesus e a comunidade de seus seguidores e seguidoras não enxergam as pessoas com os óculos da teologia da retribuição. Esses óculos impedem de vê-las como pessoas, mas, sim, como pecadoras e culpadas por seus próprios sofrimentos, por isso elas não devem ser acolhidas e sim penalizadas e excluídas. De acordo com essa mentalidade, as pessoas consideradas pecadoras são as causadoras de suas próprias desgraças, que podem recair sobre quem delas se aproximar: “Por que ele come com os pecadores e publicanos?” (Mc 2,16). Essas pessoas estão como mortas para Deus... Precisam ser ajudadas a se levantar novamente, precisam ser levantadas para a dignidade, para a vida... E era isso o que Jesus fazia. Ao fazer isso, também resgatava e revelava o verdadeiro rosto de Deus.

No ambiente agitado dos anos próximos da Guerra Judaica, em que visões triunfalistas do messias davídico talvez tenham feito alguns discípulos que esqueceram da solidariedade com os empobrecidos e começaram a adorar Jesus como um rei poderoso, o que está implícito na forma como o evangelho descreve suas reações frente aos anúncios da paixão (cf. Mc 8,31-33; 9,30-34; 10,32-37). Havia grupos que estavam olhando mais para Jesus todo-poderoso do que para as pessoas ao seu redor. Os pequeninos estavam sendo esquecidos e ignorados.

Mas as comunidades que estão por trás do evangelho de Marcos, ao apontar para Jesus como o servo de Javé, e ao mostrar Je-

sus recriminando essas atitudes (Mc 8,34-35; 9,35-37; 10,41-45), também nos recriminam severamente. Jesus não quer ser adorado como um rei ou um Deus poderoso. Ao fixarmos demasiadamente nossos olhos e nossos corações nessa imagem de Jesus e de Deus, corremos o risco de não ver nem ouvir os gemidos e as dores dos pobres e injustiçados ao nosso lado... E com isso Jesus ressuscitado não mais se manifesta entre nós. Olhando para essas partes do evangelho de Marcos, podemos nos dar conta de que estamos preocupados em demasia em cultuar a Jesus no altar ou no trono, esquecendo-nos de que o testemunho de sua ressurreição não está no culto, mas no serviço, no serviço que liberta, que resgata a dignidade das pessoas, que transmite vida, que levanta as pessoas injustiçadas e oprimidas.

4. Uma palavra final: A ressurreição de Jesus está entre nós

Jesus ressuscitado é a presença que continua entre aqueles que dão seguimento ao seu caminho. Jesus ressuscitado está presente nas pessoas, comunidades e movimentos que promovem a solidariedade e a comunhão com os mais explorados e empobrecidos pelos poderes do mundo seduzidos pela ambição do poder, riqueza e privilégio.

O testemunho de Jesus ressuscitado e sua ressurreição chegam até nós hoje e, principalmente, às pessoas que sofrem por causa das injustiças e das desigualdades sociais, da violência sexual, do machismo, das discriminações étnicas e religiosas, quando assumimos a prática de Jesus. Damos esse testemunho quando fazemos crescer o Reino de Deus entre nós, por meio da solidariedade, da luta contra as injustiças e no cuidado da vida. A ressurreição se manifesta quando o seguimento a Jesus nos faz sermos mais humanos, solidários, sensíveis às injustiças e às desigualdades, dispostos à partilha e a uma atitude política mais generosa, que promova igualdade de oportunidades.

Todos nós somos chamados e chamadas a abrir os olhos, ouvidos e o coração, e a movimentar nossas pernas e mãos para reforçar a luta contra as desigualdades e injustiças sociais, as violências e discriminações... E a fazer isso de modo concreto, engajando-nos em grupos que já estão nesse projeto, ou reunindo-nos para assumir a luta por melhorias nos hospitais, postos de saúde e escolas públicas, por remunerações mais dignas e por melhores condições de trabalho para todas as pessoas e procurando estabelecer relações cuidadosas e responsáveis frente a todas as formas de vida e à diversidade dos ecossistemas, sem os quais a vida não existe. Jesus ressuscitado está presente entre nós e experimentamos e testemunhamos a sua ressurreição à medida que construímos uma sociedade de vida, e de vida em abundância para todos e todas.

Ao fazermos isso, estaremos sendo discípulos e discípulas de Jesus, o crucificado, mas que está vivo. E é para isso que ele nos chama: “Coragem! Ele te chama. Levanta-te!” (Mc 10,49).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: Os evangelhos*. São Paulo: CRB/Loyola, 1994.
- DOMINIC CROSSAN, J.; REED, J. L. *Em busca de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge: Wm B. Eerdmans Publishing CO, 2002.
- FREYNE, S. *Jesus, um judeu da Galileia*. São Paulo: Paulus, 2008.
- GAMELEIRA SOARES, S. A.; CORREIA JÚNIOR, J. L. *Evangelho de Marcos. VI:1-8: refazer a casa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. *Bandidos, profetas e messias: Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*. Vol. 2. História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.
- MYERS, C. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulus, 1992.
- NAKANOSE, S.; MARQUES, M. A. “Jesus e seus opositores”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. N. 47, 2004/1. Petrópolis: Vozes, 93-107.
- NAKANOSE, S. *O segredo messiânico: por que Jesus não se revela?*. In: CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: Os evangelhos*. São Paulo: CRB/Loyola, 2004.
- SCHIAVO, L.; DA SILVA, V. *Jesus, milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CDs Celebrando o amor (vols. 1 e 2)

Marcos da Matta,
Cristiane da Matta
e Roselene Gonçalves
dos Santos



Os volumes 1 e 2 do álbum *Celebrando o amor* são subsídios litúrgicos para as celebrações do matrimônio, que assessoram os grupos corais e os cantores solistas, abrilhantando ainda mais este momento tão importante na vida dos casais.

(vol. 1)
Faixas: 14
Cód.: 7891210004956

(vol. 2)
Faixas: 15
Cód.: 7891210011428

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



SUGESTÕES PARA A LITURGIA

Ir. Veronice Fernandes, pddm*

2 DE SETEMBRO – 22º DOMINGO
DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Por vários domingos escutamos o evangelho segundo João, que fala da multiplicação dos pães. Hoje, retomamos o evangelho de Marcos, que nos revela pouco a pouco quem é Jesus.

Nesta celebração, o Mestre ensina a valorizarmos o essencial. Tudo o que serve para o crescimento é aceitável. As normas, as leis são úteis enquanto estão no plano de Deus, que é de vida e salvação.

Será preciso mudar as atitudes a partir de dentro, pois é o que sai do interior da pessoa que a contamina. Que possamos mudar de atitudes formalistas para a religião do coração, como Jesus praticou e ensinou.

2. Sugestões para a celebração:

- O ato penitencial pode ser um momento bem apropriado para avaliar nossa prática cotidiana.
- Neste mês da Bíblia, é importante valorizar a escuta da Palavra.
- Praticar a leitura orante diariamente, seguindo os seus passos: leitura, meditação, oração e contemplação. Essa prática, como afirma o papa Bento XVI: “(...) é verdadeiramente capaz não só de

desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva...” (*Verbum Domini*, n. 87).

- Preparar bem os/as leitores/as para proclamar e a assembleia para ter ouvido de discípula; valorizar os livros litúrgicos que contêm a Palavra de Deus (o lecionário e o evangeliário), como afirma o Elenco das leituras da missa: “Os livros de onde se tiram as leituras da Palavra de Deus, assim como os ministros, as atitudes, os lugares e demais coisas lembram aos fiéis a presença de Deus que fala a seu povo. Portanto, é preciso cuidar que os próprios livros, que são sinais e símbolos das realidades do alto na ação litúrgica, sejam verdadeiramente dignos, decorosos e belos” (nº 35).
- Valorizar o ambão (mesa da Palavra) de onde “são proferidas somente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e as intenções da oração universal ou oração dos fiéis” (Introdução ao Lecionário, n. 309).

* Provincial das irmãs Pias discípulas do Divino Mestre no Brasil, mestra em Teologia, com especialização em Liturgia. É membro do Centro de Liturgia, da Equipe de Reflexão da Pastoral Litúrgica da CNBB e trabalha como assessora nos cursos de formação litúrgica.

- Iniciando, hoje, a semana da pátria, levar na procissão de entrada a bandeira brasileira; na prece dos fiéis, rezar pelo povo brasileiro, lembrando as diversas realidades e desafios existentes.

9 DE SETEMBRO – 23º DOMINGO DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Hoje celebramos a Páscoa de Cristo que se manifesta na vida do surdo-gago. Jesus, vendendo-o, se compadece de sua situação e abre-lhe os ouvidos e a boca. Jesus é o cumprimento da promessa, o Verbo encarnado, Palavra da Salvação. Abre os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos, faz erguer o caído, ama os pobres e faz justiça aos oprimidos.

No contexto do evangelho de Marcos, os discípulos de Jesus têm dificuldade de compreender a proposta do Mestre.

Como discípulos atentos, escutemos a Palavra de vida e salvação. Que ela nos abra os ouvidos e a boca para acolhermos a revelação no coração e na vida.

2. Sugestões para a celebração:

- Valorizar o livro das leituras, levando-o ladeado com velas durante a procissão de abertura.
- Antes da proclamação das leituras, pode ser cantado um refrão para proporcionar a escuta, como, por exemplo: “Desça como a chuva, a tua palavra, que se espalhe como orvalho, como chuvisco na relva, como aguaceiro na grama. Amém”.¹
- Após a homilia, se for conveniente, convidar as pessoas a tocarem quem está próximo, dizendo: “Abre-te e anuncia a Palavra do Senhor”.
- Como fruto da escuta e prática da Palavra de Deus, na coleta fraterna, levar produtos não perecíveis para partilhar com as pessoas necessitadas.
- No final da celebração, dar uma bênção especial às pessoas que vão partilhar os mantimentos com os necessitados.

- Lembrar que no dia 14 é a festa da Exaltação da Santa Cruz e dia 15 é memória de N.S. das Dores.

16 DE SETEMBRO – 24º DOMINGO DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Neste domingo, Jesus se revela como o Servo-Filho, aquele que vai sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e doutores da Lei; ser morto, e ressuscitar em três dias. Chegamos, com ele, a um ponto decisivo: vai passar pelo sofrimento e a morte para realizar seu desígnio de salvação, não tem outra saída, mesmo que isso seja motivo de escândalo para os seus seguidores.

Para o discípulo de Jesus, há uma única escolha: aceitar a cruz e segui-lo. A fé é traduzida em obras, ou então ela é morta.

Com o coração renovado e nutrido nas mesas da fraternidade, da Palavra e da Eucaristia, nos propomos vencer a tentação do sucesso e do triunfo e aprender a viver de um jeito mais pascal.

2. Sugestões para a celebração:

- Destacar a cruz que será levada na procissão de abertura.
- No início da celebração, “tocamos o nosso corpo em forma de cruz. Esse ‘toque’ tem um sentido simbólico e espiritual profundo. Por ele, no fundo, testemunhamos que, pelo mistério pascal (cruz e ressurreição) fomos (e somos!) ‘tocados’ pelo amor da Trindade”. É importante fazer esse gesto de uma forma bem consciente e numa atitude espiritual condizente com o significado do rito.
- Toda a comunidade pode renovar sua adesão a Cristo, fazendo sua profissão de fé à semelhança da Vigília Pascal, dialogada, com a renovação das promessas batismais e o rito da aspersão acompanhado do canto: “Banhados em Cristo, somos uma nova criatura. As coisas antigas já se passaram, somos nascidos de novo”.

- Na bênção final e na despedida, enfatizar a missão de renunciar a si mesmo, tomar a cruz e seguir a Jesus, o Messias-Servo.
- Dia 21 de setembro é festa de São Mateus, apóstolo.

23 DE SETEMBRO – 25º DOMINGO DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

No evangelho de hoje, lemos o texto do segundo anúncio que Jesus faz de sua paixão e morte.

Os discípulos ainda se encontram “cegos”, pois, não obstante o anúncio da cruz, eles continuam a raciocinar de acordo com a lógica humana. Jesus, porém, não desiste de ensiná-los, de exortá-los. O caminho para compreendê-lo e segui-lo: o serviço, a humildade, o acolhimento aos pequenos, ou seja, aos pobres. É o mistério da *Kenosis* (esvaziamento).

Há ainda muito a aprender. O caminho se fez caminhando. Estejamos atentos para ouvir e praticar a Palavra de Jesus. Que saibamos vencer a prepotência e ambição que impedem a adesão ao projeto de Jesus.

2. Sugestões para a celebração:

- As pessoas que exercem diferentes serviços na comunidade podem fazer parte da procissão de abertura.
- Pode ser feita a bênção aos pequeninos² antes de dar a bênção para toda a assembleia: *O(a) presidente chama todas as crianças e convida a comunidade a estender as mãos sobre elas e a rezar em silêncio. Depois conclui:*

Deus de bondade, teu filho Jesus mandou-nos acolher o menor.

Seguindo sua palavra, nós te pedimos: abençoa nossos irmãos e irmãs menores.

Sê para eles compaixão e força. E dá a todos nós a graça de construir comunidades e sociedades que sempre respeitem as crianças e valorizem o seu papel.

Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Segue-se um canto, enquanto os(as) ministros(as) fazem o sinal da cruz nas crianças.

Lembrar que no dia 26 é memória dos mártires Cosme e Damião; dia 29 é festa dos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael.

30 DE SETEMBRO – 26º DOMINGO DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Hoje, prosseguindo a leitura do evangelho de Marcos, Jesus continua ensinando seus discípulos e indicando-lhes as exigências para quem quer caminhar com ele até o calvário. Exige-se dos discípulos o máximo de abertura para os que estão fora da comunidade (cf. vv. 38-40) e um acolhimento para com os pequenos e excluídos por serem de Cristo, sem ser motivo de escândalo para eles (9,41-50).

A Palavra de Deus é verdade, orienta, dá vigor e nos santifica. Seus ensinamentos de sabedoria nos convidam a abrir o coração e a mente para a universalidade da salvação. Não podemos prender Deus. O Reino de Deus é maior que nós. O Espírito do Senhor não tem fronteiras nem limites.

2. Sugestões para a celebração:

- Convidar para a celebração, se possível, irmãos e irmãs de outras igrejas ou denominações.
- Hoje é dia da Bíblia para os católicos. Preparar bem a mesa da Palavra.
- Fazer procissão com o livro no início da celebração. Se a comunidade tiver o evangeliário, é bom usá-lo: “O leitor, que pode conduzir um pouco elevado o evangeliário (...)” (IGMR 120).
- Cantar um refrão meditativo antes da escuta. Pode ser: “Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor. Lâmpada para os meus pés e luz. Luz para o meu caminho...”.
- Dar especial atenção a toda a Liturgia da Palavra.
- A Eucaristia como sacramento da unidade e da comunhão eclesial nos leva a um empenho ecumênico e inter-religioso.

- Pode ser rezada a oração eucarística para Diversas Circunstâncias I – A unidade da Igreja.
- As palavras do rito de envio podem estar em consonância com o mistério celebrado. *Tenham um coração aberto e solidário. Lutem contra a fome, a miséria e a injustiça. Vivei em contínua conversão. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.*
- Dia 1º de outubro, fazemos memória de Santa Terezinha e dia das Pessoas da Terceira Idade. Dia 2, fazemos memória dos Santos Anjos da Guarda e lembramos o massacre na casa de detenção no Carandiru, em São Paulo, onde morreram 111 pessoas.

No dia 2 de outubro, é aniversário de nascimento de Gandhi e dia Internacional da Não-Violência (declarado pelas Nações Unidas). No dia 3 de outubro, lembramos o martírio de André de Soveral, Ambrósio Francisco Forro e 28 companheiros, mártires do Rio Grande do Norte. Dia 5, fazemos memória de São Benedito.

7 DE OUTUBRO – 27º DOMINGO DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Continuando a instruir os seus discípulos, Jesus, fiel à aliança com Deus Pai, assumindo todas as consequências desse pacto até o fim, convida-os a enxergar que a relação amorosa entre o homem e a mulher é o mais forte sinal da sua aliança com a humanidade.

Na celebração do mistério pascal de Cristo, nós, Igreja-esposa, renovamos nossa aliança com Jesus Cristo, o Esposo fiel. Em seu corpo e sangue entregues, sinais eloquentes da nova e eterna aliança, nós somos fortalecidos na capacidade de doação e fidelidade nas relações fraternas, em todos os âmbitos e espaços, com o coração simples, acolhedor e puro de uma criança.

Anunciando e proclamando esse grande mistério, na celebração e na vida, renovamos a nossa relação profunda com Deus, Uno e Trino, com as pessoas, com toda a criação

e, de maneira particular, com os pequenos e pobres, como nos ensina Jesus no evangelho.

2. Sugestões para a celebração:

- Alguns casais e algumas crianças podem entrar na procissão de abertura. A cruz processional é carregada por um casal.

No final, dar uma bênção aos casais: *O(a) coordenador(a) convida os casais a se aproximarem do altar e a se darem as mãos. Convida toda a assembleia a um momento de oração e depois reza:*

Deus, criaste homem e mulher à tua imagem e semelhança e lhes entregaste o universo inteiro para que cuidassem dele com sabedoria.

Abençoa os casais de nossa comunidade, fortalece a sua união, ajuda-os a superar os conflitos. Para que em tudo teu nome seja glorificado. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.³

- Sugerimos a oração eucarística IV.
- Dia 12 é festa de N. Sra. Aparecida, padroeira do Brasil, e Dia das Crianças.

14 DE OUTUBRO – 28º DOMINGO DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Neste domingo, a Palavra de Deus exige de nós uma opção. Há, diante de nós: o caminho de Deus, da Palavra que é viva, eficaz, cortante; o caminho de Jesus, que é da renúncia, do desprendimento das riquezas, dos bens... Há também outros caminhos que não são o da vida.

O jovem que Jesus encontra deseja fazer alguma coisa para ganhar a vida eterna. As exigências são mais fortes do que ele imagina: é preciso se desfazer dos bens e dar o dinheiro aos pobres. O jovem não é capaz de fazer a opção de seguir Jesus.

Proclamando e recordando essa palavra de vida e salvação, somos chamados a rever o nosso relacionamento com os bens materiais.

É-nos pedido o máximo de abnegação: “Uma só coisa te falta: vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres” (10,17-27).

2. Sugestões para a celebração:

- Após a homilia, a comunidade toda pode assumir um compromisso bem concreto. Dia 16 é Dia Mundial da Alimentação. A comunidade poderia assumir um compromisso concreto, colaborando para a erradicação da fome.
- Valorizar o gesto da fração do pão, “(...) que por si só designava a Eucaristia nos tempos apostólicos, manifestará mais claramente o valor e a importância do sinal da unidade de todos, num só pão, e da caridade fraterna, pelo fato de um único pão ser repartido entre os irmãos” (IGMR 321).
- Pode ser dada uma bênção especial aos professores presentes na celebração, lembrando que no próximo dia 15 faremos memória de Santa Tereza de Ávila e é Dia do Professor.
- As palavras do rito de envio podem estar em consonância com o mistério celebrado: *Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.*
- Dia 17 fazemos memória de Santo Inácio de Antioquia e dia 19 de outubro recordamos madre Teresa de Calcutá, servidora dos pobres.

21 DE OUTUBRO – 29º DOMINGO
DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Hoje, o Mestre faz o terceiro anúncio de sua paixão e se depara, mais uma vez, com a incompreensão de seus discípulos. O caminho da cruz é inevitável, exige renúncias das riquezas, como vimos no domingo passado. Egoísmo e ganância não são condizentes com o jeito de ser do Servo de Deus.

No caminho de iniciação ao seguimento de Jesus, o discípulo vai assimilando, aos poucos, o jeito de ser messiânico de Jesus. O Senhor

propõe radicalidade no seguimento: tomar a cruz a cada dia, beber o mesmo cálice que ele vai beber e ser servo de todos.

Como afirma a carta aos Hebreus: “Aproximemo-nos, então, com toda confiança, do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos a graça de um auxílio oportuno” (4,16). Que o Senhor, Servo e Justo, venha em auxílio de nossas fraquezas e nos capacite a sermos servos e darmos a vida em favor dos irmãos e irmãs.

Nossa comunhão e prece com todos os missionários e as missionárias, que, a exemplo de Jesus, são servidores do Reino.

2. Sugestões para a celebração:

- Hoje, Dia das Missões e da Mística do Serviço, é importante valorizar os diversos ministérios presentes na comunidade. Que a celebração seja expressão de uma Igreja missionária e servidora com seus diversos serviços e ministérios. Cada um, segundo o que lhe compete, coloca seus dons e carismas em comum, assumindo a mística do serviço. Somos muitos, há diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo. Todos, unidos e reunidos, formamos o corpo de Cristo.
- Na procissão de entrada, valorizar a cruz, sinal da entrega de Jesus.
- Após a homilia, todos os batizados e principalmente os ministros, servidores, missionários podem renovar seu compromisso de servir.
- Antes da bênção final a toda a comunidade, dar uma bênção especial para os missionários e ministros da comunidade.

28 DE OUTUBRO – 30º DOMINGO
DO TEMPO COMUM.

1. O mistério que celebramos:

Depois de ensinar aos discípulos a mística do serviço, Jesus continua seu caminho rumo a Jerusalém. Hoje, o ensinamento se dá mais uma vez por meio da cura de um cego. O filho

de Timeu, Bartimeu, cego, mendigo, mesmo perante a repreensão de muitos que queriam calá-lo, grita por Jesus e vai ao seu encontro. Curado por Jesus, o que não enxergava, segue-o pelo caminho.

Sem a cruz, é impossível entender quem é Jesus e o que significa segui-lo. É preciso fazer a “entrega de si” (8,35), aceitar “ser o último” (9,35), “beber o cálice e carregar sua cruz” (10,38), não repetir os esquemas de reis e poderosos, e ser “servidor de todos” (10,43-44). Quem for capaz de aceitar as exigências do seguimento, conseguirá enxergar e seguirá Jesus no caminho, como o cego Bartimeu. Só na fé é possível ver claramente e seguir a Jesus no caminho que leva a salvar a vida, perdendo-a.

Hoje, somos convidados a deixar as seguranças e os medos e ir ao encontro do Mestre Jesus, seguindo-o até a morte e morte de cruz.

2. Sugestões para a celebração:

- Com confiança renovamos nossa fé no Senhor, que nos tira da escuridão, nos liberta do medo e nos traz de volta à vida. Após a homilia, toda a comunidade, se for oportuno, antes da profissão de fé,

pode receber a luz: *Acendem-se as velas dos fiéis, e quem preside, tomando ou tocando o círio pascal, reza: Deus vos tornou luz em Cristo. Caminhai sempre como filhos e filhas da luz, para que, perseverando na fé, possais seguir o Senhor (cf. RICA).*

- Em comunidades menores, a oração dos fiéis pode ser espontânea, de modo que o povo exerça o seu sacerdócio batismal, e a comunidade possa rezar a própria realidade.
- No dia 30, lembramos Santo Dias, operário e ministro da comunhão, defensor da causa operária. Dia 2 é a comemoração de todos os fiéis falecidos.

Notas:

1. Suplemento do Ofício Divino das Comunidades; refrãos meditativos. São Paulo, Apostolado Litúrgico. Também gravado em CD.
2. P. CARPANEDO e M. GUIMARÃES. *Dia do Senhor: Guia para as celebrações das comunidades*. Tempo comum, Ano B. São Paulo: Paulinas/Apostolado Litúrgico, p. 174.
3. P. CARPANEDO e M. GUIMARÃES. *Dia do Senhor: Guia para as celebrações das comunidades*. Tempo comum, Ano B. São Paulo: Paulinas/Apostolado Litúrgico, p. 186.

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento

Mestrado

Estudos de temas específicos

Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)

Hebraico e Grego (semanal)

Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5181.7450

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br ou cbiblicoverbo@uol.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Celso Loraschi*

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(2 de setembro).

A PALAVRA DE DEUS: VIDA PARA TODOS

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Palavra de Deus tem o objetivo de promover a vida para todas as pessoas. É o tema central das leituras desse domingo, o primeiro do mês dedicado à Bíblia. Somos herdeiros de uma tradição de fé na qual Deus revelou seu plano de amor e salvação para toda a humanidade. O povo de Israel, desde a sua origem, faz a experiência desse amor de Deus, sente sua presença libertadora e procura acolher o seu projeto. Através das palavras colocadas na boca de Moisés (I leitura), Deus adverte para a importância da prática de normas e estatutos para garantir as condições de vida e dignidade na terra prometida. Mais tarde, essas normas e estatutos foram interpretados segundo os interesses do sistema sacerdotal de pureza. Virou legalismo excludente contra o qual Jesus se posiciona. Seu ensinamento e sua prática seguem por outro caminho: é do coração de cada um de nós que vem o discernimento para o bem ou para o mal (Evangelho). A Palavra de Deus é caminho, verdade e vida. A carta de Tiago insiste sobre a necessidade de ouvi-la com atenção e colocá-la em prática, renunciando a toda “imundície e malícia” (II leitura). Quem segue com docilidade a Palavra de Deus possui a vida em si mesmo, livra-se da corrupção do mundo e solidariza-se com as pessoas que passam por dificuldades.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 4,1-2.6-8): Normas e estatutos que garantem a vida

O acontecimento do Êxodo com a organização do povo de Israel em tribos, na terra prometida, sempre foi recordado pelas sucessivas gerações. Em cada época histórica, a memória do passado funciona como uma luz a iluminar o sentido do presente e projetar um futuro melhor. Esse é também o objetivo da I leitura da liturgia de hoje. O discurso colocado na boca de Moisés antes de entrar na terra prometida visa aprofundar a importância das normas e estatutos que garantem a vida de liberdade e de paz para o povo.

Sabemos que o povo de Israel se formou no processo de caminhada de libertação da escravidão do Egito. Diversos grupos de marginalizados uniram-se ao redor do mesmo sonho. Fizeram a experiência de fé em Deus vivo e libertador. Identificaram-se como “povo de Deus”. Na terra de Canaã, organizaram-se em tribos e nela puderam viver orientados por leis estabelecidas a partir das descobertas feitas na convivência durante o Êxodo e no processo de organização na nova terra. São normas e estatutos que orientam desde as relações familiares até as tribos como um todo. Abrangem princípios econômicos (= a terra é de Deus e seus frutos devem ser partilhados

* Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo. Especialização em Teologia Bíblica. Professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina. Assessor do CEBI/SC.

segundo a necessidade de cada família), princípios políticos (= descentralização do poder e corresponsabilidade nas decisões) e princípios ideológico-religiosos, com fidelidade ao projeto libertador de Deus, cujo centro é a defesa e a promoção da vida.

Sabemos também que o regime tribalista em Israel, que durou mais ou menos 200 anos (de 1250 a.C. a 1050 a.C.), foi sucedido pela monarquia. As normas e os estatutos foram modificados segundo os interesses dos reis. Nesse sentido, o texto de Deuteronômio pode ser visto como uma denúncia a essas modificações que fortalecem um sistema político que oprime o povo. O ensinamento oficial não é o mesmo de Moisés, isto é, não corresponde mais ao ideal de uma sociedade justa. Deuteronômio, então, resgata a autoridade do maior representante da Lei, que é Moisés, e atualiza a memória de suas palavras: “Nada acrescentareis ao que eu vos ordeno, e nada tirareis também: observareis os mandamentos do Senhor vosso Deus tais como vo-los prescrevo”. Uma grande nação não se faz com poder centralizado, nem com um forte exército, nem com uma economia que privilegia um pequeno grupo. Uma grande nação se faz pela promoção da justiça social, onde todas as pessoas têm condições de viver bem. As leis que defendem esse ideal devem ser respeitadas.

2. Evangelho (Mc 7,1-8.14.15.21-23):

A lei inscrita no coração

Jesus sabe onde pisa. Conhece o sistema que rege a vida dos seus conterrâneos. Sabe quem são e como se comportam os agentes desse sistema. Desde o início de seu ministério público, deixou claro o seu posicionamento: veio para resgatar a vida roubada pelas imposições absurdas do poder político e religioso que imperava na Palestina. O Evangelho deste domingo relata uma das controvérsias entre Jesus e o grupo dos ideólogos do sistema de pureza: fariseus e escribas.

Através dessa controvérsia, deduz-se como o ensinamento oficial exercia pressão permanente sobre o cotidiano da vida das pessoas comuns. A lei deveria ser um caminho que garante o bem-estar de todas as pessoas e proporciona uma convivência respeitosa. Para os escribas e fariseus, porém, tornou-se o meio de controle de todas as ações de cada

pessoa. Como o texto de Marcos nos mostra, os casuísmos chegavam ao extremo de obrigar as observâncias nos mínimos detalhes, como os de lavar as mãos até o cotovelo antes de comer o pão “e muitos outros costumes...”. Ensinavam que essa era uma “tradição dos antigos” e, portanto, revestia-se de um caráter sagrado. Não podia ser violada.

A tradição dos antigos, porém, assim como era apresentada no tempo de Jesus, não correspondia ao sentido original da lei de Moisés. Originalmente, a lei em Israel visava a manutenção de uma sociedade baseada na justiça, na liberdade e na paz, como foi no tempo do tribalismo. A tradição dos antigos havia sido modificada pelos rabinos judeus a partir da organização do sistema sacerdotal de pureza. Ao redor do grande símbolo religioso que é o Templo de Jerusalém, os rabinos fizeram sua própria interpretação da lei mosaica e acrescentaram uma grande quantidade de outras normas, impondo um peso insustentável sobre o povo. Não se podia viver normalmente sem infringir alguma dessas normas. Era uma maneira coercitiva de manter o povo na dependência dos interesses do grupo que controlava o sistema do templo.

O texto mostra que qualquer infração era cobrada. Em todo lugar havia “espiões”. Podemos imaginar o que sentia uma pessoa do povo diante das exigências religiosas oficiais e de sua impossibilidade de cumpri-las. Leve-se em conta que esses ensinamentos eram incutidos desde a infância. Eram “mandamentos humanos” que não honravam a Deus.

A infração dos discípulos de não lavar as mãos antes da refeição e a cobrança dos fariseus e escribas transformaram-se em ocasião propícia para Jesus oferecer um outro ensinamento e indicar um outro modo de viver o cotidiano. A pessoa, para honrar a Deus e prestar-lhe um culto digno, não precisa estar atrelada a um sistema de leis que oprime e exclui. Deve, sim, prestar atenção à lei inscrita por Deus em seu coração. É do interior de cada um de nós que saem as boas ou más intenções, as que nos tornam puros ou impuros. Deus mora em nós e do mais profundo de cada pessoa ele indica o caminho a seguir. Podemos rejeitar as suas indicações e manter-nos fechados em nosso egoísmo. A conduta de cada um de nós revela se seguimos a Deus ou as “intenções malignas: roubos, assassinios,

prostituição, adultério, ambições desmedidas, arrogância...”.

3. II leitura (Tg 1,17-18.21b-22.27):

Docilidade à Palavra

A carta de Tiago revela um dos principais empenhos existentes nas comunidades cristãs primitivas: ouvir e praticar a Palavra. Jesus se tornou o caminho da salvação. O ensinamento e a prática de Jesus agora são a nova lei a ser seguida. Jesus é a Palavra da Verdade que liberta e salva. Não basta, porém, sermos ouvintes que logo esquecem. É necessário sermos praticantes.

Percebe-se que Tiago está atento ao comportamento que algumas pessoas da comunidade estão demonstrando: há sinais de “imundície” e de “malícia”. Isso significa que o jeito de viver que deveria caracterizar os seguidores de Jesus não está sendo levado a sério por alguns. “Imundície” é próprio de quem adota atitudes sujas: injustiça, exploração, mentira, falsidade, corrupção e tantas outras coisas próprias de pessoas egoístas. Também o termo “malícia” denota o comportamento de uma pessoa que se deixa conduzir pelo mal. No texto, encontra-se a advertência: “Deixem de lado qualquer imundície e sinal de malícia”.

Eis o que Tiago propõe aos cristãos do seu tempo e a nós, hoje: “Recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no coração e que pode salvá-los”. Aqui, percebemos uma íntima ligação com o Evangelho de hoje: é de dentro do coração de cada um que provêm tanto as coisas boas como as más. É necessário prestar atenção ao que Deus fala dentro de nós. A Palavra é Jesus e seu Evangelho. Recebê-la com docilidade significa renunciar a toda espécie de imundície e de malícia e optar em fazer o bem uns aos outros como Jesus nos ensinou.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A Palavra de Deus visa garantir a vida de todas as pessoas.* O povo de Israel tinha consciência de que a sociedade deve ser organizada de acordo com o plano de Deus. A terra foi-lhe dada por Deus a fim de que nela todas as tribos pudessem conviver como uma só família. Por isso, estabeleceram “normas e estatutos” para viver na liberdade e promover a dignidade e a

paz social. Terra prometida + mandamentos de Deus = vida sem exclusão. Pode-se refletir sobre os princípios irrenunciáveis para uma vida feliz tanto na família como na sociedade...

– *A Palavra de Deus no coração de cada pessoa.* Jesus ensinou a prestar atenção ao que Deus revela no coração de cada um de nós. Aí está inscrita a sua vontade. Tiago exorta: “Recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no coração e que pode salvá-los”. É preciso aprender a discernir o que é bom e ser fiel ao plano de Deus, evitando toda “imundície e malícia” do mundo moderno... Pode-se refletir sobre a importância da Bíblia como Palavra de Deus, fundamental para a formação de uma boa consciência em vista de uma sociedade justa e fraterna.

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(9 de setembro).

FÉ EM DEUS: AMOR AOS POBRES

I. INTRODUÇÃO GERAL

A fé em Deus implica em amar prioritariamente as pessoas empobrecidas. É o tema central das leituras da liturgia deste segundo domingo do mês dedicado à Bíblia. Deus se revelou ao povo de Israel como libertador de todos os males que afligem a vida humana. O profeta Isaías, inserido numa realidade de marginalização e sofrimento do povo, torna-se o anunciador da esperança militante, capaz de transformar a tristeza em alegria, a fraqueza em força, o medo em confiança (I leitura). Afinal, Deus jamais abandona o povo que sofre. Jesus, o Filho de Deus, solidariza-se com a dor das pessoas doentes e excluídas e oferece-lhe a cura e a libertação (Evangelho). Deixando-nos tocar pela sua graça, recuperamos a integridade do nosso ser. A carta de Tiago lembra que numa comunidade cristã não pode haver acepção de pessoas. Pelo contrário, deve-se acolher com todo carinho as que são pobres e sem fama (II leitura). Assim como Deus Pai revelou-se sempre próximo e atencioso com as pessoas sofredoras, e assim como Jesus assumiu a dor da humanidade, também nós, como filhos de Deus e irmãos de Jesus, somos instados a ser coerentes: a fé em Deus implica no amor prioritário às pessoas em situação de necessidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 35,4-7a): “Sede fortes, não temais!”

O movimento profético de Isaías I (cap. 1-39) situa-se pelo final do século VIII a.C. Internamente, o regime monárquico produziu frutos amargos para o povo de Israel. Onde deveria ser promovido o direito, o que apareceu foi a injustiça; onde deveria ser garantido o bem-estar do povo, o que se ouviu foram gritos de desespero (Is 5,7). Além da opressão interna, o exército assírio, pelo ano 722 a.C., invadiu e destruiu o Reino do Norte com sua capital, a Samaria, deportando muita gente (cf. 2Rs 17) e, em 701, tomou Jerusalém e as cidades da região sul, impondo altos impostos e mais opressão sobre o povo (cf. 2Rs 18). Isaías é testemunha desses acontecimentos e profetiza a partir do lugar social das vítimas do poder tanto interno como externo.

A profecia exerce uma função muito importante no meio das pessoas que sofrem a opressão política e econômica. Através das palavras proféticas, Deus manifesta seu amor e sua solidariedade com o povo. É um Deus sensível, um pastor cheio de ternura, o protetor das pessoas indefesas. Deus é o padrinho dos pobres, o redentor dos oprimidos, o resgatador da dignidade humana.

O texto é um anúncio de uma boa notícia que revigora os fracos e encoraja os desanimados. Deus fala aos corações conturbados dizendo para serem fortes e não temerem. Os poderosos deste mundo podem oprimir, mas não podem impedir a intervenção amorosa de Deus em favor dos oprimidos. “Ele vem para salvar!”. Os cegos e os surdos recobrarão a capacidade de ver e ouvir, libertos da ideologia dominante. Os coxos poderão andar, e os mudos poderão falar com a liberdade de filhos de Deus. A terra seca será regada com a água da justiça que produz frutos de vida em abundância para todos. Enfim, a Palavra de Deus provoca a esperança militante e incute um novo ânimo para a construção de um mundo de paz e de fraternidade. É importante nos deixar invadir pela palavra profética, libertando-nos de todas as amarras que nos impedem de abraçar com consciência e liberdade nossa missão no mundo.

2. Evangelho (Mc 7,31-37): “Ele fez tudo bem!”

Esse texto do evangelho de Marcos mostra uma das ações de Jesus em terra estrangeira. Ele vem trazer a salvação a todos os povos. Os seus discípulos estão com Jesus, porém manifestam uma grande dificuldade de entender os seus ensinamentos e o seu modo de agir. Alimentam a expectativa de que Jesus manifeste em algum momento todo o poder de um messias triunfalista, dominando os inimigos e restabelecendo o reino de Israel. Eles não entendem por que Jesus vai pregar o seu evangelho e realizar ações de libertação no meio dos estrangeiros, pessoas consideradas impuras conforme o ensinamento dos fariseus; não entendem o significado da multiplicação dos pães, têm o coração endurecido, têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem. Na verdade, os discípulos estão totalmente contaminados pelo “fermento dos fariseus e de Herodes”, isto é, pela ideologia do poder religioso e político (cf. Mc 8,14-21).

Podemos perceber, então, qual é a intenção de Marcos ao relatar a cura do surdo-gago. Os verdadeiros surdos são os discípulos de Jesus, que, apesar de estarem na companhia do Mestre, ouvirem os seus ensinamentos e verem a sua prática, ainda não entendem que tipo de Messias é Jesus. São surdos e cegos. E ainda são gagos: porque não entendem quem é Jesus, também não conseguem anunciar o seu Evangelho com lucidez.

A cura do surdo-gago se dá na Decápole (região de dez cidades), situada além do rio Jordão, fora do país da Palestina. Nesse episódio, essa região representa todos os países estrangeiros para os quais os discípulos serão enviados para anunciar o Evangelho de Jesus e continuar a sua obra. Para isso, precisam ser libertados do seu nacionalismo exclusivista. Devem abrir os ouvidos para acolher a nova proposta de Jesus, diferente daquela dos escribas e fariseus. Portanto, a narrativa da cura do surdo-gago é mensagem diretamente dirigida aos discípulos de Jesus no tempo em que Marcos escreve seu evangelho (ao redor do ano 70), e também é mensagem dirigida a todos nós, hoje, pois também podemos nos deixar influenciar pela ideologia dominante, que nos torna surdos aos apelos de Deus e gagos por falta de convicção e coragem de seguir e anunciar o seu Evangelho.

É importante perceber a maneira como Jesus cura o surdo-gago. Primeiro, ele o leva para

longe da multidão, depois coloca os dedos nas suas orelhas, em seguida toca-lhe a língua com sua saliva e, por fim, levanta os olhos para o céu, geme ou suspira profundamente, e pronuncia a palavra que liberta: “Abre-te”. Esse processo revela que, para ser discípulo de Jesus, é necessário afastar-se da ideologia dominante que massifica a consciência; é necessário deixar-se conduzir pela mão do Mestre, permitir que ele o toque com sua graça e que a vida divina (simbolizada pela saliva de Jesus) penetre a vida humana. Assim, a pessoa torna-se capaz de entender Jesus, de viver o seu Evangelho e de anunciá-lo com toda convicção.

Ao ver a prática de Jesus, as pessoas exclamavam: “Ele fez tudo bem!”. Assumindo a missão que lhe foi confiada, Jesus alimenta sua íntima amizade com o Pai (com os olhos voltados para o céu) e permanece solidário com as dores do próximo (geme e suspira profundamente), indicando-lhe o caminho da vida em plenitude. Assim, ele fazia todas as coisas bem-feitas. A amizade com Deus e a solidariedade com o próximo são o que caracteriza o jeito de ser do discípulo missionário de Jesus.

3. II leitura (Tg 2,1-5): Não fazer acepção de pessoas

A carta de Tiago foi escrita no final do século I e dirigida às “doze tribos da Dispersão”, isto é, ao novo povo de Deus formado pelas comunidades cristãs primitivas espalhadas pelo Império Romano. Percebe-se que, no meio dessas comunidades, existem condutas que não condizem com o Evangelho de Jesus. Uma delas diz respeito à relação com os pobres, conforme indicação do texto deste domingo. Até quando se reúnem para as celebrações litúrgicas constatam-se atitudes de discriminação intoleráveis para um cristão. Há líderes ou recepcionistas que acolhem as pessoas ricamente vestidas dando-lhes atenção privilegiada e oferecendo-lhes lugares confortáveis. Com os pobres, no entanto, o tratamento é outro...

Tiago é um animador cristão que conhece a maneira como Deus se revelou na tradição de fé judaica: acolhendo e libertando os oprimidos. Conhece também o ensinamento de Jesus e sua proposta do Reino aos simples e pequeninos: “Atentai para isso, amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e

herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?”. Como seguidor de Jesus, Tiago não usa de meias palavras ao advertir os membros da comunidade a respeito dessa conduta que contradiz a fé. Ele se revela como um discípulo que não é cego, nem surdo e nem gago. Tem clareza e convicção de sua missão. Uma Igreja fiel ao Evangelho de Jesus não poderá jamais abdicar da opção preferencial pelos pobres.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A fé em Deus manifesta-se no amor às pessoas que sofrem.* Por isso, uma das dimensões que caracterizam a missão da Igreja no mundo é a dimensão profética. Deve renunciar ao espírito de poder-dominância para solidarizar-se com as pessoas oprimidas e promover a justiça. Deve deixar-se conduzir pelo espírito de Deus e anunciar a esperança militante aos sofredores e abatidos, a fim de que se tornem protagonistas de um novo mundo. Como a dimensão profética está sendo vivida em nossas comunidades eclesiais? Que tipo de “acomodações” devem ser rompidas para manter a fidelidade ao projeto de Deus?...

– *Mudar de mentalidade para seguir a Jesus.* Os discípulos tiveram muita dificuldade de entender e seguir a Jesus com liberdade e convicção. Jesus dedicou-se para curá-los de sua situação de surdos-gagos. Ajudou-os a se libertarem da ideologia dominante e ofereceu-lhes um novo modo de pensar e de agir. É muito importante que nós tenhamos consciência de nossa condição de seguidores de Jesus: nós o conhecemos de fato? Ou o transformamos à imagem de nossas conveniências? Nós o seguimos e o anunciamos com convicção pelo testemunho de vida, pelas palavras honestas e pelas ações em favor do próximo necessitado? Em que tipos de discriminações incorremos hoje em dia? O que nos diz a Palavra de Deus a esse respeito?

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(16 de setembro).

FÉ E SEGUIMENTO

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste terceiro domingo do mês dedicado à Bíblia sugerem uma reflexão sobre

a fé em Deus e a fidelidade ao seu plano de amor. Na primeira leitura, o profeta Isaías Segundo apresenta-se como o porta-voz do povo que sofre no Exílio da Babilônia e faz a experiência do amor terno e eterno de Deus. Conserva o ouvido aberto aos apelos divinos e o coração dócil às suas palavras. Mesmo perseguido, caluniado e desprezado, guarda a certeza do socorro que vem de Deus. Por isso, permanece de pé diante das dificuldades e resiste com coragem às investidas dos seus opositores. Essa firmeza se alicerça na convicção de fé no Deus que se manifestou na história de Israel como libertador de toda a opressão. O Evangelho de hoje indica em que consiste a fé em Jesus: não basta a confissão explícita de que ele é o Cristo. É preciso renunciar a si mesmo, renunciar a toda mentalidade triunfalista e segui-lo no caminho da cruz. Na segunda leitura, Tiago, em tom definitivo, esclarece: “A fé, se não tiver obras, está totalmente morta”. São palavras de Deus que iluminam os nossos passos e fortalecem o nosso ânimo no seguimento de Jesus dentro dos desafios da atualidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

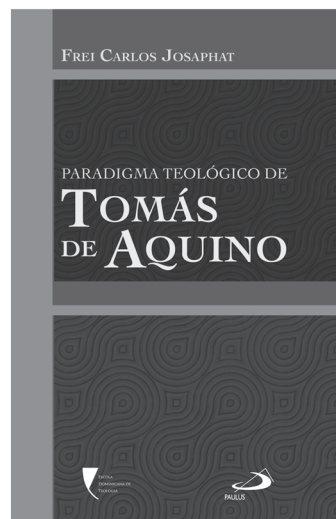
1. I leitura (Is 50,5-9a): O socorro vem do Senhor

Esse texto de Dêutero Isaías faz parte do terceiro cântico do servo sofredor. O servo é o povo exilado que, dentro de sua situação de dor e de abandono numa terra estranha, sente-se amado e protegido por Deus. Não é só isso. Descobre que Deus lhe confia uma missão de ser a “luz para os povos”. Essa descoberta se dá porque o povo sofredor aguça os ouvidos ao plano de Deus, que é contrário ao plano dos opressores. É Deus quem abre os ouvidos para que sua palavra de esperança e de alegria seja acolhida por aqueles que se tornam seus discípulos. E os discípulos não se fecham, nem se tornam rebeldes e nem recuam diante do que Deus lhes revela. Mesmo quando perseguidos, permanecem firmes; quando ameaçados de serem batidos, oferecem as costas; quando lhes arrancam os fios da barba ou são cuspidos e injuriados, não desviam o rosto.

Essa resistência só é possível para quem põe sua plena confiança em Deus. Identificam-se como seus “servos sofredores”, que não usam

Paradigma teológico de Tomás de Aquino

Frei Carlos Josaphat



O leitor deste *Paradigma teológico de Tomás de Aquino* poderá participar de uma incrível experiência espiritual e intelectual, que é percorrer os meandros da *Suma de Teologia* guiado por alguém que vivenciou os ensinamentos aí recolhidos: frei Carlos Josaphat. Totalizando 17 capítulos, frei Carlos esmiúça a *Suma* em mais uma interessante chave de leitura, que desperta o gosto por saborear uma das obras clássicas por excelência da teologia cristã.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 888
Cód.: 9788534932981

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



da mesma arma dos violentos e vingativos. A fé em Deus e a confiança incondicional no seu amor dão aos seus servos a capacidade de resistir até à morte se preciso for, sem jamais abdicar da atitude da não violência e do perdão. Não é passividade, nem covardia! É a verdadeira coragem de quem tem uma lúcida consciência do que significa ser fiel à vontade divina. Por isso, esses servos de Deus, conforme Isaías expressa nesse cântico, não se sentem humilhados por agirem desse modo. Eles têm a certeza de que não serão confundidos porque vivem e agem pela mesma causa que é defendida por Deus.

Os projetos de Deus se realizam na história humana através das pessoas fracas que nele colocam toda a confiança. Somente quem experimentou a fraqueza e o sofrimento sabe o quanto necessita da ajuda divina. E Deus não decepciona. Ele se compraz com os pequeninos, anda no meio deles, mora neles e manifesta-se ao mundo através deles. Por meio de pessoas limitadas, Deus revela ao mundo o seu amor sem limites.

2. Evangelho (Mc 8,27-35): O caminho da cruz

O Evangelho deste domingo sinaliza o momento em que Jesus inicia uma “virada” no seu ministério público. Até aqui, Jesus realizou muitos sinais de libertação, normalmente seguido por uma multidão de pessoas. Os discípulos, porém, apesar de acompanharem Jesus de perto, de ouvirem seus ensinamentos e de testemunharem sua prática, não conseguem entender verdadeiramente quem é Jesus. Permanecem na cegueira, contaminados pelo “fermento dos fariseus e de Herodes”, arrastados pela ideologia do poder. Por isso, a partir de agora Jesus vai mudar de estratégia para ocupar-se, de maneira especial, da tarefa de educar seus discípulos e revelar-lhes sua verdadeira identidade e sua missão neste mundo. O evangelho de Marcos traduz essa estratégia de Jesus em forma de uma viagem pedagógica, rumo a Jerusalém, conforme poderemos perceber com mais clareza nos textos dos próximos domingos.

Há uma variedade de opiniões no meio do povo a respeito de quem é Jesus. Porém, é especialmente dos seus discípulos que Jesus deseja saber: “E vós, quem dizeis que eu sou?”.

Pedro responde corretamente: “Tu és o Cristo”. Logo a seguir, no entanto, Pedro torna-se “satanás”, tentando impedir que Jesus cumpra sua missão por um caminho nada convencional. Ao invés de vencer os inimigos, Jesus “será vencido” por eles. Pedro não consegue admitir que seu messias-líder esteja assim tão à mercê dos que já se posicionaram contra o seu projeto, o caluniaram e o ameaçaram de morte: os anciãos, os chefes dos sacerdotes e os escribas. Sente-se, então, na obrigação de dissuadir a Jesus dessa decisão absurda de ir a Jerusalém para ser perseguido e morto.

Pedro é o representante dos discípulos. Eles seguem a Jesus com a ideia de que seja um messias que venha finalmente realizar as expectativas de vingança contra seus inimigos e manifestar toda a sua força e glória. Que honra enorme devia sentir Pedro e os demais por seguirem um líder capaz de triunfar e estabelecer um reino poderoso. No entanto, a opção de Jesus de seguir o caminho da cruz como servo sofredor derruba as aspirações triunfalistas dos seus discípulos. Ele evita se apresentar como “messias”, preferindo a expressão “filho do homem”, pela qual manifesta o realismo de sua encarnação: assumiu plenamente a condição humana com todas as consequências de quem cumpre fielmente a vontade de Deus. Essa fidelidade vai custar-lhe a morte.

Jesus aproveita a atitude satânica de Pedro para instruir a todos os discípulos e também a multidão. A Pedro ele ordena: “Vai para trás de mim”. Isto é, Pedro deve ser seguidor de Jesus, e não é Jesus que deve satisfazer as expectativas de Pedro. Assim é para todos os discípulos: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me!” Jesus não ilude. Segui-lo é estar disposto a “perder a vida” no serviço abnegado pela justiça, pela verdade e pela fraternidade.

3. II leitura (Tg 2,14-18): A fé sem obras é morta

Esse texto da carta de Tiago é bem conhecido e frequentemente lembrado em nossas comunidades cristãs. Certamente foi escrito para combater uma concepção equivocada que alguns cristãos defendiam: não importam as ações, é unicamente a fé que salva. Pode ser fruto de uma interpretação da justificação pela fé, que Paulo defende na carta aos

Romanos e que está sintetizada na expressão “o justo vive da fé” (Rm 1,17). Paulo, no entanto, está se opondo à ideia de que a salvação seria resultado dos méritos adquiridos pelas pessoas cumpridoras da lei, conforme pregava a doutrina oficial judaica. Com isso, Paulo não está desvinculando a fé das obras. O seu próprio testemunho de vida revela que sua fé em Jesus o levou a doar-se totalmente pela causa do Evangelho. Quando escreve aos Gálatas, ele diz: “A fé age pela caridade” (Gl 5,6). Portanto, Tiago e Paulo se completam.

“A fé, se não tiver obras, está completamente morta”. O exemplo que encontramos na carta de Tiago ilustra o que significa ligar a fé com a prática. É amar, de maneira especial, o irmão e a irmã necessitados, garantindo-lhes as condições para que possam viver dignamente. A insistência dos autores da carta de Tiago a respeito da prática da caridade para com as pessoas empobrecidas é muito grande. É sinal de que essa realidade constituía-se num forte clamor às comunidades cristãs.

Portanto, ser cristão é relacionar-se com o próximo de modo fraterno, acolhê-lo como membro da família e garantir-lhes as condições necessárias para a sua vida. Ser cristão não é meramente manifestação de bons sentimentos ou de boas intenções. Nesse sentido, percebe-se a íntima ligação com o texto do evangelho de Marcos comentado acima: não basta confessar a fé em Jesus Cristo sem o compromisso de segui-lo na prática do amor ao próximo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A fé em Deus consiste na fidelidade ao seu plano de amor.* É o que sugerem as leituras deste domingo. Iluminados pela Palavra transmitida pelo Segundo Isaías, podemos renovar a confiança em Deus, nosso criador e nosso libertador. Ele jamais nos abandona na caminhada desta vida. Chama-nos a ser testemunhas do seu amor apesar de nossos limites e fraquezas. No meio deste mundo conturbado em que vivemos, é importante manter os “ouvidos de discípulos”, abertos à Palavra de Deus que ilumina os nossos passos. Muitas vezes enfrentamos adversidades e sofrimentos, incompreensões e perseguições. Essas situações podem servir de meios para o amadurecimento na fé e para o discernimento da missão que Deus nos dá. Muitas pessoas

tornaram-se santas a partir da experiência de fraqueza. Deus conta conosco para que seu plano de amor aconteça no mundo...

– *A fé em Jesus Cristo e a fidelidade ao seu plano de amor implicam em segui-lo no caminho da cruz.* Não basta uma bela confissão de fé, como fez Pedro representando os discípulos. É preciso renunciar a toda ambição de poder e às manifestações triunfalistas. Jesus fez-se “servo sofredor” na fidelidade ao plano de amor do Pai. Assumiu todas as consequências: foi incompreendido, rejeitado, perseguido e morto. Hoje também podemos ter a mesma mentalidade dos discípulos: uma religião de poder, brilhantes celebrações, acomodação ao sistema que exclui e mata, fuga do compromisso pela justiça... O apelo de Jesus continua atual: “Quem quiser me seguir...”. A carta de Tiago completa: “A fé sem as obras é morta”.

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM (23 de setembro)

A VIDA DOS ÍMPIOS E A VIDA DOS JUSTOS

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste quarto domingo do mês dedicado à Bíblia refletem sobre duas diferentes lógicas pelas quais o ser humano pode conduzir a sua vida: a do ímpio e a do justo. O livro da Sabedoria informa que a lógica do ímpio desconsidera a vontade de Deus para usufruir o tempo presente e dos bens deste mundo, buscando satisfazer seus desejos egoísticos. Não se importa com o próximo necessitado e contrapõe-se ao modo de pensar e de agir da pessoa justa, caluniando-a, perseguindo-a e matando-a. Diferente é a lógica do justo: ele leva em máxima conta o conhecimento de Deus, segue sua vontade e se gloria de ter Deus por pai (I leitura). O Evangelho chama a atenção: a lógica do ímpio pode contaminar os próprios discípulos de Jesus. Ela se manifesta na atitude de disputa de poder entre eles, contrariando os ensinamentos e a prática de Jesus: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”. A carta de Tiago (II leitura) adverte que “onde há inveja e preocupação egoística, aí estão as desordens e toda sorte de más ações”. E orienta para o modo verdadeiro de conduzir a vida: conforme a sabedoria que vem de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 2,12.17-20): O justo perseguido

O livro da Sabedoria é resultado da reflexão dos judeus da diáspora. Foi escrito em grego, na cidade de Alexandria, no Egito, pelo ano 50 a.C. O texto reflete a situação do povo judeu, fora de sua pátria, incompreendido e hostilizado por causa da fidelidade às suas leis. Os autores concebem que há dois tipos de pessoas: os justos que conhecem a Deus e os injustos ou ímpios que, além de não o conhecerem, zombam de quem lhes é fiel.

Para além da relação conflituosa entre os judeus e os estrangeiros, o texto nos inspira a refletir sobre os efeitos que a prática da justiça pode causar. O modo de pensar e de se comportar das pessoas justas incomoda os injustos. Ao ler todo o capítulo 2 do livro da Sabedoria, percebemos que os justos estão convencidos de que Deus recompensará a quem segue o caminho de santidade. Sentem-se protegidos por Deus e gloriam-se de tê-lo por pai. Os ímpios, ao contrário, concebem a vida – já que é passageira – como uma oportunidade de satisfazer os instintos egoísticos. Oprimem o pobre e agem com prepotência, a ponto de colocar à prova a fidelidade dos justos, através de calúnias, perseguições e até de condenação à morte. Nesse sentido, o texto chega a ser uma prefiguração de Jesus Cristo.

2. Evangelho (Mc 9,30-37): Jesus: o justo incompreendido

Jesus encontra-se em caminho para Jerusalém, onde será condenado à morte. Os discípulos ainda não compreendem que tipo de Messias é Jesus. Para eles, está sendo muito difícil mudar de mentalidade. O evangelho de Marcos mostra que esse caminho para Jerusalém indica o processo de formação pelo qual os discípulos devem passar. O próprio Jesus é o formador. Com paciência e dedicação, procura abrir os olhos dos discípulos para que o reconheçam como o servo de Deus e não como um rei poderoso.

Por três vezes Jesus anuncia que vai a Jerusalém, onde deverá sofrer e morrer. O texto deste domingo refere-se ao segundo anúncio. O primeiro anúncio foi refletido no domingo

passado. Em cada um dos anúncios há uma reação dos discípulos demonstrando que não estão entendendo o ensinamento de Jesus. E estão com medo de perguntar. Talvez estejam lembrando da forte repreensão que Jesus deu a Pedro quando o chamou de “satanás” por tentar impedi-lo de cumprir sua missão até o fim. Eles têm medo das exigências de Jesus. Persistem na sua ambição de poder. Seguem a Jesus discutindo quem seria o maior entre eles. Essa aspiração à grandeza e ao prestígio popular era bem evidente entre os líderes religiosos e entre os políticos. Vestiam-se e comportavam-se em sociedade para chamar a atenção sobre si; buscavam sempre os primeiros lugares... Jesus já havia chamado a atenção dos discípulos: “Cuidado! Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes” (Mc 8,15). Mas parece que não adiantou. Ao invés de seguir o exemplo de Jesus, eles seguem a ideologia dos poderosos. Ao invés de serem servos uns dos outros, preferem disputar entre si.

O momento é propício para uma instrução especial. Ao passar por Cafarnaum, Jesus entra na casa e, após perguntar aos discípulos sobre o que estavam discutindo pelo caminho, ele se senta. É a posição de mestre. Essa casa de Jesus representa as comunidades cristãs no tempo em que Marcos está escrevendo. Também essas comunidades são identificadas como “o caminho”. Ao ressuscitar, Jesus permanece no meio delas, caminhando junto e ensinando-as através do seu Evangelho.

Jesus está na casa. Chama os doze para junto de si. Não é porque eles estão distantes fisicamente, mas porque estão resistindo de seguir verdadeiramente a Jesus. Por isso, o ensinamento que ele vai ministrar-lhes agora é de muita importância: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”. E para que não esquecessem jamais dessa lição, Jesus ilustra seu ensinamento tomando uma criança e colocando-a no meio. Mais uma vez, ele revela a sua relação de carinho e de solidariedade para com os pequeninos, os desprezados e os marginalizados. A criança representa aqui todas as pessoas necessitadas que devem ser amadas, acolhidas, cuidadas e protegidas pelas comunidades cristãs em nome de Jesus. Para agir desse modo, é necessário que cada cristão abandone as aspirações de “ser o maior” e torne-se “servidor” dos pequeninos. Na criança, tudo é gratuidade.

Assim, quem ama os pequeninos está amando o próprio Jesus e também o Pai que o enviou.

3. II leitura (Tg 3,16 – 4,3): A sabedoria que vem do alto

Nas comunidades cristãs primitivas, como também as de nossos dias, existem atitudes contrárias ao ensinamento de Jesus. Não foram somente os doze apóstolos que demonstraram muita dificuldade de entender e de seguir a Jesus. Através desse texto da carta de Tiago, percebemos que também no meio dos cristãos do final do primeiro século havia “inveja e preocupação egoística”. As consequências disso, conforme escreve Tiago, são as “desordens e toda espécie de más ações”: lutas, guerras, cobiça, avidez...

Tiago tem consciência de que isso não pode acontecer com quem se declara seguidor de Jesus. Percebe que essas atitudes são próprias de gente insensata que atrapalha a missão da Igreja neste mundo, que é anunciar o Evangelho não só através de palavras, mas de testemunho de amor mútuo. Como podemos sonhar com um mundo fraterno se, entre os próprios cristãos, existem divisões, invejas e busca de prestígio pessoal até sob a capa de piedade?

Diante dessas coisas, Tiago alerta aos cristãos para que orientem sua vida conforme a “sabedoria que vem do alto”. E esclarece como ela se manifesta: é *pura*, isto é, não contaminada com a ideologia do poder; é *pacífica*: alimenta-se da paz que vem de Deus e não promove divisões; é *indulgente*: relaciona-se com educação e respeito para com o próximo; é *conciliadora*: não age com orgulho ou com imposição, mas promove a união entre as pessoas; é *cheia de misericórdia*: acolhe e ama o outro buscando o seu bem com toda a sinceridade; é *imparcial*: não toma partido visando seu próprio interesse; é *sem hipocrisia*, isto é, age com transparência e honestidade, sem esconder-se sob a máscara da mentira ou das aparências enganosas... Sem dúvida, essa “sabedoria que vem do alto” é o caminho que Jesus trilhou nesta terra visando construir o Reino de Deus. É também o caminho para os cristãos de todas as épocas.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Há duas lógicas pelas quais podemos nos orientar: a do ímpio ou a do justo. O nosso

modo de viver cotidiano demonstra qual delas nós seguimos. A vida do ímpio se caracteriza pela busca de satisfação de seus desejos, mesmo que para isso tenha que destruir a vida de outros. A pessoa justa tem a consciência de que é filha de Deus e age de acordo com essa condição. Sabe que Deus a ama e a protege. Esforça-se para ser fiel à vontade divina, mantendo-se livre da corrupção dos injustos e, por isso, pode ser perseguida e até morta. O que significa ser uma pessoa justa nesta sociedade em que vivemos, com tantos sinais de corrupção, de injustiça e de morte?

– *Quem é Jesus para nós?* Os discípulos manifestaram muita dificuldade para entender quem é Jesus porque se deixavam conduzir pela lógica dos ímpios e cada um queria ser maior do que os outros. Jesus os ajudou a mudar de mentalidade. Ele também nos ajuda para que sejamos servos uns dos outros. A casa em que Jesus se senta para ensinar os discípulos representa a comunidade cristã. Essa “casa” é o lugar onde aprendemos a ouvir e a praticar a Palavra de Deus a partir da família. Aí aprendemos a nos relacionar como irmãos, a nos respeitar mutuamente, a acolher e ajudar a quem mais precisa, a participar dos diversos serviços familiares e comunitários... Especialmente neste mês da Bíblia, podemos valorizar a importância da Palavra de Deus na igreja doméstica, nos grupos de reflexão, nas CEBs...

– *É triste constatar que, muitas vezes, seguimos a lógica dos ímpios*: em nossas comunidades cristãs, existem divisões, invejas e preocupações egoísticas. Precisamos nos converter! Tiago nos orienta para seguirmos o caminho da “sabedoria que vem do alto”. Em outras palavras, é o próprio Espírito de Deus que nos é derramado, para que sejamos puros, pacíficos, conciliadores, indulgentes, cheios de misericórdia, imparciais, sem hipocrisia...

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM (30 de setembro)

OS DONS DE DEUS NÃO PODEM SER
PRIVATIZADOS

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste último domingo de setembro, celebramos o dia da Bíblia. Através da Bíblia te-

mos a oportunidade de conhecer a Deus e o seu plano de amor. Ele se revela na história humana. Concede seus dons com liberalidade para o bem de todos. Os dons de Deus não podem ser privatizados ou restringidos a determinadas pessoas ou instituições. A primeira leitura relata um episódio de efusão do Espírito de Deus não somente sobre Moisés, o grande líder do Êxodo, mas sobre muitas outras pessoas, as quais começaram a profetizar. Diante disso, teve gente que tentou impedi-las. O evangelho de Marcos conta como os discípulos tiveram a mesma reação ao constatarem que outras pessoas faziam o bem em nome de Jesus sem pertencerem ao grupo deles. Essas reações revelam a descabida pretensão de privatizar os dons de Deus. Também os bens materiais são dons de Deus que devem ser administrados de forma a proporcionar vida digna para todos. A segunda leitura denuncia veementemente a atitude dos ricos que privatizam esses bens e exploram os trabalhadores. Deus não deixará de ouvir o grito das pessoas injustiçadas e pedirá contas de quem retém os recursos que ele destinou para todos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Nm 11,25-29): A efusão do Espírito de Deus

O povo de Israel encontra-se em caminhada pelo deserto, libertando-se da escravidão do Egito. Moisés foi chamado por Deus para liderar esse processo de conquista de uma terra de liberdade e vida. Esse chamado não significa a prática de um poder centralizado. Acima de tudo, é necessário garantir o projeto de Deus. Moisés é um dos protagonistas, mas não o único. A sociedade nova é construída com a participação do povo. Os setenta anciãos representam as lideranças necessárias para animar a organização social conforme a inspiração divina. Por isso, Deus lhes concede o seu Espírito a fim de que cumpram sua missão com fidelidade. Eles exercem a profecia, isto é, falam e orientam o povo em nome de Deus.

Os setenta anciãos estão na mesma tenda com Moisés. Pertencem, portanto, ao grupo íntimo do principal líder. A tenda de Moisés é o espaço oficial das decisões a serem tomadas para todo o povo. Os anciãos são oficialmente delegados para exercer a função

de instruir, orientar e julgar o povo. Mas eis que duas pessoas que não se encontravam na tenda de Moisés também recebem o mesmo dom do Espírito e começam a profetizar no meio do acampamento. O texto conservou o nome dos dois: “Eldade” que significa “Deus é amigo”, e “Medad”, “Deus é amor”. Um jovem correu para informar a Moisés, certamente preocupado com a autonomia dos dois novos profetas que cumprem sua missão sem uma delegação oficial. Josué, que será o substituto de Moisés na condução do povo, sugere-lhe que os proíba. Moisés, no entanto, percebe que a tentativa de proibição da parte de Josué é motivada por ciúmes. Por isso, Moisés o corrige. Ele não teme ser ofuscado em sua autoridade. O que importa é que os dons de Deus, distribuídos conforme sua vontade, sejam acolhidos e administrados para o bem de todos. Os dons divinos não obedecem aos interesses de instituições oficiais. Deus é soberano em suas decisões, e sua liberalidade é extraordinária. Oxalá todo o povo se deixe conduzir pelo Espírito de Deus!

2. Evangelho (Mc 9,38-43.45.47-48):

Praticar o bem: alguém pode impedir?

No domingo passado, refletimos sobre o texto do evangelho de Marcos onde os discípulos, após discutirem, pelo caminho, sobre quem deles seria o maior, recebem em casa uma instrução especial de Jesus. Tomando uma criança e colocando-a no meio deles, Jesus mostra qual é a atitude verdadeira que seus discípulos devem ter na vida: “Ocupar o último lugar e tornar-se servos uns dos outros”. O texto de hoje é a continuação daquele episódio. No caminho, eles não apenas haviam discutido quem seria o maior, mas também tentaram impedir que alguém que não pertencia ao seu grupo realizasse boas ações em nome de Jesus. É João que, dessa vez, representa a todos: “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia”.

Essa é mais uma atitude que revela o grau de imaturidade em que se encontram os discípulos de Jesus. Eles também já haviam sido enviados por Jesus para pregar o Evangelho e “expulsaram muitos demônios e curaram muitos enfermos” (Mc 6,12). Foi muito bonita essa experiência missionária quando numero-

sas pessoas foram beneficiadas. Certamente sentiram-se privilegiados por serem escolhidos por Jesus e enviados por ele para tão grande missão. O que eles não esperavam é que outras pessoas, além deles, pudessem realizar as mesmas obras. Ficaram aborrecidos e enciumados, como aconteceu com Josué, conforme ouvimos na primeira leitura. Moisés, cheio de sabedoria e de grande coração, corrigiu a atitude de Josué. Assim também Jesus, que veio ao mundo para salvar a todos, procura instruir os discípulos para que mudem de mentalidade e de atitude: “Não o impeçais... Quem não é contra nós, está a nosso favor”. Com isso, Jesus está alertando que pode haver pessoas que pertencem ao círculo íntimo dos discípulos, mas são contra ele; ele está colocando o projeto de vida para todos acima das pretensões pessoais.

Não se pode fazer uso do nome de Deus ou da religião para satisfazer interesses pessoais ou para disputas de poder. Essa atitude seria escândalo para os pequeninos que olham para seus líderes esperando verdadeiro testemunho de fé e de amor. O escândalo existe quando alguém na comunidade pretende ser maior que os outros; ao invés de servir, quer ser servido. Jesus é enfático: melhor seria que essa pessoa se afogasse definitivamente no fundo do mar. E diz mais: é preciso *cortar a mão* que escandaliza, isto é, o mau agir; *cortar o pé*, que significa corrigir a direção ou a conduta errada na vida; *arrancar o olho*, ou seja, o modo de ver as coisas com cobiça, ciúme, inveja, ambição... Portanto, há necessidade de vigiar sobre o modo como vivemos e como exercemos as funções comunitárias. É preciso extirpar tudo o que contradiz o Evangelho e causa dano aos que querem entender e praticar verdadeiramente o que Jesus pede. A missão de promover a vida digna de todos constitui-se em serviço abnegado e humilde e não em uma forma de projeção social, de exploração do sentimento religioso dos pequeninos ou de outras intenções egoísticas.

3. II leitura (Tg 5,1-6): O grito dos injustiçados

A realidade contemplada pelos autores da carta de Tiago, conforme se deduz desse texto, é de terrível injustiça social. Não sabemos se esses ricos exploradores fazem parte

das comunidades cristãs. Provavelmente não, pois seria uma explícita contradição da fé que professam. Ou seriam aqueles cristãos cuja fé é morta, como já foi alertado anteriormente nessa mesma carta? Dizem que têm fé, mas não têm obras (2,14-17).

O fato é que Tiago, com palavras duras e contundentes, denuncia a situação social em que os pobres estão sendo oprimidos. Percebe-se que os ricos são grandes proprietários de terra que se aproveitam da mão de obra dos pobres trabalhadores pagando um salário irrisório (ou retendo) e reduzindo-os à condição de escravos. A riqueza acumulada nas mãos desses senhores, fruto do suor e do sangue dos oprimidos, se tornará motivo de sua própria condenação. Todo o ouro e a prata, apesar de serem metais naturalmente consistentes, estão corroídos pela ferrugem. Os bens acumulados à custa de injustiça carregam a “ferrugem” da maldade. Eles serão usados como testemunhas contra os seus donos, pois o grito dos injustiçados sempre é acolhido por Deus, que é justo e verdadeiro.

Ao longo da Bíblia encontramos frequentemente alusão ao uso dos bens materiais. Desde o episódio do maná no deserto, pelo qual Deus alimentou o seu povo, nos é dada a orientação de que não se pode acumular, pois o acúmulo apodrece (Ex 16,19). Os profetas condenaram a injustiça social como uma enorme ofensa a Deus a ponto de rejeitar qualquer tipo de manifestação religiosa enquanto não houvesse conversão (Am 5,21-24; Is 58, 6-9). Nos evangelhos, encontramos vários textos que se referem ao perigo da riqueza e da insensibilidade social: um exemplo é o do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31). Chama a atenção o fato de que a salvação ou a condenação está ligada ao modo como cada um administra os bens. Não podemos reter ou privatizar o que Deus concedeu para a vida de todos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A Bíblia nos revela a bondade e a generosidade de Deus.* Ele concede os dons e carismas com liberalidade. Cada pessoa que os recebe deve colocá-los a serviço da vida. Não podem ser considerados como bens privativos, pois eles são de Deus. Não podem ser usados como motivo de vanglória pessoal, e sim como expressão da bondade divina. Todas as pessoas

recebem dons para alegria e felicidade de todos, independentemente da instituição ou da tradição religiosa a que pertence. Portanto, não tem sentido o ciúme ou a competição. O que importa é que todos os dons sejam aplicados verdadeiramente para o projeto de “vida em abundância” para todas as pessoas. Assim, cada pessoa e cada religião, a política e a economia, a arte, a ciência e a tecnologia devem visar o bem social. Pode-se refletir sobre os efeitos sociais de uma vida ou atividade (mão, pé e olho) orientadas pela ética e pelo amor e das que seguem objetivos egoísticos...

– *Os bens materiais são dons de Deus para a vida de todos os seus filhos e filhas.* Ofendemos a Deus quando os administramos de forma egoísta. A privatização da riqueza nas mãos de poucos denuncia o sistema social injusto em que vivemos. “Perdemos a capacidade de sentir. Essa é uma das causas de nossa miséria” (Herbert de Souza – o Betinho). Jesus preveniu: “Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem... Ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho correm...” (Mt 6,19-21). Podem-se levantar os desafios sociais que existem na paróquia e no município e incentivar o compromisso de cristãos na construção de um mundo justo, fraterno e solidário...

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM (07 de outubro)

DEUS NOS FEZ FAMÍLIA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Outubro é o mês das Missões. Somos todos discípulos missionários do Senhor a partir da família. Deus criou o homem e a mulher de modo que se reconhecessem extensão um do outro e vivessem na igualdade e mútua complementaridade. O casamento é uma bênção divina. O marido e a esposa assumem o compromisso de se doarem um ao outro, conscientes de que já não são dois, mas uma só carne (I leitura). Jesus, em seu Evangelho, orienta os casais a viverem o amor em profundidade e não se deixarem conduzir por ideologias que permitem e facilitam a separação por qualquer motivo. O amor exige sacrifícios (= fazer o que é sagrado), do mesmo modo como Jesus amou

doando sua vida em favor de todos. Ele abraça e abençoa cada criança defendendo seus direitos e sua dignidade. Faz-se solidário com cada mulher e cada homem levando-os à perfeição (II leitura); pais e filhos são chamados a expressar cotidianamente o amor trinitário, vivendo e promovendo os valores do diálogo, do respeito mútuo, da igualdade e da paz.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 2,18-24): Homem e mulher: uma só carne

O texto faz parte do segundo relato da criação (Gn 2,4b-25). Reflete sobre a missão que o ser humano recebeu de ser o colaborador de Deus no cultivo do “jardim” ou no cuidado com a natureza a fim de que ela produza os alimentos necessários para a vida. O humano e a natureza estão intimamente unidos. É do húmus da terra que o humano é modelado. Ele recebe o poder de dar nomes aos outros seres, os animais. Tem a função de cuidar da criação de Deus.

A narrativa aponta para o caminho da realização do ser humano. Não é bom que esteja só. Deus não nos criou para a solidão. Entre todas as criaturas, o homem não encontrou uma “auxiliar” que lhe correspondesse. Enquanto sozinho se sente inferior aos animais. Os autores procuram explicar como foram criados o homem e a mulher, interpretando a realidade que perpassa a existência humana. A linguagem revela que estão inseridos num contexto patriarcal. A palavra “auxiliar” não deve ser interpretada como ajudante submissa. Há igualdade na diferença. É do lado do coração do homem que nasce a mulher. Tornam-se companheiros e extensão um do outro. Revelam-se um ao outro na transparência. Necessitam-se, admiram-se e atraem-se mutuamente, unem-se e formam uma só carne. São duas pessoas livres e conscientes que vivem em comunhão e se realizam mutuamente sem anular-se em sua individualidade. O “sono profundo” no qual Deus faz cair o homem “é um sinal do mistério que cerca a relação homem-mulher. Um foi criado para o outro e, quando se unem na relação matrimonial, estão obedecendo ao projeto de Deus, que emerge do mais fundo de cada um, a fim de formar uma *nova unidade* para os dois, para os pró-

prios filhos e para a sociedade” (*Como ler o Livro de Gênesis*, de Ivo Storniolo e Euclides Balancin, p. 17).

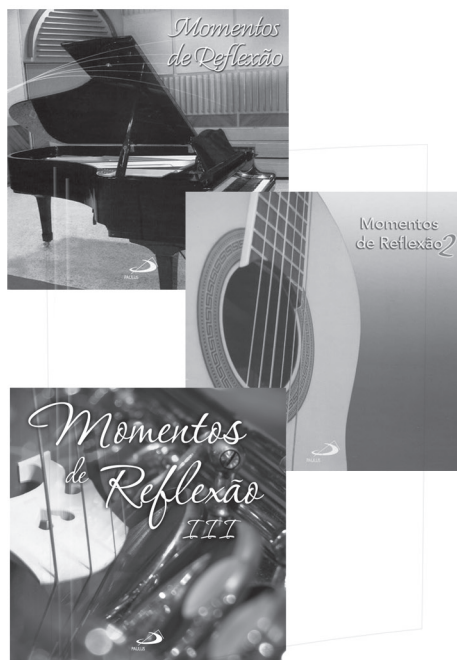
Conforme podemos perceber no conjunto desse segundo relato da criação, estabelece-se uma íntima ligação não só entre o homem e a mulher, mas também com todas as demais criaturas. A relação de companheirismo e de comunhão entre ambos se estende para a relação com toda a natureza. Os seres humanos, a terra, a água, as árvores, os animais e todas as demais criaturas vieram da mesma fonte e necessitam-se mutuamente. O artífice divino tudo fez com muita arte e criatividade. E tudo entregou ao nosso cuidado.

2. Evangelho (Mc 10,2-16): A família como expressão do amor

Os fariseus se aproximam de Jesus para pô-lo à prova. Eles pertencem ao grupo de intérpretes da Sagrada Escritura, participantes de escolas rabínicas onde se debatia a respeito dos motivos que justificavam o divórcio, uma vez que era permitido pela lei judaica. De fato, no livro do Deuteronômio (24,1) lê-se: “Quando um homem tiver tomado uma mulher e consumado o matrimônio, mas esta, logo depois, não encontra mais graça a seus olhos, porque viu nela algo de inconveniente, ele lhe escreverá uma ata de divórcio e a entregará, deixando-a sair de sua casa em liberdade”. Com base nessa orientação, podia-se encontrar motivos para o divórcio com muita facilidade. Bastava o marido desejar a separação. É somente ele quem pode tomar a iniciativa, pois, segundo a mentalidade dominante, ele exerce o domínio sobre a mulher considerada como sua propriedade. Deduz-se daí que tanto no ambiente doméstico como em outros níveis sociais a opressão masculina era exercida com normalidade, legitimada pela interpretação oficial da lei judaica elaborada e interpretada somente por alguns homens.

Os ensinamentos e a prática de Jesus revelam que a lei deve estar a serviço da vida do ser humano e não o contrário. Para os fariseus, porém, a lei mosaica devia ser cumprida como condição para o homem ser justo diante de Deus. Jesus não nega a lei judaica, mas a coloca em seu devido lugar. “Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés escreveu esse mandamento.” O texto da Sagrada Escri-

CDs Momentos de reflexão (vols. 1, 2 e 3)



Os volumes 1, 2 e 3 do CD *Momentos de reflexão* têm o mesmo objetivo: proporcionar meditação, relaxamento e descanso ao ouvinte, que certamente vai se encantar pela interpretação primorosa do pianista Alexandre Gomes, no disco 1, pelo som fascinante e choroso dos violões de Ruben Amoêdo e Rafael Altro, no disco 2, e pelas belíssimas composições da irmã Míria Therezinha Kolling, no disco 3.

Cód. vol. 1.: 7891210008206
Cód. vol. 2.: 7891210008749
Cód. vol. 3.: 7891210011503

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



tura não pode ser retirado de seu contexto. Também não pode ser interpretado de forma fundamentalista. O critério para a verdadeira interpretação é a vida digna sem exclusão e não os interesses pessoais ou corporativos. Esse grupo de fariseus propositalmente não levava em conta outros textos que permitiam orientações diferentes para a questão do casamento e do divórcio. Jesus, porém, argumenta a partir de um outro ponto de vista. Ele resgata o plano inicial do Criador: “Desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher... E os dois serão uma só carne”.

O casamento, portanto, deve basear-se no plano criador de Deus. Ele estabelece a igualdade fundamental entre o homem e a mulher. Nenhuma lei pode contradizer esse desígnio divino. Jesus condena a atitude de dominação do homem sobre a mulher e restabelece o direito igual para ambos de tomar decisões. Os dois se tornam uma só carne e, portanto, “o que Deus uniu o homem não separe”. Em outras palavras: se Deus criou a mulher e o homem com a mesma dignidade e a mesma liberdade, o homem não pode quebrar essa relação que fundamenta o amor verdadeiro entre ambos. Assim, a separação não se dará por qualquer motivo. E se houver motivos sérios para isso, o discernimento e a decisão não podem ser tomados de forma unilateral.

A sequência da leitura mostra que a casa/comunidade onde se encontram os discípulos de Jesus é o espaço do diálogo e do discernimento. É também o lugar da acolhida, do abraço e da bênção, com prioridade às crianças, que são as mais afetadas pelas atitudes egoístas ou insensatas dos adultos representados pelos discípulos que repreendem as crianças. Essa atitude agressiva dos adultos contradiz o modo terno e acolhedor de Jesus, cuja vida é pautada pela não violência, pelo respeito ao outro, pelo perdão... Enfim, Jesus promove o projeto de inclusão familiar e social, de modo que todos usufruam das condições materiais e afetivas para uma vida feliz.

3. II leitura (Hb 2,9-11): Jesus se fez nosso irmão

Esse texto da carta aos Hebreus trata da opção solidária de Jesus para com toda a humanidade, assumindo o sofrimento e a morte. Paradoxalmente, a honra e a glória de Jesus

manifestam-se em sua morte em favor de toda a humanidade. A cruz, então, tornou-se para todos os que creem em Jesus o caminho da vitória sobre toda a maldade que procura impedir o plano de amor e de salvação de Deus. Ao assumir a condição humana com seus limites e dores, nos torna também participantes de sua morte redentora. Ao identificar-se plenamente com o ser humano, possibilitou que o ser humano se identificasse com a sua divindade. Por isso, Jesus não se envergonha de nos chamar de irmãos.

A grandiosidade de Jesus manifesta-se em sua radical humildade e obediência ao plano de Deus. É nosso modelo e caminho. Foi assumindo os sofrimentos e a morte, na fidelidade à sua missão, que Jesus nos redimiu e nos levou à perfeição. Como humanos, fazemos a experiência cotidiana dos limites e sofrimentos. Tornando-se um de nós, Jesus conhece perfeitamente todos os problemas que enfrentamos. Não fomos criados para o sofrimento, e sim para a perfeição e a glória. No seguimento de Jesus, assumimos a realidade de nossa condição humana com a missão a que fomos chamados, deixando-nos conduzir pela graça de Deus, na certeza de seu amor sem limites. Aprendemos a reconhecer a sua vontade e nos esforçamos para sermos fiéis. A fidelidade a Deus exige rompimento com as facilidades enganosas que nos desviam do caminho da perfeição. A plena realização somente se dá na obediência a Deus que acontece no amor solidário. Na cruz de Jesus, morremos para o egoísmo e passamos a viver na condição divina. Aí reside nossa honra e glória de irmãos de Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Deus não criou o ser humano para a solidão.* Homens e mulheres foram criados para viverem lado a lado, com a mesma dignidade e igualdade de direitos. Necessitam um do outro. Em nossos dias, a questão de gênero está em debate. O plano original de Deus no que diz respeito à relação entre mulheres e homens ainda não se concretizou. A visão dominante manifesta ainda preconceitos e discriminações ligados à condição feminina. Prova-se inclusive que a relação histórica de dominação do homem sobre a mulher refletiu-se na sua atitude de exploração da natureza e destruição do meio ambiente. Podem-se levantar

tar fatos, atitudes e linguagens que revelam a visão a esse respeito que ainda predomina em nossos dias...

– *Somos discípulos missionários do Senhor a partir da família.* O casamento é uma instituição divina. Exige séria preparação a fim de que seja assumido com consciência e liberdade. Homem e mulher tornam-se uma só carne: concretiza-se a unidade na diferença. O amor entre marido e mulher é caminho de mútua santificação. Estende-se para os filhos. Jesus corrige a mentalidade farisaica que permitia a separação por qualquer motivo. Ele resgata o plano original de Deus e restabelece a igualdade de direitos da mulher. É oportuno refletir sobre a importância da família para a vida de cada um de nós e sobre as consequências doloridas e até desastrosas de um ambiente familiar onde reina o machismo, a violência, o desrespeito...

– *Jesus fez-se plenamente solidário com o ser humano,* assumindo os sofrimentos e a morte. Ele é o nosso irmão maior. Conhece perfeitamente os limites e problemas que enfrentamos em nosso dia a dia. Seguindo a Jesus, não desanimamos no caminho da perfeição. Todas as situações, mesmo as difíceis (crises no casamento, separações, doenças, mortes) podem ser assumidas como momentos propícios para acolher a graça de Deus, rico em misericórdia...

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(14 de outubro)

VIVER COM SABEDORIA

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste segundo domingo do mês das Missões nos levam a refletir sobre os verdadeiros valores que devem orientar a nossa vida. A primeira leitura apresenta o testemunho de uma pessoa (é atribuído a Salomão) que suplicou ao Senhor pelo dom da sabedoria, considerada o maior de todos os tesouros e a mãe de todos os bens. O evangelho de Marcos apresenta um homem rico que não consegue ser sábio. Ele procura Jesus para perguntar-lhe a respeito do que deve fazer para herdar a vida eterna. A orientação que Jesus lhe dá o deixa entristecido, pois implicaria na

renúncia ao acúmulo dos bens para partilhar com os pobres. O homem sai pesaroso, e Jesus, olhando ao seu redor, radicaliza: “É mais fácil um camelo entrar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. Essa afirmação causou espanto até mesmo aos discípulos e questiona profundamente também os cristãos de hoje. É um exemplo que evidencia o que a carta aos Hebreus proclama: “A Palavra de Deus é mais penetrante do que uma espada de dois gumes (...)”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 7,7-11): O dom da sabedoria

O livro da Sabedoria é resultado da reflexão dos judeus que se encontram em Alexandria, no Egito, ao redor do ano 50 antes de Cristo. O tema da sabedoria faz contraponto à ideologia dos governantes do Egito com suas atitudes de dominação e de perseguição aos judeus. O caminho da sabedoria não segue a proposta idolátrica dos ímpios que concebem a vida como oportunidade para toda espécie de prazer, desfrutando gananciosamente dos bens presentes e perseguindo os justos. Em sua autossuficiência, descartam por completo a existência de Deus e não acreditam na vida após a morte. Os justos, porém, têm a Deus por pai e confessam que ele criou o ser humano para a imortalidade (cap. 2). A vida, portanto, não se resume no gozo do momento presente. Seu sentido verdadeiro somente as pessoas sábias conhecem.

Para dar maior importância e credibilidade à proposta da sabedoria, o escrito é atribuído a Salomão, que, na tradição judaica, é considerado o rei sábio por excelência (mesmo que historicamente ele não tenha sido tão sábio e tão justo como se apregoava). Esse Salomão idealizado pelos autores do livro tem consciência de ser uma pessoa comum como todas as demais, que nasceu e cresceu como todos os humanos e sabe que sua vida na terra é transitória. Sua grande preocupação é viver e governar segundo a justiça. Isso será possível pela aquisição da sabedoria que vem de Deus. Por isso, ele a invoca com persistência e Deus a concede generosamente.

A sabedoria é contemplada como o maior bem que uma pessoa possa adquirir, acima

de todo poder e de toda riqueza, “pois todo o ouro, ao lado dela, é como um punhado de areia”. Deve ser amada “mais que a saúde e a beleza”. Essas coisas passageiras somente adquirem seu valor verdadeiro quando iluminadas pelo brilho da luz sem ocaso, que é o da sabedoria, “a mãe de todas as coisas”. Por ela distingue-se o verdadeiro absoluto em quem devemos colocar toda a confiança.

Quando o livro foi escrito, o povo de Israel tinha conhecimento de que a sabedoria fazia parte dos dons do Espírito de Deus, conforme anunciara o profeta Isaías referindo-se à descendência de Davi: “Sobre ele repousará o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Is 11,2). A sabedoria, junto com os demais dons do Espírito Santo, nos possibilita orientar a nossa vida segundo os desígnios de Deus. É dom de Deus e, por isso, deve-se pedir com confiança. Jesus constatou que a sabedoria divina é revelada de modo especial entre os pobres e pequeninos e é ocultada aos grandes e “inteligentes” deste mundo (Mt 11,25-26).

2. Evangelho (Mc 10,17-30): Qual o jeito sábio de viver?

Jesus, com seus discípulos, encontra-se em caminhada para Jerusalém. Essa viagem tem, sobretudo, uma finalidade pedagógica. O episódio do homem rico vem proporcionar uma oportunidade especial para Jesus esclarecer qual a relação que seus seguidores devem ter com os bens materiais. O homem rico é representativo de todos os que se consideravam justos por cumprir a lei de Deus, conforme as orientações do sistema religioso oficial. A mentalidade dominante via na riqueza o sinal concreto de bênção divina (teologia da retribuição). Aquele homem estava convencido disso e dirige-se a Jesus cheio de confiança em seus próprios méritos. Ele corre e ajoelha-se diante de Jesus. Demonstra que estava ansioso por encontrar-se com o “bom Mestre” para ser confirmado em sua mentalidade e em suas atitudes. Jesus, porém, o desarma já de início (talvez por perceber uma intenção de bajulação): “Ninguém é bom a não ser Deus”.

O homem manifesta preocupação com a conquista da vida eterna. Considera-se uma

pessoa justa, um judeu perfeito e, portanto, em seu íntimo espera que Jesus lhe diga que está no rumo certo. De fato, no primeiro momento, Jesus o interpela sobre o caminho indicado pelos mandamentos. Porém, cita somente aqueles que se referem à relação com o próximo, acrescentando “não defraudes ninguém”. É uma indicação de que os muitos bens que o homem possuía eram resultado da defraudação dos bens devidos aos outros. Cai por terra a concepção teológica de que o acúmulo seria sinal de bênção divina. Estaria o homem disposto a entrar na dinâmica da teologia do Reino de Deus?

Jesus lhe demonstra muito amor mostrando-lhe como poderia ser verdadeiramente livre, sábio e justo: “Vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”. Como se vê, enquanto o homem está preocupado com a vida eterna para si mesmo, Jesus preocupa-se com os seres humanos que neste mundo não possuem o necessário para viver. A vida eterna está garantida para quem segue a Jesus na prática do amor com as pessoas necessitadas. É no serviço abnegado ao próximo que encontramos a plena realização já neste mundo. Assim contribuímos na construção de uma sociedade nova – o Reino de Deus –, que se fundamenta nas relações de justiça e de fraternidade. Para isso, precisamos vencer o grande empecilho que é o apego aos bens materiais. Aquele homem rico não conseguiu dar o passo de aceitar o convite de Jesus, tornar-se seu discípulo e ter um tesouro no céu. Decepcionado com o desfecho do diálogo com Jesus, foi-se embora entristecido, “pois era possuidor de muitos bens”. Apesar de ser cumpridor das leis religiosas oficiais, demonstrou que seu deus era o dinheiro.

Jesus continua a aprofundar a reflexão com seus discípulos: “Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus... É mais fácil um camelo entrar pelo fundo da agulha...”. O contraste evidente entre o camelo e o buraco de uma agulha mostra a impossibilidade de um rico de renunciar às seguranças e ao poder que a riqueza lhe dá para promover a justiça social. O espanto dos discípulos revela que também eles ainda estão imersos na mesma lógica do homem rico: “Então, quem pode ser salvo?”. A resposta que Jesus lhes dá ressalta que a graça de Deus pode proporcionar a conversão

também para os ricos, “pois para Deus tudo é possível”.

Aos discípulos que deixam tudo para segui-lo, Jesus lhes garante que usufruirão dos benefícios do Reino de Deus, isto é, da sociedade justa e fraterna. Nela não haverá discriminação nem miséria e, sim, acolhida, afeto, partilha e vida em abundância para todos e, “no mundo futuro, a vida eterna”. É uma proposta construída pelos que se fazem últimos e servos de todos e contradiz (por isso atrai perseguição) a dos primeiros (ricos e poderosos). Todos estão convidados por Jesus a desvencilhar-se da escravidão do dinheiro para tornarem-se agentes de um novo mundo. Esse é o jeito sábio de viver.

3. II leitura (Hb 4,12-13): A eficácia da Palavra de Deus

Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, as comunidades cristãs alimentam sua vida de fé e de amor especialmente através da Palavra de Deus. O breve texto da carta aos Hebreus faz parte de um contexto maior (3,1-13), onde os autores aprofundam o tema da fé como condição para entrar no repouso de Deus. Constatam-se que as comunidades a quem a carta é dirigida encontram-se em situação de sofrimento, de dúvidas e de instabilidade quanto à perseverança na fé em Jesus Cristo. O acontecimento do Êxodo é evocado como luz e força para a caminhada dos cristãos, na certeza de que alcançarão o repouso prometido por Deus. Para isso, deverão permanecer vigilantes para não cair nas mesmas tentações em que caiu o povo de Israel na caminhada pelo deserto quando endureceu o coração e não ouviu a voz do Senhor.

As comunidades cristãs formam o novo povo de Deus em caminhada para a terra prometida. Como no antigo Êxodo, o caminho guarda perigos de toda espécie. Conquistarão o repouso prometido os que perseverarem na fé em Jesus, o verdadeiro líder que guia o povo à terra da liberdade e da paz. Deus falou de muitos modos antigamente através dos profetas e, agora, através de seu Filho Jesus (Hb 1,1).

A prática da Palavra de Deus se dá no seguimento de Jesus. Ele é Palavra viva porque produz vida em abundância. Ele afirmou que suas palavras são “espírito e vida” (Jo 6,63); não é

letra morta; Jesus, a Palavra que se fez carne, trouxe vida ao mundo. Ela é eficaz porque Deus realiza o que diz, cumpre o que promete; é eficaz também porque quem a pratica produz muitos e bons frutos, da mesma maneira como fez Jesus. Ela é cortante como uma espada de dois gumes, isto é, não há realidade que ela não possa penetrar, não há segredos que não possam ser descobertos, não há transgressão que não possa ser denunciada, não há escuridão que não possa ser iluminada, enfim, não há situação que não possa ser transformada. Ela julga as disposições e as intenções do coração colocando tudo a descoberto. Baseadas na Palavra de Deus, as comunidades cristãs podiam confiar plenamente nas promessas divinas e caminhar com coragem e perseverança na fidelidade ao seu plano de amor e de salvação que se realizou plenamente em Jesus Cristo. Nós podemos também!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *O discípulo missionário do Senhor vive com sabedoria que vem de Deus.* Por ela sabemos discernir e praticar os verdadeiros valores. Sabemos responder com generosidade à vocação que Deus nos dá. Por ela exercemos a profissão com honestidade. A pessoa sábia resiste a toda espécie de maldade e se torna portadora da graça de Deus no mundo. A pessoa sábia é a que se esforça para fazer o bem sempre e em todo lugar...

– *A sabedoria se adquire e se cultiva pela oração e pela meditação da Palavra de Deus.* Esta se constitui como o fundamento para a vida de fé e de perseverança no caminho do bem. A Palavra de Deus é viva, eficaz, cortante como espada de dois gumes, torna-nos verdadeiros...

– *Somos peregrinos neste mundo, em caminhada para a terra prometida.* Sem a Palavra de Deus nos desorientamos levados por tantas outras “palavras” que o mundo nos oferece, como o apelo ao acúmulo de bens materiais, ao consumismo, à preocupação com o prestígio social, à busca ansiosa do prazer. Precisamos aprender com Jesus a não entrar na mentalidade dominante e a desvencilhar-nos de todas as amarras que tornam nossos passos pesados. Seguir a Jesus é aprender a caminhar na liberdade e leveza que se dá pela atitude de partilha e serviço mútuo.

A OFERTA DA VIDA COMO AÇÃO
SAGRADA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os textos bíblicos da liturgia deste domingo apresentam o “servo de Deus” que entrega livremente a sua vida como sacrifício expiatório. A etimologia da palavra “sacrifício” indica uma “ação sagrada”, portanto, relacionada com a realização da vontade divina. O “servo de Deus” para o profeta Isaías Segundo é o povo de Israel exilado na Babilônia. No meio do sofrimento, esse “servo” descobre a missão divina de levar sobre si as dores e transgressões de muitos e não somente de suas próprias faltas. Por meio do seu povo sofredor, Deus realiza seu desígnio de salvação para muitos outros povos (I leitura). As comunidades cristãs veem nesses textos a prefiguração de Jesus, o “servo sofredor” que veio ao mundo “não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”, como exprime o evangelho de Marcos. Os discípulos devem tomar consciência de que seguem um Messias antitriunfalista e, por isso, devem renunciar a toda ambição de poder e tornar-se servos uns dos outros (Evangelho). Pela entrega de sua vida como sacrifício expiatório, Jesus tornou-se o único e eterno sacerdote, capaz de compadecer-se de nossas fraquezas, pois se fez solidário conosco em tudo, menos no pecado (II leitura). Podemos nos aproximar dele com toda a confiança, pois é fonte de eterna misericórdia e de abundantes graças.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 53,10-11): O sofrimento solidário

Esse pequeno texto de Isaías Segundo faz parte do 4º cântico do servo de Deus (52,13-53,12). Os autores elaboram uma nova teologia a partir da realidade dos exilados na Babilônia. Revelam o significado do sofrimento pelo qual passam os oprimidos. Deus os assumiu como o seu servo amado e deu-lhes uma missão muito especial. Todos vão testemunhar a incrível transformação pela

qual Deus faz passar o seu “servo sofredor”. Até os opressores são obrigados a reconhecer. Eles diziam a respeito do servo: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado (...), familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto (...); não fazíamos caso nenhum dele. Nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado (...)”. Porém, esses mesmos vão exclamar admirados: “No entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, eram nossas dores que ele carregava” (53,2-4).

A palavra profética ilumina o sentido que está por trás dos acontecimentos. Deus se revela de modo surpreendente em cada contexto histórico. Quem poderia imaginar que um punhado de gente desprezada e abandonada se transformaria em sujeitos de redenção para muitos, até mesmo para seus opressores que se convertem? É da vontade divina que os pequeninos se tornem veículos de sua graça para o mundo. Essa consciência que vai crescendo no meio dos exilados, com a animação da profecia, os enche de coragem e esperança. O sofrimento passa a ser concebido não mais como castigo divino, mas como desdobramento da atitude de fidelidade à vontade divina. A pessoa justa sofre porque segue os desígnios de Deus e, por isso, contrapõe-se aos planos dos dominantes. Ao invés de fazer o jogo dos vingativos e violentos, assume sobre si as transgressões e dores do povo. Livre e conscientemente oferece sua vida em resgate da justiça para todos.

A atitude de fidelidade a Deus com todas as consequências faz do “servo sofredor” um vitorioso sobre a maldade do mundo. Não só isso. Porque ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório garantirá o triunfo do plano de Deus, que é a vida em plenitude para todos.

2 Evangelho (Mc 10,35-45): Jesus, o servo sofredor

As comunidades cristãs primitivas enfrentaram, como acontece nas comunidades de hoje, diversos conflitos internos. Um deles referia-se à disputa de poder entre as lideranças. Competições, ciúmes e invejas se manifestam também entre os cristãos. São manifestações que contradizem o ensinamento e a prática de Jesus. Por

isso, um dos objetivos do evangelho de Marcos é “voltar às fontes” originais da fé em Jesus Cristo. Os seus autores procuram recuperar a memória de Jesus de Nazaré a fim de que os cristãos permaneçam fiéis ao seu projeto e não se deixem contaminar pela ideologia de poder. Já se passaram aproximadamente quarenta anos após a morte e ressurreição de Jesus. A maioria das testemunhas oculares de Jesus histórico já morreu. A segunda geração de cristãos, diante de novos desafios, necessita de orientações sólidas. Para isso, nada melhor do que ver e ouvir de novo o que Jesus fez e disse.

O evangelho de Marcos concebe a viagem de Jesus com seus discípulos – da Galileia até Jerusalém (8,22-10,52) – como um caminho pedagógico. Nessa viagem, Jesus se preocupa, de maneira especial, em abrir os olhos dos discípulos para que compreendam que tipo de Messias ele é. Não basta confessar publicamente que Jesus é o Cristo, como fez Pedro em nome de todos (8,29). É necessário superar a ideia de que o Messias seria um líder poderoso prestes a manifestar domínio e glória. De fato, o episódio imediatamente anterior ao texto deste domingo revela que os discípulos carregam a pretensão de tirar proveito do poder que Jesus conquistaria ao entrar na capital. Tiago e João lhe pedem encarecidamente que sejam distinguidos dos demais e possam sentar um à direita e outro à esquerda de Jesus em sua glória. Os demais discípulos ficam indignados contra os dois numa demonstração de divisão interna pela disputa de poder. Jesus os chama e, com paciência e misericórdia, mostra-lhes as atitudes que devem ser renunciadas e as que devem ser praticadas pelos seus verdadeiros seguidores.

Há um jeito de ser que caracteriza os cristãos, totalmente diferente do que é adotado pelos grandes e importantes deste mundo: enquanto estes dominam as nações, os discípulos devem fazer o contrário: “Aquele que quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos”. Os critérios de Jesus subvertem os valores apregoados pela ideologia oficial. Os seus critérios são os do Reino de Deus. Somente pelo serviço abnegado de uns aos outros é que se estabelecem as relações sociais de justiça, paz e fraternidade.

CD Cantarei ao meu Senhor

Irmã Míria T. Kolling



Conviver com o povo africano, participar das suas liturgias e visitar a Ilha de Moçambique. Com essas vivências, irmã Míria compreendeu e valorizou ainda mais os estreitos laços culturais e espirituais que unem brasileiros e africanos. Essa experiência intensa inspirou-a a compor cantos para a liturgia que traduzem um pouco da autêntica música africana.

Faixas: 21
Cód.: 7891210011404

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

Os discípulos ainda não conseguem captar o sentido das palavras de Jesus. Não conseguem imaginar um Messias sem honra e sem privilégios. Como poderiam seguir um sujeito que escolhe ser servo quando poderia ser rei? Jesus não desiste: nessa caminhada pedagógica, ele anuncia por três vezes que o Messias deverá sofrer e ser morto; ele alerta que para segui-lo é necessário carregar a cruz. Seus ensinamentos são autenticados pelo testemunho concreto de sua vida: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Constata-se aqui uma íntima relação com o “servo sofredor” do profeta Isaías Segundo, conforme a primeira leitura da liturgia deste domingo. Jesus assume sua missão de fidelidade ao plano de salvação de Deus, entregando livremente sua vida. Abandonado e desprezado até pelos seus discípulos, doa-se por inteiro como vítima expiatória. Ele nos resgatou da morte para a vida.

As comunidades de Marcos e as comunidades de hoje são convidadas a analisar suas relações internas à luz do ensinamento e do testemunho de Jesus. Não há argumentos que possam justificar atitudes de superioridade de uns sobre os outros. As funções ou cargos necessários para dinamizar a evangelização não podem ser usados para benefícios e privilégios pessoais. No seguimento de Jesus, não há lugar para “grandes” e sim para “servidores”; não há lugar para “primeiros” e sim para “servos de todos”.

3. II leitura (Hb 4,14-16): Jesus solidário com nossas fraquezas

O texto de Hebreus aprofunda o tema do sacerdócio de Jesus Cristo. Os interlocutores certamente conhecem o sistema sacerdotal do judaísmo em que o sumo sacerdote exercia a função de mediador entre Deus e a comunidade, entrando uma vez por ano no Santo dos Santos (o lugar mais sagrado do templo de Jerusalém) para realizar o rito de purificação dos pecados em nome de todo o povo. Agora é Jesus o único mediador entre Deus e a humanidade. Não há mais necessidade de ofertas e sacrifícios nem no templo nem em qualquer outro lugar. Jesus mesmo se ofereceu em sacrifício, uma vez por todas, como expiação por todos os nossos pecados. Ele veio inaugurar a nova e definitiva Aliança.

Com sua ascensão, Jesus atravessou os céus e encontra-se junto de Deus Pai, onde exerce o seu sacerdócio eterno em favor de toda a humanidade. Tendo ele assumido a condição humana, experimentou em seu próprio corpo os limites e as fraquezas próprios de cada pessoa. Em tudo se fez igual a nós, menos no pecado. Fez-se solidário com os nossos sofrimentos até à morte. Foi incompreendido, perseguido, maltratado, abandonado e condenado como um marginal desprezível. Como “servo sofredor”, carregou sobre si as dores da humanidade, garantindo a redenção para todos, também para os que o crucificaram. Ora, se Jesus foi tão radicalmente solidário com os seres humanos, cada um de nós pode aproximar-se dele sem nenhum receio, com total confiança. Ele nos compreende perfeitamente e sabe compadecer-se de nossas fraquezas. Ele é a fonte de graças e pleno de misericórdia. Seu sacerdócio é permanente e eficaz.

Os autores da carta aos Hebreus transmitem às comunidades cristãs, formadas principalmente por judeus convertidos, a convicção de que estão vivendo um novo tempo. Por isso, mesmo em situação de sofrimento, devem permanecer firmes na profissão de fé e aproximar-se de Jesus com toda a confiança para receber a ajuda oportuna. Os cristãos podem caminhar na certeza do amor sem limites de Deus, revelado no sacrifício (= ação sagrada) expiatório de Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Somos servos e servas de Deus.* O povo de Israel, no exílio da Babilônica, animado pela ação profética, descobre sua vocação de ser “servo de Deus”. O sofrimento em que se encontra não é mais motivo de desânimo ou tristeza. Assumido livremente numa nova dimensão de fé, torna-se o meio pelo qual o povo percebe a presença amorosa de Deus que lhe oferece uma missão especial: carregar as dores e as transgressões do mundo. Através do seu “servo sofredor”, Deus irradia sua misericórdia e manifesta sua salvação a toda a humanidade. A partir dessa “teologia do servo sofredor”, podemos refletir sobre como Deus se revela hoje através das pessoas excluídas.

– *Seguir a Jesus com sinceridade.* O Evangelho de hoje chama a atenção para as influências que as ideologias de poder podem exercer sobre nós. Seguir a Jesus é renunciar à busca de fama e de prestígio e tornar-se servidor. Rompendo com toda forma de poder e assumindo a condição de servo, Jesus nos resgatou para a vida e abriu o caminho para uma sociedade justa e fraterna. Nossa prática cotidiana corresponde ao testemunho de Jesus?

– *Jesus fez-se solidário conosco.* Ele conhece nossas fraquezas. Podemos contar sempre com sua misericórdia. Ele é o único e eterno sacerdote que se oferece para que tenhamos vida em plenitude. A carta aos Hebreus nos alerta: “Permaneçamos firmes na profissão de fé”. Podemos caminhar com segurança nos passos de Jesus, oferecendo a nossa vida, com liberdade e consciência, na prática do amor e da justiça.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(28 de outubro)

DEUS VEM EM NOSSO SOCORRO
E NOS LIBERTA

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras bíblicas deste domingo nos introduzem no mistério do amor de Deus que se solidariza com as pessoas que sofrem e oferece-lhes a libertação de todos os males. É o Deus sempre fiel à Aliança que estabeleceu com o seu povo. Em qualquer situação histórica ele se encontra muito próximo, ouve as súplicas, acolhe as dores e indica-lhes os caminhos de vida e de liberdade. O profeta Jeremias proclama uma palavra de coragem e de esperança aos aflitos e desanimados no exílio da Babilônia: “O Senhor salva o seu povo!”. E Deus confirma que haverá de reunir o povo disperso, “entre eles há cego e aleijado, a mulher grávida e que dá à luz, todos juntos”, porque ele é Pai de todos (I leitura). Seu amor se manifestou de modo pleno em seu filho Jesus Cristo que veio para libertar o ser humano, sendo uma boa notícia aos excluídos como aquele cego, à beira do caminho, chamado Bartimeu, conforme narra o evangelho de Marcos. Sua cegueira reflete a dos discípulos que não con-

Folhetos O DOMINGO

Moderno, colorido e bem organizado, o folheto litúrgico-catequético O DOMINGO é um subsídio para a comunidade acompanhar e assimilar melhor a liturgia da missa e ter acesso direto aos textos litúrgicos para além da audição no momento da sua proclamação, facilitando e enriquecendo assim a meditação e o aprofundamento pessoal. Os folhetos trazem artigos de formação litúrgica e catequética com reflexões sobre as leituras de cada domingo e sobre temas importantes do momento eclesial atual.



Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



seguem entender que tipo de Messias é Jesus. Será compreendido somente após sua morte e ressurreição. É o Messias, Filho de Deus, que se entregou livremente para a vida do mundo. Ele é o sumo e eterno sacerdote, “capaz de ter compreensão por aqueles que o ignoram e erram” (II leitura). Em Jesus e com Jesus também nós assumimos o papel sacerdotal oferecendo a nossa vida como dom para Deus e para os irmãos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 31,7-9): O Senhor salva o seu povo

Jeremias foi um profeta ativamente engajado na política de seu tempo. Sua atuação se dá em várias etapas entre os anos de 630 a 580 a.C. O Reino do Norte (ou Efraim) fora invadido e destruído em 722 a.C. pelos assírios. Há muitos exilados na Assíria. Internamente, o povo sofre com a política centralizadora do rei Josias (cf. 2Rs 22-23). Além disso, Jeremias participou dos fatos que culminaram com a invasão do exército babilônico, a destruição do templo e da cidade de Jerusalém. Uma parte da população de Israel é deportada (cf. 2Rs 24-25). Devido à sua ação profética, Jeremias foi perseguido, preso e teve de fugir para o Egito, onde morreu.

O texto da liturgia deste domingo faz parte do chamado “livro da consolação” (Jr 30-31), onde, por ordem de Deus, Jeremias anuncia aos exilados um futuro de paz, de liberdade e de alegria na terra de Israel. Todos os exilados serão reunidos dos confins da terra e voltarão à sua pátria. Isso acontecerá por obra gratuita de Deus. É boa notícia que culminará com a celebração de uma nova Aliança: “Então serei seu Deus e eles serão o meu povo... Todos me conhecerão, dos menores aos maiores, porque perdorei sua culpa e não me lembrarei mais do seu pecado – oráculo do Senhor” (Jr 31,31-34).

A sociedade que Jeremias sonha com a volta dos exilados não é a restauração da monarquia, mas a fidelidade à Aliança com Deus. Ele liberta o seu povo da opressão do mais forte. Deus apresenta-se como “pai para Israel”, que reúne os filhos dispersos e

reconstitui sua família. Ninguém deverá ficar de fora. Os cegos, os aleijados e as mulheres grávidas são especialmente lembrados. Todas as pessoas fracas e indefesas recebem o cuidado prioritário. As mulheres grávidas e que dão à luz prenunciam o futuro de vida e alegria para o povo.

A profecia cumpre a missão de animar a esperança militante no meio das pessoas vítimas da opressão e da violência dos grandes. Deus toma posição e vem salvar os seus filhos e filhas cuja vida está ameaçada. Uma terra de liberdade e vida para todos é vontade de Deus e tarefa nossa.

2. Evangelho (Mc 10,46-52): Jesus liberta da cegueira

A cura do cego Bartimeu se dá na última parada de Jesus com seus discípulos antes da chegada em Jerusalém. Como já constatamos nos domingos anteriores, essa viagem, desde a Galileia, constitui-se num caminho pedagógico no qual Jesus se ocupa, de maneira especial, com a formação dos seus discípulos. Percebe-se que, no esquema do evangelho de Marcos, esse caminho está emoldurado entre duas narrativas de curas de cegos: a de Betsaida (8,22-26) e essa do cego à saída de Jericó. O primeiro cego recupera a vista após um processo gradual: Jesus o retira para fora da cidade, cospe-lhe nos olhos e por duas vezes impõe-lhe as mãos. Esse cego de Jericó, para recuperar a vista, Jesus não precisa nem mesmo tocá-lo. O cego de Betsaida é conduzido a Jesus por outras pessoas e não lhe é dado nome próprio; o da saída de Jericó tem iniciativa própria, grita a Jesus de Nazaré sem se deixar intimidar pelos que procuram calá-lo e possui um nome próprio. Podem-se perceber outros detalhes que revelam as diferenças e semelhanças entre os dois relatos.

Ambos os cegos são representativos dos discípulos frente ao conhecimento que possuem a respeito de Jesus. De fato, logo após a cura do cego de Betsaida, constatamos a confissão pública de Pedro que fala em nome dos demais discípulos. Teoricamente, ele sabe que Jesus é o Messias, mas não admite que seja vulnerável ao sofrimento e à morte impingida pelas autoridades religiosas e políticas de Jerusalém.

Nos discípulos permanece a concepção de um messianismo de poder e glória. Seguir a Jesus, para eles, é a oportunidade para realizar as suas ambições de fama e de domínio, o que provoca discussões internas a respeito de quem seria o maior. Eles estão em situação de cegueira. Compreenderão, pouco a pouco, quem é realmente Jesus e qual sua missão no mundo, conforme o texto de domingo passado: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10,45).

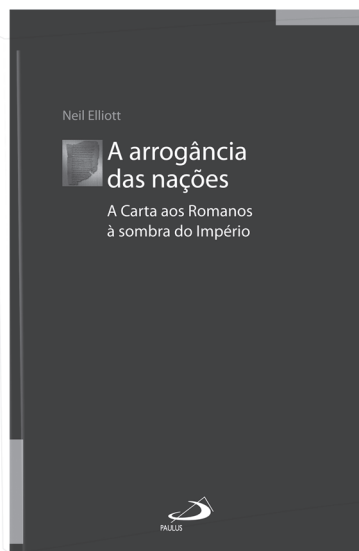
O cego Bartimeu representa o estágio conclusivo do processo de abertura dos olhos pelo qual os discípulos estão passando. Não é fácil desvencilhar-se das ideologias dominantes, representadas, nesses episódios, pelas cidades. O primeiro cego, Jesus o retirou de dentro de Betsaida para poder curá-lo. Bartimeu já está fora de Jericó e encontra-se à beira do caminho. Essa situação lembra o ensinamento de Jesus através da parábola da semente: “Os que estão à beira do caminho onde a Palavra foi semeada são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebatou a Palavra que neles foi semeada” (Mc 4,15). De fato, inicialmente Bartimeu se dirige a Jesus e, por duas vezes, o chama de “Filho de Davi”. Em sua concepção, Jesus seria o Messias à moda de um rei triunfalista. Satanás (que se manifesta nas ideologias dos grandes e poderosos) ainda domina a consciência de Bartimeu, como aconteceu com Pedro quando tentou impedir que Jesus fosse a Jerusalém e seguisse o caminho de um servo sofredor. Jesus reagiu dizendo: “Afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!” (8,33).

Jesus vence Satanás, que cega as pessoas. É necessária, porém, a disposição de deixar-se curar e mudar de mentalidade. É o que fez Bartimeu. Para isso teve de vencer os impedimentos daqueles que mandavam calar-se. Jesus ouviu o seu grito, parou e mandou chamá-lo. Deus ouve o clamor dos oprimidos! Perguntou Jesus: “Que queres que eu te faça?”. O cego já havia se desvencilhado de seu manto, que simboliza suas seguranças pessoais, sua dependência da mendicância, seu passado de atrelamento e de submissão a um sistema excludente. Está

A arrogância das nações

A Carta aos Romanos à sombra do Império

Neil Elliott



Ao longo deste estudo, Elliott encontra surpreendentes paralelos entre a antiga ideologia de Roma e o mundo ocidental de hoje, mostrando como a carta de Paulo teria sido lida, nos anos 50 d.C., a partir do contexto e das categorias da ideologia do Estado romano. Provocadora em sua interpretação, a tese básica do autor será bastante considerada pelos posteriores intérpretes de Paulo.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 216
Cód.: 9788534932325

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



pronto para acolher a verdade que liberta, que é Jesus e sua proposta. Agora não se dirige mais a Jesus com o apelativo de “Filho de Davi” e sim com a expressão reverente: “Rabbuni”, que significa “meu mestre”. E manifesta seu profundo desejo, fruto de uma longa busca: “Que eu possa ver novamente”. É sinal que ele um dia enxergava. O veneno de “Satanás”, ou seja, os ideais que não são de Deus, o cegaram. Bartimeu são os discípulos que abrem os olhos com a graça de Jesus e o seguem no caminho da cruz. Bartimeu é cada um de nós: Jesus nos ajuda a abandonar o “manto” do egoísmo e da submissão às ideologias dominantes e tornar-nos conscientes da missão que temos de construir um mundo como casa de vida digna sem exclusão.

3. II leitura (Hb 5,1-6): O sacerdócio de Jesus

A carta aos Hebreus apresenta Jesus como sumo e eterno sacerdote. Para que os ouvintes e leitores pudessem entender essa mensagem, os autores tomam como exemplo a função sacerdotal exercida na tradição judaica. O sumo sacerdote era investido da mais alta dignidade como mediador entre Deus e o povo. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados do povo e também pelos seus. Essa imensa honra só podia ser concedida para quem era chamado por Deus, que, por tradição de fé e legitimação legal, correspondia a alguém da descendência de Aarão. A descrição do sumo sacerdote aqui é idealizada, pois sabemos que essa função no templo de Jerusalém foi, muitas vezes, conquistada por pessoas interesseiras que faziam o jogo da política imperial. Também dificilmente um sumo sacerdote agia tendo consciência de suas próprias fraquezas com a compreensão das fraquezas dos outros.

Portanto, a idealização da função sacerdotal visa a contemplar e acolher na fé o novo e definitivo sacerdócio de Jesus Cristo, totalmente superior ao do antigo. Entregando-se como vítima expiatória pelos pecados de toda a humanidade, tornou-se o eterno sumo sacerdote. Ele não entrou na linhagem sacerdotal que oficialmente se concebia no sistema religioso judaico. Não é por descendência de Aarão, e sim “segundo a ordem

de Melquisedec”. Essa personagem é de origem misteriosa. Ela aparece a Abraão (Gn 14,18-20) como “Rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo”, concedendo a bênção ao pai do povo de Israel. Revela ser superior a Abraão. Com isso, relaciona-se com a superioridade do sacerdócio de Cristo sobre o sacerdócio de Aarão. O nome de Melquisedec significa “em primeiro lugar ‘Rei da Justiça’; e, depois, ‘Rei de Salém’, o que quer dizer ‘Rei da Paz’” (Hb 7,2). É a figura da missão sacerdotal de Jesus Cristo recebida diretamente de Deus Pai. Ele assumiu a condição humana e é capaz de compreender as fraquezas do ser humano. Com plena humildade e obediência a Deus, ofereceu-se uma vez por todas para a justiça, a paz e a salvação do mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *O Senhor, nosso Deus, vem para nos salvar.* Ele é nosso Pai misericordioso. O profeta Jeremias percebe a presença consoladora de Deus no meio do povo exilado. Anuncia a palavra de esperança e alegria, que é a reunião de todos os dispersos na terra onde reina a liberdade e a paz. Ninguém fica de fora: os cegos, os aleijados e as mulheres grávidas que representam as pessoas frágeis e indefesas recebem proteção e carinho especiais... É oportuno relacionar com o mês das Missões...

– *Jesus é Deus que se fez carne.* Caminha com seu povo e ajuda os discípulos a reconhecê-lo como o Messias servidor, curando-os da cegueira das ideologias dominantes. Bartimeu representa todos os que buscam a Jesus com sinceridade. Vence as barreiras dos que desejam impedi-lo. Jesus ouviu o grito de Bartimeu, parou, deu-lhe atenção e a visão foi recuperada. O que nos impede de conhecer e seguir verdadeiramente a Jesus Cristo? Em que “cegueiras” podemos cair hoje? Como podemos nos libertar delas? Pode-se enfatizar a importância de participar do processo de iniciação à vida cristã, dos cursos de formação...

– *Jesus é nosso mediador junto a Deus Pai.* Ele nos conhece integralmente, pois se fez nosso irmão. Deu o exemplo de entrega da vida pela paz e justiça no mundo. Envia e abençoa os seus discípulos missionários para que continuem a sua obra...